

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão Literatura

Maio/2021

nº 71

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

You Tube



ENTREVISTA

Livia Corbellari
do canal Livros por Livia



E MAIS

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

MAIO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
Entrevista com a youtuber Livia Corbellari, pág. 05
Dicas para leitura, pág. 09
Crônica: Os anos de nossa desesperança, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 10
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 15: Meu coração, a calma de um mar, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 14
Literatura: Júlia Lopes de Almeida: poderia ser ela mesma, a intrusa, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 19
Arte: "Cartas escolhidas" de um insólito Buonarroti: o olhar crítico de Maria Berbara sob o corpus epistolar de Michelangelo, por Reginaldo Leite, pág. 24
Crônica: Aulas de filosofia e o "contingente", por Flávio Vidigal, pág. 29
NetFlix: Série baseada no universo de Arthur Conan Doyle tem um Sherlock Holmes bem diferente, por Ademir Pascale, pág. 33
Seção "Leitores Indicam", pág. 35
Ensaio: De Gutenbergs à concepção de livro na atualidade: apontamentos sobre a (in)estética do livro de artista, por José Flávio da Paz, pág. 36
Entrelaçados: culturas e escritas de Angola e do Brasil - Antologia de Prosa e Poesia, pág. 45
Seção "Leitores Indicam", pág. 47
Paradise Ocean Books, pág. 48
Multimídia/Educação: Docência, multimídias e ciberculturismo, por Oliane Aparecida de Oliveira, pág. 60
Entrevista com o escritor Clóvis Rezende, pág. 73
Entrevista com o escritor Bert Jr., pág. 77
Seção "Leitores Indicam", pág. 80
Entrevista com o escritor Gladston Salles, pág. 81
Entrevista com a escritora Kátia Surreal, pág. 84
Entrevista com o escritor Reginaldo Leite, pág. 88
Entrevista com o escritor Paulo Cordeiro Saldanha, por Auxiliadora dos Santos Pinto, pág. 91
Conto: "Olhares Apaixonados", por Ademir Pascale, pág. 101
Conto: "A menina do quarto 13", por Roberto Schima, pág. 105
Conto: "Subterrâneo", por Míriam Santiago, pág. 122
Conto: "A magia do aço", por Clóvis Rezende, pág. 126
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 130

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

Nossa edição de maio destaca a youtuber Livia Corbellari, do canal *Livros por Livia*. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ela.

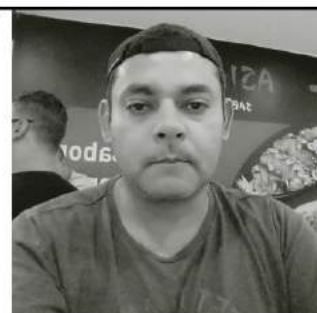
O leitor também poderá conferir dicas de livros, crônicas, contos, entrevistas e dicas para participação em antologias de contos e poemas.

Para saber como participar da nossa edição de junho, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



LÍVIA CORBELLARI- FOTO: HEITOR RIGHETTI

ENTREVISTA COM LÍVIA CORBELLARI, DO CANAL LIVROS POR LÍVIA

Livia é jornalista, produtora cultural, escritora, poeta com diversos poemas publicados em revistas de literatura e idealizadora do projeto literário “Livros por Livia”. “Carne Viva”, publicado em 2019 pela editora Cousa, é seu primeiro livro de poemas.

Entrevista

Conexão Literatura: Você criou em 2013 o projeto literário “Livros por Livia”, que incentiva e divulga a literatura produzida no Brasil, com foco para o Espírito Santo, por meio de resenhas, entrevistas com escritores e eventos como saraus, lançamentos de livros e conferências. Poderia comentar?

Livia Corbellari: Esse projeto surgiu quando eu ainda estava na faculdade de jornalismo e era estagiária na editoria de cultura do jornal *Século Diário*. Neste jornal, além das minhas pautas diárias, comecei a publicar algumas resenhas sobre livros que eu lia e acabava postando as resenhas em um blog que criei na época com o nome “Livros por Livia”.

Após a faculdade, eu comecei a trabalhar principalmente com assessoria de imprensa para escritores e projetos culturais e também com redes sociais e produção de alguns eventos de literatura. Eu comecei a associar alguns desses trabalhos ao Livros por Livia que começou a crescer além do blog, se tornando de fato um projeto de difusão literária. Ao

longo dos anos fui desenvolvendo meus próprios projetos como o sarau Zona Literária e o canal no YouTube.

Conexão Literatura: O projeto agora avança mais um passo e chega ao YouTube

(<https://www.youtube.com/livrosporlivia>) com vídeos de resenhas com análises detalhadas de livros da literatura contemporânea, incluindo diversos escritores e escritoras capixabas. Como está sendo a receptividade dos seguidores com os seus vídeos?



Livia Corbellari - Foto: Savya Alana

Livia Corbellari: O lançamento de cada um dos episódios está sendo muito bom, principalmente desta nova temporada que conta com recursos da Lei Aldir Blanc e é focada na literatura produzida no Espírito Santo. Nós tivemos um retorno positivo dos escritores que tiveram suas obras resenhadas e o público do canal também está gostando muito do conteúdo. Espero que os vídeos consigam ser vistos ainda mais e cumpram a sua função de gerar um registro e uma memória sobre a literatura capixaba e que este seja apenas o início de mais um trabalho de fomento à leitura no Espírito Santo.

A diferença desta nova temporada com auxílio da Lei Aldir Blanc é que preparamos 4 episódios apenas sobre autores e autoras capixabas e, por meio dos recursos eu consegui adquirir equipamentos de vídeo para profissionalizar as produções no youtube, manter a continuidade do canal e também contar com uma equipe de profissionais para colaborar com o projeto.

Conexão Literatura: até o momento, quantos vídeos você já publicou em seu canal?

Livia Corbellari: Temos 21 vídeos publicados.

Conexão Literatura: Poderia destacar para os nossos leitores um dos seus vídeos?

Livia Corbellari: Difícil destacar 1 só. Posso destacar 3? Este aqui é o episódio que encerrou a nova temporada: <https://www.youtube.com/watch?v=NhtZA2zLpzQ&t> . Esta temporada é muito

especial porque contou com os recursos da Lei Aldir Blanc que me proporcionou fazer um trabalho ainda mais profissional e contar com uma equipe que trabalhou comigo. O livro “Outras Tramas”, org. de Nieve Matos, reúne 15 dramaturgias escritas por e para mulheres em processo colaborativo durante os encontros do coletivo Elas Tramam.

Este foi o primeiro livro de um autor capixaba que eu resenhei: <https://www.youtube.com/watch?v=GV5JM-4Hdnk> O romance “Quiche”, de João Chagas, aborda o processo criativo em volta da escrita, mas também é sobre amizade, cumplicidade e as diversas formas de resistir e existir nos dias de hoje. O livro conta a história de Só, que vai morar com Nego, para conseguir escrever seu primeiro livro. Nêgo, então, apresenta sua amiga Lia a nova companheira de casa e juntos os 3 começam uma relação de companheirismo.

Este é o primeiro vídeo do canal:

<https://www.youtube.com/watch?v=SVNojLC6axU&t> que completa 1 ano da sua publicação neste dia 30 de abril. É muito legal ver toda a evolução do canal neste 1 ano e decidi começar por este livro porque lancei o canal no meio da pandemia e esta distopia “Corpus Delicti”, da escritora alemã Juli Zeh, fala sobre uma sociedade que erradicou todas as doenças, mas paga um preço caro por isso.

Conexão Literatura: Como você faz a escolha dos livros que serão resenhados em seus vídeos?

Lívia Corbellari: É uma escolha bem pessoal. Eu sou uma leitora que gosta de muitos gêneros diferentes e isso faz com que a minha curadoria seja bem diversa. Eu também gosto de ler autores de estados e países diferentes e estou sempre pesquisando para conhecer novos escritores e escritoras. As leituras que mais me afetam são as que eu tenho mais vontade de resenhar para o canal e assim vou escolhendo.

Conexão Literatura: E sobre os eventos literários, poderia comentar?

Lívia Corbellari: Durante este momento de pandemia, esse braço do projeto está parado. Eu realizei algumas lives ano passado entrevistando alguns autores e autoras capixabas para falar justamente sobre como o isolamento social tem afetado os seus processos criativos, essas conversas podem ser acessadas pelo meu instagram. Mas o grande objetivos dos eventos que eu produzo é gerar encontros e, por isso, decidimos dar uma pausa, ou produzir em formato de live.

Eu também estava preparando uma segunda edição do sarau que eu organizo que se chama Zona Literária e estamos pensando em fazer uma versão virtual dele, mas ainda não fechamos o formato.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?





Livia Corbellari – Sarau – Foto divulgação

Livia Corbellari: No momento estou trabalhando no formato virtual da Zona Literária e também começando a escrever um segundo livro.

Perguntas rápidas:

Um livro: A teus pés, Ana Cristina Cesar

Um (a) autor (a): Octavia Butler (última autora que li)

Um ator ou atriz: Daniel Kaluuya

Um filme: Rastros (filme baseado no livro Sobre os ossos dos mortos, de Olga Tokarczuk)

Um dia especial: o dia do lançamento do meu primeiro livro “carne viva”



INSCREVA-SE NO CANAL “LIVROS POR LÍVIA”

<https://www.youtube.com/livrosporlivia>

DICAS PARA LEITURA



Antologia dos melhores poemas
Ademir Pascale (org.)

Acesse



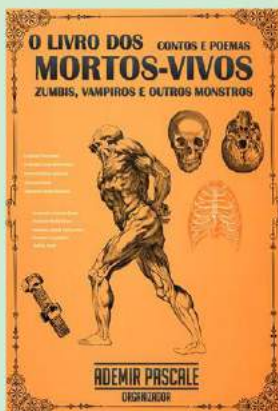
Poesias ao Luar - Volume II
Ademir Pascale (org.)

Acesse



Histórias para ler e morrer de medo - Volume IV
Ademir Pascale (org.)

Acesse



O livro dos mortos-vivos
Ademir Pascale (org.)

Acesse



Entressafra
Isabel Guéron

Acesse



O baralho de predizer adultérios
Frederico Monteiro

Acesse

“Cresci no meio de livros, fazendo amigos invisíveis em páginas que se desfaziam em pó cujo cheiro ainda conservo nas mãos.”
– Carlos Ruiz Zafón



OS ANOS DE NOSSA DESESPERANÇA

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Não é outono, não é inverno, não é uma temporada apenas. A impressão que a gente tem, hoje, no limiar da terceira década, é que entramos numa espécie de Terceira Guerra Mundial onde os humanos confrontam inimigos invisíveis, com forma de caroço de mamona, vistos sob o prisma de poderosos microscópicos, indivíduos unicelulares, sem corpo, sem alma, sem objetivo explícito — destruir apenas, como os seus congêneres, ou destruir e exterminar.

Falando em analogia à guerra, no início dos anos 1940, o primeiro-ministro da Inglaterra Neville Chamberlain, que promoveu inúmeros encontros com o chanceler da Alemanha nazista Adolf Hitler, tendo em vista um plano de paz concreto para a Europa que ainda sofria as sequelas da cruel Primeira Grande Guerra, iludiu a si próprio e aos seus compatriotas e aliados, vendendo a ideia de que o fùhrer era um homem determinado a apenas reaver os territórios que Alemanha perdera nas infelizes cláusulas de rendição do Tratado de Versalhes.

De fato, Hitler, a grande bactéria de bigodes cômicos e burlescos, trabalhava na surdina; armava-se até os dentes, e, pouco a pouco, ia recuperando os territórios da Alsácia-Lorena; os sudetos; e outras regiões limítrofes da Germânia, que ele julgava pertencer de fato ao povo alemão.

Mas chegou o dia em que a raposa de origem austríaca invadiu sem pudor algum a nação livre da Polônia e Chamberlain e outros líderes ocidentais acordaram de queixo caído, ou viram que o pesadelo que eles tanto tateavam tornou-se realidade.

Resultado: Chamberlain, fraco e desacreditado, declara guerra à Alemanha, num ato xoxo, que não convence nem a si mesmo quanto à capacidade dos britânicos e seus



aliados enfrentarem aquele inimigo histriônico, aramado até os dentes e mal intencionado. Dizia-se à boca pequena que os aliados consideravam que Hitler iria se contentar em amealhar alguns territórios vizinhos; dar-se-ia por contente e que a guerra teria termo em um par de meses.

Felizmente nem todos os aliados tinham o pensamento pusilânime de Chamberlain e companhia. Quando a sombra da monstruosa suástica invadiu o céu da Europa ocidental, era a hora de homens pragmáticos como Winston Churchill assumirem a batuta e enfrentarem o grande problema de corpo e alma abertos. Eles estavam certos. À época, em 1940, não se sabia quanto tempo o pesadelo que se advinha iria durar. Aquilo que os crédulos previam durar meses, custou mais de cinco anos; ceifou quase cem milhões de vidas; destruiu milhares de cidades tradicionais; cidades e sítios milenares e históricos; praticamente exterminou uma raça inteira (os judeus); alterou radicalmente a geopolítica do mundo virando-o de pé a cabeça e, por muito pouco, não dividiu o planeta em pedacinhos.

A similitude da Segunda Guerra e da presumível Terceira Guerra acaba aqui. Hoje, no ano de 2021, acho que estamos ainda tateando e especulando o porvir. Em 1940, o inimigo era de carne e osso e tinha capacidade de reprodução limitada. Hoje, não. Não sabemos sequer 1/1000 do potencial do inimigo, de onde o microrganismo surgiu, como ele se formou, se foi algum erro de experimentação de algum desastrado laboratório de microbiologia e qual o real desígnio da nano criatura.

Então ficam algumas questões práticas para agora, abril de 2021: quem em sã consciência é capaz de desprender as suas poupanças para participar de uma missão tripulada à Marte em 2023, com direito a levar passageiros indesejados e microscópicos em sua bagagem?

Qual o empreendedor que irá comprometer o seu capital para construir complexos turísticos na Polinésia? Quem vai ser o armador que irá encomendar meia dúzia de transatlânticos para singrar os oceanos recheados de turistas abonados? Quem bancará, hoje, um complexo turístico no estilo Disney em qualquer parte do mundo.

A realidade, nua e crua, é que vivemos no mundo do faz-de-conta e estamos nos balizando nas melhores hipóteses, no caminho feliz, nas boas práticas, que consiste tão somente na imunização completa da humanidade no prazo de um ano; contamos com o não surgimento de variantes de uma família de vírus mais agressiva (comparativamente, digamos que SARSCov2 atual é uma onça, mas se ele transmutar-se num leão? Ou num dragão?). Quais as consequências que uma mutação severa do vírus deve provocar? Um efeito cascata, espiralado, poderemos entrar num loop infinito? Em suma, a humanidade não tem respostas para isso e nem Plano B.

Ok, tudo poderá voltar ao normal dentro do prazo que desejamos. Vamos seguir o curso natural, qual seja, tudo pode voltar ao normal (ou novo normal) em um ou dois anos. Entretanto se esse inverno monstruoso durar décadas? Quem sabe? Quem pode contradizer essa inferência nesse exato momento?

Fica a nossa resignação de que o homem sempre saiu de problemas crônicos desde o início dos tempos. A desesperança vai ceder lugar à esperança em algum ponto da curva. Por exemplo, ontem fui dormir triste e angustiado, no entanto, acordei hoje, abri a janela e o sol estava radiante.

Aqui do terceiro do meu prédio, vi uma criancinha brincando no jardim do condomínio e ela tentava empurrar com os seus dedinhos uma joaninha rubro-negra para dentro de um pequeno frasco de vidro e isso encheu o meu coração de bons augúrios.

Como dizia o poeta: “fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita”. Que essa lógica perdure e prevaleça. Amém!



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 15: *Meu coração, a calma de um mar*

Literatura

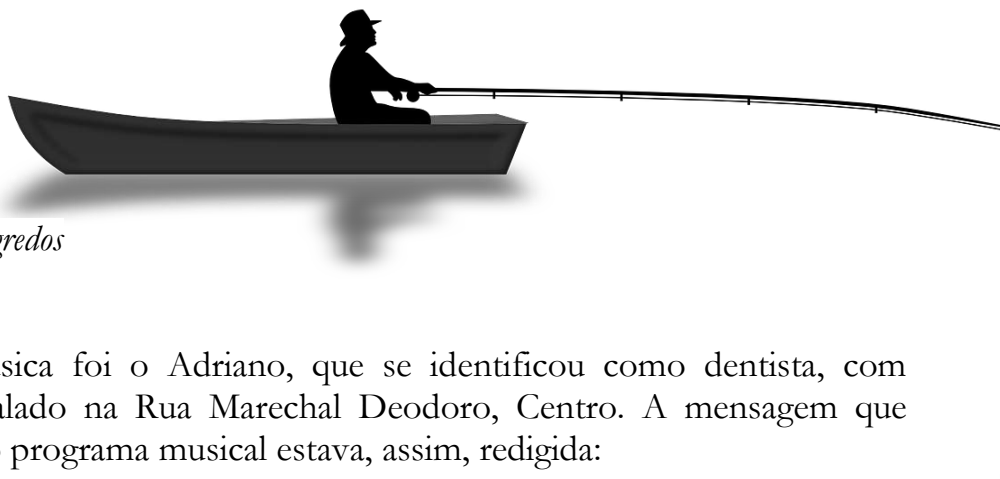
Nascido em 29 de agosto de 1958, em Gary, Indiana, o cantor, compositor e dançarino estadunidense Michael Jackson completou, em 1983, vinte e cinco anos de vida. Dados sobre o “Rei do Pop” dizem que ele começou sua carreira profissional aos 6 anos, em 1964, junto com seus irmãos mais velhos Jackie, Tito, Jermaine e Marlon na banda The Jackson 5. Em 1971, iniciou sua carreira solo na Motown Records. Entre os discos que gravou: *Got To Be There* (1971), *Ben* (1972), *Music & Me* (1973), *Forever, Michael* (1975), *Off The Wall* (1979) e *Thriller* (1982). Esse último álbum, aliás, considerado a maior sensação da América, foi o mais vendido nos Estados Unidos, ao longo de 1983.

– Já estamos de volta e ouvimos RING RING com o grupo sueco ABBA. Esta música foi gravada em 1973. Sucesso mundial, inclusive no Brasil, a melodia alcançou a primeira posição nas paradas da Suécia. Se não estou enganado, a cantora Sueli gravou a versão brasileira sob o nome de “Férias na Praia”. Simbora!!! Falemos, agora, do próximo

sucesso musical. Desde a edição do Festival MPB da Rede Globo, em 1980, essa canção alcançou enorme sucesso e, ainda, hoje, continua tocando. Com interpretação de Jessé, a canção é de autoria de Zeca Bahia e Ginko. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Sim, vou decifrá-los. Para aqueles que nos sintonizam, neste momento, desejamos uma tarde produtiva e muito feliz. Acompanhemos os versos:

*Se um veleiro repousasse
Na palma da minha mão
Sopraria com sentimento
E deixaria seguir sempre
Rumo ao meu coração
Meu coração
A calma de um mar
Que guarda tamanhos segredos
Diversos naufragados...*



Quem indicou a música foi o Adriano, que se identificou como dentista, com consultório protético instalado na Rua Marechal Deodoro, Centro. A mensagem que entregou à coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Acredito que o Festival da Música Popular Brasileira, promovido pela Rede Globo de Televisão, em 1980, tenha sido, até a presente data, a última vitrine para os grandes compositores e intérpretes da nossa música popular. Canções como “Agonia”, na voz de Oswaldo Montenegro, “Foi Deus Quem Fez Você”, com Amelinha, e “A Massa”, de Raimundo Sodré, estarão sempre vivas na lembrança de todos aqueles que foram agraciados com a exibição dessas obras musicais de inestimável valor, e que torceram, durante o festival, por suas melodias favoritas. A música que indico deu a Jessé o título de melhor intérprete da competição. Feliz Ano Novo!!! E grato pela atenção.

Informações da assistente de locução deixaram claro que o cantor Jessé nasceu em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Em 1980, ganhou notoriedade nacional ao participar do Festival MPB da Rede Globo, com a música “Porto Solidão”. Foi eleito o melhor intérprete do Festival. Outros sucessos de Jessé: “Solidão de Amigos”, “Campo Minado” e “Voa Liberdade”.

– Felicidade ao extremo, alegria incomum e alto astral!!! Que tal viajarmos nas asas dessa linda canção? Sonoplasta, tudo ok? Queremos ouvir PORTO SOLIDÃO, sucesso absoluto na voz de Jessé. Na sequência, MAMMA MARIA, composição de C. Minellono e D. Farina, com Ricchi & Poveri; e A CANÇÃO QUE DEDICO A VOCÊ com Nelson Ned. Sonoplasta, por favor, solta o som!!!

SONOPLASTIA:

Músicas: PORTO SOLIDÃO (1), MAMMA MARIA (2) e A CANÇÃO QUE DEDICO A VOCÊ (3).

– Muito bem, continuamos com você, nesta tarde maravilhosa de 31 de dezembro de 1983, fazendo o melhor programa musical que a cidade já presenciou!!! Você ouve A CANÇÃO QUE DEDICO A VOCÊ, composição do próprio Nelson Ned, que também a interpreta de forma magistral. Querem saber um pouco mais sobre o Pequeno Gigante da Canção? Observemos as anotações elaboradas pela nossa assistente de locução: Nelson Ned nasceu na Cidade de Ubá, no Estado de Minas Gerais, no dia 2 de março de 1947. Cantor e compositor de reconhecimento internacional, seu repertório é praticamente voltado para a música romântica. Até os dias atuais, o seu maior sucesso é a canção “Tudo Passará”, gravada em 1969. Essa música, a propósito, foi regravada por vários cantores famosos, haja vista o êxito alcançado na voz de Nelson Ned. Outros grandes sucessos musicais do Pequeno Gigante da Canção: “Se Eu Pudesse Falar Com Deus”, “Se as Flores Pudessem Falar” e “Domingo à Tarde”.

.....

– Tá gostando? Aqui é o seu lugar!!! Fique ligado nesta notícia: A seleção musical “Staroup Jeans Club”, produzida, em 1980, pelo selo Polydor, destaca os seguintes sucessos: “I Don’t Want To Be With Noboby Else”, “Hotbox”, “Let Me Know”, “First Be A Woman”, “Don’t Cry For Me Argentina”, “Kabaka Shaka”, “Lady Writer”, “Living On An Island”, “Spooky”, “Can’t You Feel My Love”, “Special Lady” e “I Pledge My Love”.

.....

– Em fundo musical, RING RING com o grupo ABBA. No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso ouvinte Luís de Gonzaga, morador da Travessa Santa Teresa, Centro, indicou o álbum da banda THE FEVERS, lançado pela gravadora EMI Odeon, em 1981. O LP é composto por treze faixas. No Lado A: “De Do Do Do, De Da Da Da”, “Eu Preciso de Você”, “Rabo de Foguete”, “Coisa Proibida”, “Santa Maravilha” e “Meu Grande Amor”. No Lado B: “Quem Tudo Quer”, “Xanadu”, “Não Fui o Vencedor”, “Lembrança”, “A Teu Lado Quero Estar”, “Não Importa o Tempo” e “Sim ou Não”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da banda The Fevers!!!

A seguir, a assistente de locução decifrou mais um cartão de boas festas encaminhado à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Em trabalho artesanal, trazia esse sábio recado:

Sobre tudo o que se deve guardar, guardemos os nossos corações, porque deles procedem as fontes da vida. Desviemo-nos da falsidade da boca, e afastemo-nos da

perversidade dos lábios. E lembremo-nos sempre: um coração com DEUS representa maioria, contra toda uma multidão desvairada. Feliz Natal!!! No Ano Novo, semeemos amor, para colhermos prosperidade, alegria, felicidade e paz.

Há alguns meses na cidade e, temporariamente, morando na Rua Benjamin Constant, Centro, a nossa querida ouvinte Stephanie foi quem nos encaminhou essa bela mensagem. Na oportunidade, agradei e retribuí seus votos de boas festas.

– Daqui a pouco tem José Roberto com TENHO UM AMOR MELHOR QUE O SEU. Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Esta é a sintonia mais gostosa!!!

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER **AUTOESTIMA** FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com



JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: poderia ser ela mesma, a intrusa

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

- Ora, não digas isso! Ela lê... e escreve... e demonstra muito jeito para a música. Afinal, não se educa para doutora nem para professora. No meu tempo não se exigia tanto...
- Não é razão. A mulher hoje precisa ser instruída, solidamente instruída, mamãe, e eu quero, eu exijo que minha filha o seja. (ALMEIDA, Júlia Lopes de. In: *A intrusa*).

Literatura

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA (1862-1934) foi uma escritora singular da Literatura brasileira do século XIX. Escreveu uma Literatura tão expressiva quanto de seus contemporâneos, a exemplo do próprio Machado de Assis. No entanto, ela e várias escritoras daquele século, foram invisibilizadas pelo patriarcalismo.

Escreveu crônicas, contos, romances, teatro, jornalismo, ensaios, conferências, Literatura do gênero fantástico se levar em consideração o enredo de *A caolha*, livros de Literatura infantil, além de vários textos em periódicos, atividade incomum para as mulheres naquele contexto histórico. Participou inclusive das ações que levaram à Fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, porém, não teve uma cadeira reservada por ela ser mulher, e o modelo da ABL, baseado no perfil da academia francesa, só admitia homens.

Mas, Júlia foi uma mulher transgressora no XIX, apesar de ser oriunda de família tradicional, teve pais intelectuais que permitiram que ela fosse criada entre os afazeres de uma educação feminina voltada ao ambiente doméstico, bem como acesso aos livros. Sua

casa era um ambiente frequentado por jornalistas e músicos, “caracterizando-se como um importante espaço de sociabilidade da intelectualidade local. Júlia cresceu, portanto, em um ambiente familiar onde o gosto pela leitura e pela escrita era estimulado. Sua irmã mais velha, Adelaide, compunha poemas que recitava nos saraus promovidos pelos pais, onde as outras irmãs, Maria José tocava piano e Adelaide cantava e declamava”. (ENGEL, 2009, p. 27).

Ademais, Júlia foi casada com o escritor português Filinto de Almeida, outro homem que a possibilitou ter acesso à leitura. Ela foi uma autora comprometida e criticava os valores de uma sociedade estruturada sobre um conjunto de estereótipos que postulavam e moldavam os papéis de sexos, reservando à mulher o ambiente doméstico/familiar.

Por outro lado, Júlia “foi testemunha ocular da intensidade com que as transformações histórico-sociais se processavam no Rio de Janeiro, especialmente aquelas anunciadas e oriundas da transição do Brasil Império para o Brasil República, tendo até mesmo transformado sua produção literária em canal de manifestação da mulher burguesa, culta e desejosa de reconhecimento profissional” (FANINI, 2009, p. 323), como o leitor pode perceber no enredo de suas obras, sobretudo quanto as suas personagens femininas, a exemplo de Alice Galba do livro *A intrusa*.

Para Fanini (2009), ao mesmo tempo em que as experiências social e literária de Júlia Lopes de Almeida induzem ao questionamento acerca do monopólio da legitimidade artístico-literária, voltado ao masculino das práticas que investem de poder e autoridade determinados artistas, em detrimento de outros, seu percurso e seus escritos deixam entrever uma postura mais ajustada ao campo literário, justamente porque sua presença está associada “à conciliação apaziguadora que promoveu entre os afazeres como esposa e mãe e a dedicação à escrita, perfazendo uma espécie de panegírico de atribuições então consideradas dissonantes.” (FANINI, 2009, p. 323).

Julia Lopes de Almeida conseguiu conciliar muito bem esses dois universos literário/artístico (profissional) ao social (vida doméstica) e, por meio de uma escrita elegante e consciente do lugar de fala de uma mulher, questionou a categorização classista de inferioridade atribuída à mulher pelo patriarcado que ela viveu, e, grosso modo, foi mais uma vítima desse sistema que por muito tempo tentou invisibilizá-la, entretanto, a força de sua escrita e temáticas recorrentes em seus textos eram mais perspicazes do que o apagamento social induzido pelo falocentrismo de seu tempo.

Isso pode ser observado no próprio reconhecimento que algumas pessoas influentes no espaço literário tinham em relação ao trabalho de Júlia – como a diretora da Revista *A mensageira*, Presciliana Duarte de Almeida. Sobre Júlia, Presciliana escreveu em um dos textos da revista de orientação feminina “Será recebida com indiferença a *Mensageira* – portadora feliz da prosa [...] de Júlia Lopes de Almeida.” (apud COSTA, 2012, p. 406).

Tal indiferença reportada pela diretora de *A mensageira* se refere aos assuntos abordados pela revista que tinha como propósito refletir o papel da mulher na sociedade. Assuntos não apreciados, por uma boa parte da sociedade, ao que parece até hoje. Nessa revista, Júlia ainda assinou a artigo *Entre amigas*, “uma espécie de ensaio por Júlia Lopes de Almeida, que ameaça o tempo todo discorrer sobre o papel da mulher na educação dos

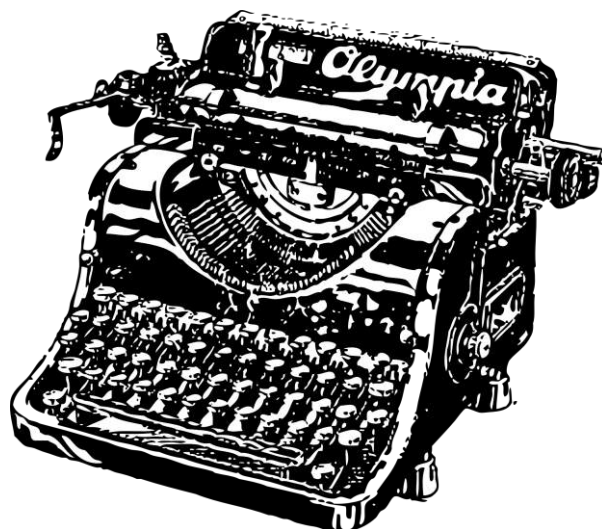
filhos, ambivalência da relação homem e mulher em seu tempo e, sobretudo, o preconceito contra a instrução das filhas.” (COSTA, 2012, p. 407).

Outro grande nome que apoiou o trabalho Júlia em suas publicações foi Francisco Alves, dono da editora onde Júlia publicaria a maior parte de sua extensa e variada obra, que incluiu mais de quarenta títulos. Além de um dos mais respeitados teatrólogos do período Artur Azevedo “A peça de Júlia Lopes de Almeida, *A herança* foi escrita a partir do convite de Artur Azevedo” (ENGEL, 2009, p. 28), para inaugurar o Teatro de Exposição Nacional, em 1908.

Júlia Lopes de Almeida também era defensora assídua da educação. Para ela, precisava-se educar tanto meninas, quanto meninos em uma educação humanista e de valores igualitários. Não à toa, Júlia Lopes de Almeida, embora sua grandiosa Literatura, ainda beira à marginalidade literária em relação a outras escritoras canônicas – é vista por muitos pesquisadores como uma grande expressão de autoria feminista.

Dentre as obras publicadas por Júlia Lopes de Almeida, pode-se destacar:

- Contos infantis (1886)
- Traços e iluminuras (contos /1887)
- A família Medeiros (romance /1891)
- A viúva Simões (romance/1897)
- Livro das Noivas (crônicas/1896)
- Memórias de Marta (romance/1899)
- A falência (romance/1901)
- Ânsia eterna (contos/1903)
- A intrusa (romance/ 1908)
- A herança (teatro/1909)
- Cruel amor (romance/1911).
- A isca (novelas/1922).
- Pássaro tonto (romance/1934).
- O funil do diabo (romance/1934).
- A caolha — conto (s. d.).



Seus textos abordam temáticas importantes para o universo feminino bem a frente de seu tempo, discutem valores patriarcais nas entrelinhas de suas narrativas, bem como leva o leitor, inclusive da atualidade, a refletir acerca do perfil feminino cúmplice do patriarcado, a ponto de apresentar personagens mulheres que questionam outras mulheres, por não aceitarem o legado patriarcal e se rebelarem contra o modelo familiar falido.

A metáfora da falência em um dos romances mais importantes da autora *A falência*, também pode ser associada à falência desse próprio sistema familiar/colonial/patriarcal, ironizado pela escrita de Júlia, assim como também, poder-se-ia pensar que a maneira de olhar diferente esta mesma sociedade, seria uma forma intrusa, não permitida. Observando o contexto histórico e literário de Júlia, sobretudo, daqueles intelectuais que não reconheceram sua produção literária, poderia ela mesma ficar na condição de intrusa

nesse sistema literário brasileiro formado, reconhecido por/ para os homens na Literatura do século XIX.

Observadora como uma boa ficcionista do realismo/naturalista, Júlia soube pormenorizar as descrições dos espaços e das ações de suas personagens com precisão, a ponto de demonstrar em suas obras, mulheres de atitudes fortes, assim como ela em vida, que não aceitaram a condição estereotipada da mulher, aquela destinada unicamente ao lar. Por este motivo, ler suas obras hoje é uma forma que o leitor/ a leitora tem não só de olhar a visão de uma mulher sobre a mulher na sociedade do século XIX, mas também conhecer o pensamento de mais uma *mulher de ontem* que contribuiu para a luta, a libertação e o respeito da/para *mulher de hoje*.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. In: **A intrusa**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/a_intrusa.pdf. Acesso em: 08 abr. 2021.

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2012.

ENGEL, Magali Gouveia. Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): uma mulher fora de seu tempo? **La manzana de la discordia**, Diciembre. Ano 2, n. 8: p. 25- 32, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/77276474.pdf>. Acesso em 08 abr. 2021.

FANINI, Michele Asma. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da academia brasileira de letras. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.27, p.317-338, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941>. Acesso em 02 abr. 2021.



Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

Baixe meu conto O RETORNO



Meu conto **O RETORNO** foi publicado originalmente em 2012 no livro 2013 ANO UM, pelas editoras Ornitorrinco e Literata.

Agora ele é seu.



Baixe já!

Disponível em PDF, ePUB, Mobi & Kindle.



Marcelo Bighetti



MICHELANGELO BUONARROTI – CRIAÇÃO DE ADÃO (FRAGMENTO DOS AFRESCOS DA CAPELA SISTINA, NO VATICANO) – 1512

“CARTAS ESCOLHIDAS” DE UM INSÓLITO BUONARROTI: O OLHAR CRÍTICO DE MARIA BERBARA SOB O CORPUS EPISTOLAR DE MICHELANGELO

POR REGINALDO LEITE

Arte

Inúmeros livros apresentam suas vigas à mostra, desvelando entre outros pontos uma estrutura que a duras penas se adapta ao formato dado. Com certeza, o que ocorre com o “Cartas escolhidas de Michelangelo Buonarroti” é algo preciosamente distante disso.

Pelas mãos talentosas e sob o olhar preciso da Professora Doutora Maria Berbara, o leitor tem a oportunidade de singrar por palavras, experiências, diálogos, *páthos* e paixões de um artista insólito, inovador e inquietante – Michelangelo Buonarroti (1475-1564). Publicado pelas Editoras da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) o livro traz uma inegável contribuição aos campos literário e da historiografia da arte. Contudo, é o trabalho maduro de uma pesquisadora que tem na arte italiana e ibérica, de cunho renascentista, seu objeto de interesse, registrado em vasta publicação antecedente.

Fruto da pesquisa de Pós-Doutorado da autora – inteiramente financiado pela FAPESP e desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) e, também, na Holanda – “Cartas escolhidas de Michelangelo Buonarroti” é constituído pela seleção e tradução de

setenta e dois documentos epistolares do artista. Dentre o *corpus* epistolar há o escrito que consigna a conclusão dos afrescos da Capela Sistina, no Vaticano em 1512, no qual Michelangelo ensaia relatar dificuldades encaradas no período de produção.

“Terminei a capela que pintava; o Papa ficou muito satisfeito, mas as outras coisas não saíram como eu esperava; a isso culpo os correntes tempos, que são muito contrários à nossa arte...” (carta enviada por Michelangelo, em outubro de 1512, ao pai Lodovico em Florença/Itália. Tradução de Maria Berbara)

Michelangelo Buonarroti, bastante conhecido pelas pinturas da Capela Sistina e pela criação da escultórica Pietá da Basílica de São Pedro, deixou um legado de extrema relevância para estudiosos e artistas posteriores, sobretudo, do século XIX. Nos anos de 1800, a rígida formação artística implantada nas Academias da Europa e, por conseguinte no Brasil, tinha na “maneira” de Michelangelo alicerce metodológico. Pintar ou esculpir, observando as expressões e estruturas da fisiologia humana, adotadas pelo mestre da Escola Florentina, era obrigatório para se obter uma formação bem sucedida. De temperamento ativo e sensibilidade ímpar – para “libertar a forma aprisionada no bloco de mármore” – Michelangelo mostra-se inovador e genial na contemporaneidade, porém, suas cartas ainda eram desconhecidas no Brasil, o que eleva o trabalho da Professora Doutora Maria Berbara ao patamar do ineditismo.

A autora e tradutora tem o cuidado de conservar o teor das cartas, mantendo-se fiel ao texto original. No entanto, tem a exímia habilidade de nos transportar ao universo do Renascimento italiano, sob escrita refinada e delicadamente acessível ao público heterogêneo, com diferentes formações e anseios. Sob linguagem atual, preciosos momentos da vida do pintor, escultor, poeta e arquiteto – que fazia questão de se denominar escultor – são revelados. Estão presentes comunicações com a nobreza italiana, familiares do artista e o Papa.

Porém, confesso que a carta mais simbólica e que me direcionou ao momento lacrimal foi a última do gênio. Pois mostra a impossibilidade de o “fazedor de ilusões” continuar com o seu processo de escrita e, também, de pintar e esculpir.

“Leonardo, Recebi a tua última, a qual incluía os doze belos e bons *marzolini*; agradeço-te, alegrando-me porque estás bem, assim como eu. Recebi recentemente mais [cartas] tuas, mas não respondi porque a mão não me serve; doravante, portanto, pedirei a outros que escrevam, e eu assinarei. Nada mais me ocorre. De Roma, no dia 28 de Dezembro de 1563. Eu, Michelangelo Buonarroti.”

Após a digressão, só me resta dizer que “Cartas escolhidas de Michelangelo Buonarroti” é leitura obrigatória para quem se interessa pelo campo visual. Pois, assim como Ariosto sintetizou em uma única frase – *Michel, più che mortale, Angel divino* – a Professora Maria Berbara seduz o leitor com a retórica verbal do gênio, “divino”, insubstituível e eterno. Miguel, o Anjo.



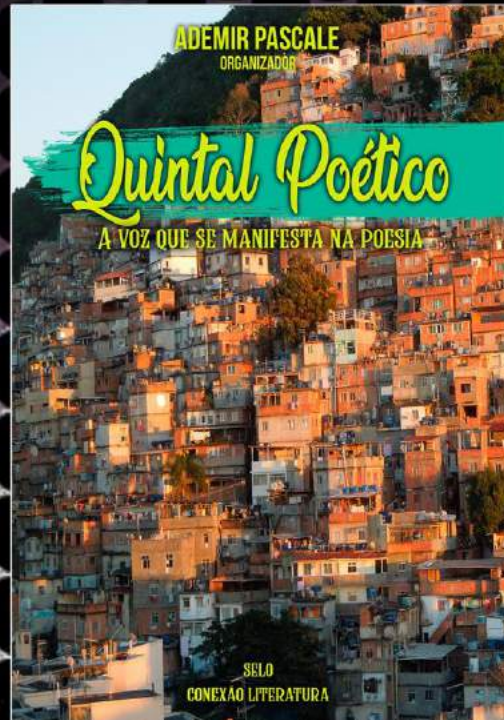
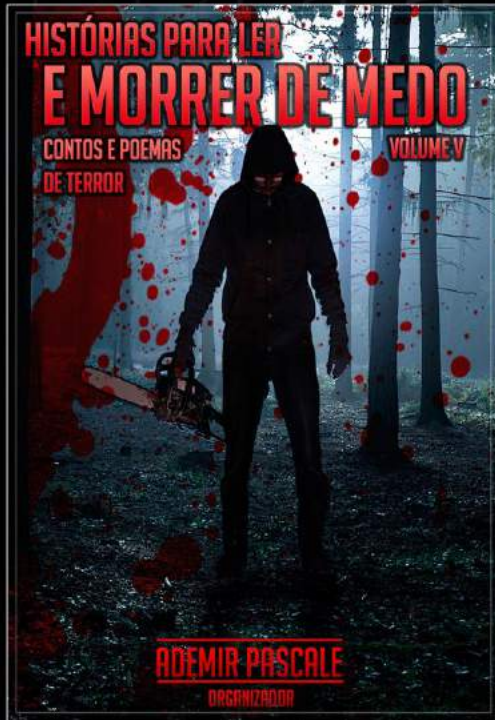


Maria Berbara é Doutora em História da Arte pela Universidade de Hamburgo/Alemanha, com Pós-Doutorado em História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutorado em História da Arte pela Universidade de Leiden/Holanda. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e de História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”/UERJ, vinculado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.



Reginaldo Leite é Cenógrafo, Professor Universitário e Doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Autor dos livros “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020) e “Os Crimes de Platão” (2019).

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**



CRÉDITO DA ARTE: FLÁVIO VIDIGAL

AULAS DE FILOSOFIA E O “CONTINGENTE”

POR FLÁVIO VIDIGAL

Crônica

Muitas vezes durante o dia, paro comigo, observo meus pensamentos e ideias e fico narrando para mim mesmo, as vezes lembrando fatos, ideias e outras emoções que vem dentro de mim...

Há momentos na vida, especialmente na escola, que sempre tem algo a me afetar, de novidades, curiosidades, outras nem tanto interessantes, outras muito habituais, rotineiras, alguns desafios para se trabalhar nos estudos.

Mas das matérias da escola, três delas despertam minha atenção: Filosofia, Sociologia e Literatura.

Bom, para iniciar, vou aproveitar o momento oportuno de narrar um dos muitos momentos de meus estudos nas aulas de Filosofia:

Lembro de um trabalho em grupo, época do segundo semestre do ano, onde a professora pediu uma leitura atenta e estudiosa de um texto do livro didático de Filosofia, para em seguida, cada um fazer a sua redação dissertativa sobre o assunto, juntar os textos dos alunos e eleger um redator final do grupo, para dar o seu texto resumido final de como o grupo concluiu o assunto estudado.

Tratava-se de um tema curioso: era sobre as impressões dos fatos contingentes na vida humana e o que isso provocava em nossa mente.

Em meu texto, iniciei com a preocupação de conceituar o termo "Contingente". É algo que seja duvidoso, mas que também pode ser possível: é algo que necessariamente pode ser ou não. Também é algo que não se pode ter controle e não se pode prever com 100% de precisão.

Em seguida, expressei minhas impressões de que essas ideias de incertezas e de fatos que não temos domínio e nem controle afetava em meu cotidiano.

Um exemplo é de quantas vezes eu sofri e sofro por tantos eventos que não esperava acontecer, nas muitas vezes em que eu pensei nas expectativas e nas possibilidades de algo que achei de imediato, que era bem provável acontecer e dar certo, mas também dos fatos imprevisíveis que de repente aconteceram. Outros fatos que ocorreram e que tive a sensação desagradável de não ter controle sobre ele e de meu corpo e mente. Tenho plena consciência de muitos deles, mas não tenho controle e são muitas vezes inconsciente de minhas razões conscientes

Em minha mente, ao pensar sobre várias palavras relacionados ao termo "contingente", a primeira em que me veio a me provocar em responder, foi a palavra "Liberdade".

Essa palavra liberdade está veiculada as dimensões éticas e dos valores das decisões e escolhas que fazemos em nosso dia e em nossa luta por nossos ideais e sonhos.

Creio que a liberdade não é algo em meu controle total, sou limitado, logo a liberdade é algo contingente e muitas vezes soa como obsessiva em nosso meio social e cultural, que por nós passa uma falsa noção de liberdade, cria ilusões de liberdade dos valores de consumo, dos prazeres e da busca de poderes.

Nas discussões com os alunos sobre o texto final para entregar ao redator final, sobre o tema da "Contingências na vida", ficou decidido que a apresentação do conceito ficasse muito bem explicado, suas relações entre os fatos possíveis e os fatos necessários, suas influências e implicações na mente do ser humano e de como cada um reage perante tais situações, seja pessoal, familiar, econômica, política ou social.

Na dimensão filosófica, a ciência da lógica ajuda a entender o conceito de contingente e que os entes podem existir, mas que também não é impossível de ser ou de acontecer em desenvolver num dado momento da vida.

Depois, foi dado a importância de explicar a diferença das contingências da vida, ou seja, tido aquilo que é algo seguro e certo, que não é duvidoso, também algo que não há casualidade. Muitos dos conceitos de lógica e da matemática são dessa natureza.

Outra evidência, é da causalidade de comportamento humano, muitos dos fatos contingentes no dia, na escola e na vida social, pode ser provocada ou ser espontânea. Um exemplo: os hábitos de fazer alguns regimes alimentares ou físicos, saber se vai ser bem sucedida em tais práticas ou exercícios, vai depender de outros fatores externos e também de como vai desenvolver tal ação específica para tal objetivo de conseguir tal resultado

esperado, cujo motivo foi provocado por um fato contingente que aconteceu durante o processo de execução de tal ação.

Em sua conclusão final, evidenciou que os fatos contingentes são todos de natureza fora do ser humano, as casualidades, possibilidades, eventos, fatos, acasos e as muitas probabilidades, são elementos da natureza desse mundo extenso, feito de suas leis, fenômenos naturais e das suas complexidades presentes no universo dos seres.



Flávio Vidigal Guimarães é poeta, escritor, artista plástico, deficiente auditivo. Dedicar seu tempo em escrever no Facebook e Instagram, e aqui na revista “Conexão Literatura”.

Tem formação em Teologia e Educação Social. Mora em Parintins, cidade do interior do Amazonas.

VISITE A NOSSA PÁGINA



www.leituraparahoje.com.br
Livros Cristãos e Livros Motivacionais



SÉRIE BASEADA NO UNIVERSO DE ARTHUR CONAN DOYLE TEM UM SHERLOCK HOLMES BEM DIFERENTE POR ADEMIR PASCALE

NetFlix - Série

Na Londres da Era Vitoriana, um grupo de jovens investiga crimes sobrenaturais para o Dr. Watson e Sherlock Holmes.

Baseada nos personagens criados pelo escritor Arthur Conan Doyle, na série, que tem como roteirista Tom Bidwell, Holmes (Henry Lloyd-Hughes) e Watson (Royce Pierreson) não passam de meros coadjuvantes e, Holmes, aparece menos que Watson nos episódios. Diferente de outras adaptações que o famoso detetive teve, na série ele precisa de ajuda, tem problemas com drogas e uma aparência bem diferente da habitual apresentada em outras séries e filmes. Então não espere muito dele. Já Watson é enigmático e em alguns momentos parece ser o vilão; frio e calculista. Mas o destaque, sem dúvida, vai para os jovens encarregados em desvendarem os casos sobrenaturais. A série é para adolescentes, tem cenário e figurino incríveis, já efeitos especiais e histórias razoáveis, que poderiam ser mais criativas. Alguns episódios, que são apenas 8 desta primeira temporada, pende para o romance entre adolescentes (o príncipe e a plebeia), além de um certo drama e aventura. Não bota medo, apesar de ser tratada como série com assuntos sobrenaturais, mas não deixa de apresentar alguns fatos interessantes, sendo que o primeiro episódio, com corvos, lembra um dos famosos textos do escritor Edgar Allan Poe, intitulado "O Corvo". A série tem uma pegada interessante e pode fazer com

que o leitor prossiga para os próximos episódios (sinceramente, se não gosto do primeiro episódio de uma série, não assisto os demais) e até espere por uma segunda temporada.

Voltando aos jovens da série, no livro *Um Estudo em Vermelho*, de 1887, um grupo de meninos de rua ajudam o famoso detetive Holmes, então essa ideia na série, não é algo que foi criado especialmente para a Netflix, mas foi criativo e interessante usarem esses garotos, focando nos dramas e histórias pessoais de cada um, dando destaque especial para a jovem chinesa Bea (Thaddea Graham), que é a líder do grupo.

Recomendo.



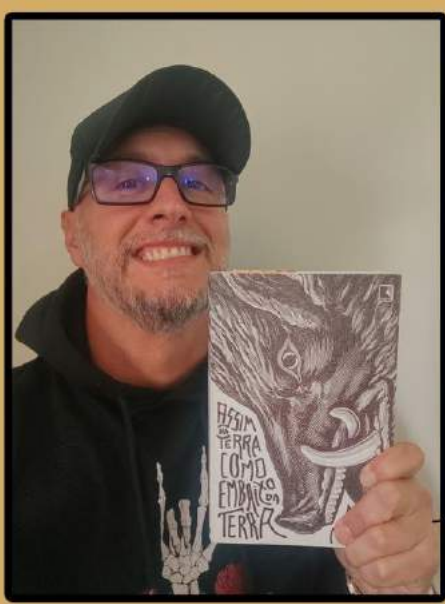
Uma das cenas da série



PARA ASSISTIR O TRAILER DA SÉRIE, ACESSE:

<https://youtu.be/WWJ3XZ48tP0>

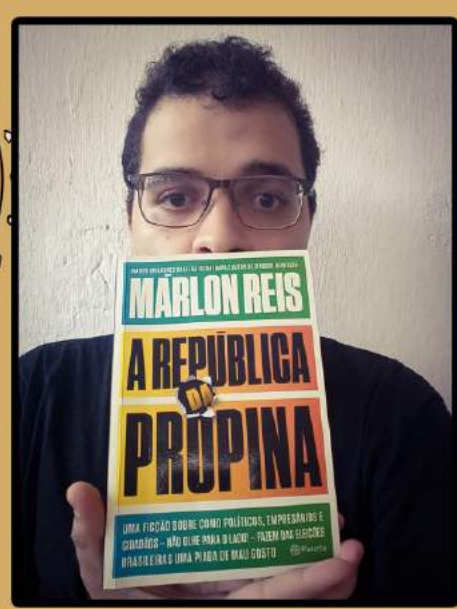
ADEMIR PASCALE é paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Autor do romance “O Clube de leitura de Edgar Allan Poe”, organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Contato: ademirpascale@gmail.com



LEITOR: RAFAEL CAPUTO - PARANÁ
LIVRO: ASSIM NA TERRA COMO EMBAIXADOR DA TERRA
AUTORA: ANA PAULA MAIA



LEITORA: ESTER PONSO - SÃO CAETANO DO SUL/SP
LIVRO: OS PROBLEMAS DA FAMÍLIA GORGONZOLA
AUTORA: EVA FURNARI



LEITOR: LUCAS ALMEIDA - RECIFE/PE
LIVRO: A REPÚBLICA DA PROPINA
AUTOR: MÁRLON REIS



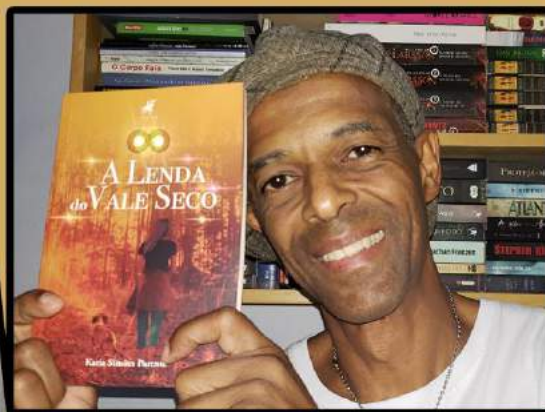
— revista —
conexão
LITERATURA

Seção "Leitores Indicam"

www.revistaconexaoliteratura.com.br



LEITORA: TATIANE PONSO - SÃO CAETANO DO SUL/SP
LIVRO: 1984
AUTOR: GEORGE ORWEL



LEITOR: ARAÍ PRESTES CAMPOS - SÃO PAULO/SP
LIVRO: A LENDA DO VALE SECO
AUTORA: KATIA SIMÕES PARENTE



LEITORA: NATÁLIA GABRIELA BORATTI - SANTA CATARINA
LIVRO: HOJE EU QUERO SER O SEU ESPELHO
AUTOR: CLÓVIS SANTOS

TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.

AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.

REGRAS PARA PARTICIPAR:

- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).

- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE. DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.

- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE





DE GUTENBERGS À CONCEPÇÃO DE LIVRO NA ATUALIDADE: APONTAMENTOS SOBRE A (IN)ESTÉTICA DO LIVRO DE ARTISTA

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ*

Ensaio

Resumo:

O livro: suas origens e seus conceitos. A modernidade trouxe transformações que mudaram a forma de ler, ver e pensar o mundo, o conceito de livro como suporte das memórias humanas também sofreu adaptações e deu origem a outras formas de expressões artísticas. O livro de artista é um bom exemplo disso. Seria livro ou seria um objeto de arte? Um diário? Um livro para colorir, recortar e colar? É realmente um livro ou a ideia de um livro? Produzido para a massa ou para um pequeno e seletivo grupo social? São inúmeras as indagações, como muitas e infinitas são as respostas. O objeto deste ensaio é refletir sobre a história do livro a partir da imprensa de Gutenberg, passando pelo reconhecimento do livro como objeto de registro das memórias, histórias e lembranças, mas destacando o grande desfalque ocorrido com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação até compreendamos que o conceito de livro não cabe apenas na obra impressa, mas nas dinâmicas atuais que o livro de artista começou a produzir e provocar pós-ditadura, no século passado. A metodologia adotada é a social-dialógica e analítica em obras de livro-objetos e teóricos que refletem sobre a importância

do livro, sua história e as suas funções sociais. Espera-se, portanto, contribuir no processo de disseminação de valores e sentidos do livro de artista na atualidade.

Palavras-chave: Livro; (In)estética; Livro de artista; Arte.

A ESCRITA E O LIVRO: BREVÍSSIMA HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A escrita, o processo de contagem e a arte impressa têm suas origens ainda na pré-história ocasião que o homem começou a se preocupar com os registros diversos utilizando-se de pedras, da argila e outros recursos vegetais e animais, sendo estes os primeiros suportes utilizados, objetivando esclarecimentos as gerações futuras, pelo menos é nisto que acreditam os pesquisadores.

Inicialmente, um texto pictográfico nos foi apresentado, ocasião que a escrita se utilizava apenas das imagens para comunicar:

(...) não representava a linguagem verbal. Representava antes objetos, figuras e ideias, independentemente da lógica temporal do discurso.
 (...) Os pictogramas não tinham uma relação motivada com a linguagem fonética. Eles eram esboços da realidade, permitindo reconhecer o que está representado. (Maduro, 2020)

Depois, surgiu à escrita ideográfica que, como o nome sugere, sustentado na representação da ideia por meio de imagens e símbolos, ou seja, um sistema de registro escrito que nos foi apresentado por meio “de ideogramas como símbolos gráficos ou desenhos (signos pictóricos), formando caracteres separados e representando objetos, ideias ou palavras completas, associados aos sons com tais objetos ou ideias são nomeados no respectivo idioma.” (LUCAS *et al*, 2017, p. 3).

E em seguida, a escrita alfabética e fonológica como a temos na atualidade, obviamente melhorada e aperfeiçoada séculos após séculos por culturas e civilizações inumeráveis. Pesquisas apontam a sociedade fenícia como os inventores desse sistema, que maneira reduzida apresentara os caracteres representativos do

(...) som consonantal, característica das línguas semíticas encontrada hoje na escrita árabe e hebraica. Em seguida, os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia agregando as vogais e criando assim a escrita alfabética. (...)

Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, constituindo-se o sistema alfabético greco-romano, que deu origem ao nosso alfabeto. Esse sistema representa o menor inventário de símbolos que permite a maior possibilidade combinatória de caracteres, isto é, representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba. (MERCADO, 2020, p. 2)

ARTE, SUPORTE E LINGUAGEM

Como todo produto ou serviço resultante de um esforço físico ou intelectual, a escrita passou a se constituir em misto resultante da arte de escrever e de se apresentar ao mundo, em especial e, inicialmente uma ação manual que se utilizara de carvão, o fruto do urucuzeiro, entre outras da família das bixáceas, além de vários recursos que pudessem registrar, por meio da escrita, sendo atualmente, com caneta, lápis, gizes, mas sempre com as mãos.

Todavia, o cenário mudaria com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação que “facilitariam” a reprodução e, portanto, a socialização dos saberes, da informação e do conhecimento.

De certo modo, as escritas manuais, como a tínhamos, pediu em estilo e subjetividade, uma vez que estudiosas afirmam cada pessoa tem uma maneira única, particular e diferente, não sendo possível encontrar dois seres humanos com as mesmas perspectivas de escrita entre si.

Logo,

A escrita seja ela qual for sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro, e, sobretudo da imprensa são grandes marcos da história da humanidade, depois, e claro da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o do público em geral e seu consumo é mais significativo na forma de leitura do que na produção de textos. Os jornais e revistas são hoje tão comuns quanto à comida. Para a maioria das pessoas, além de aprender a andar e a falar, é comum aprender a ler e a escrever (CAGLIARI, 1989, p. 112).

Desse modo, o livro, enquanto arte impressa, surgiu para o registro das nossas memórias, abrigar ideias possibilitando (re)visitar e sequenciar o estado da arte que tal fenômeno ou situação se encontra e como podemos projetá-la e aperfeiçoá-la positiva e/ou negativamente; apreender, socializar e transcender o conhecimento que também é sinônimo de poder em uma sociedade capitalista como a que vivemos, além de ampliar a imaginação e conduzir a um pensamento crítico e criativo.

Pode-se afirmar que, no Ocidente, em especial, após o desenvolvimento da imprensa aconteceu a maior revolução que se possa imaginar. E não poderia se diferente se considerarmos que a imprensa de Gutenbergs (1439) surgiu em meio a grandes revoluções, sendo objeto de desejo de muitos, mas de custo altíssimo e acessível apenas pela elite da época. Sua confecção envolvia outros profissionais, como joalheiros, mecânicos, químicos e outros, não bastando somente produzir um livro pelo livro, era preciso acrescentar mais valores que o próprio conteúdo, tornando-o, em muitas ocasiões, inclusive na atualidade, um instrumento artístico.

Desse período renascentista (era de Gutenbergs) até o fim do século XIX quase nada de novo acontece à história e ao modo de se confeccionar um livro, seja no seu

formato, forma de coloração, letras, técnicas de produção, designers gráficos, enfim, nada.

Este cenário mudaria radicalmente, como dito anteriormente, na primeira metade do século XX, a partir do momento que o *Electronic Numerical Integrator And Computer - ENIAC*, o primeiro computador do mundo foi mostrado ao mundo em 14 de fevereiro de 1946 e com o surgimentos de profissionais como o design gráfico, antecidos pelos tipógrafos, letristas e retocadores, também denominados de “artistas comerciais”, oriundos das exigências da Revolução Industrial.

Todavia, acredita-se que existam equívocos nesta história, pois, para o designer gráfico norte-americano, professor, historiador e autor de livros sobre o tema, Philip Baxter Meggs, “... a crítica de design e a (investigação da) sua história já existe desde o século XVI”. O que significa dizer que,

Desde a pré-história, as pessoas têm procurado maneiras de representar visualmente ideias e conceitos, guardar conhecimento graficamente, e dar ordem e clareza à informação. Ao longo dos anos essas necessidades têm sido supridas por escribas, impressores e artistas. Não foi até 1922, quando o célebre Designer de livros William Addison Dwiggins cunhou o termo "Designer gráfico" para descrever as actividades de um indivíduo que traz ordem estrutural e forma à comunicação impressa, que uma profissão emergente recebeu um nome apropriado. No entanto, o Designer gráfico contemporâneo é herdeiro de uma ancestralidade célebre. (SKAZIS, 2020)

Frente ao exposto, o livro no seu formato inicial e seguido por mais de cinco séculos a forma física e engessado deu origem a outros formatos, incluindo os e-books, em especial, nas últimas décadas do século XX aos dias atuais e, dentre estes, aliados aos movimentos artístico-literários e da promoção da leitura e da escrita, bem como do incentivo à leitura e as artes pós-ditadura militar – 01 de abril de 1964 a 15 de março de 1985, o conceito e a missão do livro impresso parece ter chegado ao fim.

Sobre este assunto, os escritores Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, no livro/entrevista, intitulado “*Todos os livros que não lemos*” refletem e respondem quando indagados sobre as possíveis causas do (não) desaparecimento do livro impresso na sociedade e a sua importância na memória e nas outras artes literárias ou não.

Ubiratan Brasil, entrevistando Umberto Eco, em 13 de março de 2010, para o Jornal Estadão, na apresentação do entrevistado afirma que “(...) o livro é uma invenção consolidada, a ponto de as revoluções tecnológicas, anunciadas ou temidas, não terem como detê-las.”. Na sequência pergunta: “O livro não está condenado, como apregoam os adoradores das novas tecnologias?” Tendo como resposta de Eco:

(...) O livro, para mim, é como uma colher, um machado, uma tesoura, esse tipo de objeto que, uma vez inventado, não muda jamais. Continua o mesmo e é difícil de ser substituído. O livro ainda

é o meio mais fácil de transportar informação. Os eletrônicos chegaram, mas percebemos que sua vida útil não passa de dez anos. Afinal, ciência significa fazer novas experiências. Assim, quem poderia afirmar, anos atrás, que não teríamos hoje computadores capazes de ler os antigos disquetes? E que, ao contrário, temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos? Conversei recentemente com o diretor da Biblioteca Nacional de Paris, que me disse ter escaneado praticamente todo o seu acervo, mas manteve o original em papel, como medida de segurança. (BRASIL, 2010).

Assim, podemos afirmar que o livro cumpriu e ainda cumpre a sua missão, delegando aos novos tempos, cenários e técnicas a possibilidade de se ver, tatear, imaginar e criar livros, independentemente do seu formato e fins.

O LIVRO COMO ARTE E O LIVRO DE ARTISTA

Nesse contexto e frente à repressão vivida pelo movimento ditatorial militar porque passava o Brasil na segunda metade do século passado e sustentado nas teóricas artístico-literário no início do século XX, surge um movimento denominado de Livro de Artista, que tinha como base o formato livro, mas era e, ainda o é, confeccionado por artistas envolvidos com as artes verbi-visuais.

Durante esse período inicial da produção de livros pelos artistas, o objetivo era subverter o sistema do mercado de arte imposto pelos museus e galerias, permitindo que o trabalho artístico atingisse um público mais amplo com valores acessíveis. O que possibilitou esse alcance foi a opção de utilizar materiais de baixo custo e de equipamentos tecnológicos acessíveis, como a reprodução eletrofotográfica ou xerográfica (quando se referindo à empresa Xerox), que permitia a fotocópia de documentos em papel comum.

A arte, mais do que nunca, na contemporaneidade tem se mostrado como uma forma de revolução e de resistência a qualquer sistema em desacordo com a liberdade de expressão. Em sua exposição *Raízes* (2018-2019) ocorrida na Oca do Parque Ibirapuera, em São Paulo, o artista chinês Ai Wei Wei exibe a frase adesivada na parede: *Tudo é arte. Tudo é política.* (ROSENBERGER, 2020, p. 334)

Na concepção do inglês, historiador de arte e bibliotecário-chefe da *Andrew W. Mellon da Frick Art Reference Library*, de Nova York, Stephen Bury:

Livros de artista são livros ou objetos em forma de livro; sobre os quais, na aparência, final o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte.

Estes não são livros com reproduções de obras de artistas, ou apenas um texto ilustrado por um artista.

Na prática, esta definição quebra-se quando o artista a desafia, puxando o formato livro em direções inesperadas. (BURY, 1995)

Nesse sentido, o formato livro é reinventado, dando ênfase ao artístico do objeto livro de artista. A intenção obviamente não é a substituição, mas encontrar um suporte para o armazenamento da arte, visto que há interesse (ou não) na manutenção do formato livro, embora se reveja o seu designer a cada nova edição que, dado o seu caráter, muitas vezes acabam por ser produzido apenas um exemplar.

Logo, o livro de artista como produto da arte está classificado como uma prática contemporânea, portanto vanguardista e inovador, em especial por apresentar expressões e traços livres, também, por dialogar e transitar com/no formato livro tradicional.

E, como toda subjetividade das artes unindo-se ao poder criativo do seu autor ou da sua autora, o livro de artista narra histórias e constrói lembranças e memórias, utilizando-se dos mais diversos recursos vegetais, minerais e animais, como no caso do *Livro de Carne* (1979) de Arthur Barrio, artista plástico luso-brasileiro que vive no Rio de Janeiro desde 1955, cujas concepções de arte perpassam pela arte interativa e conceptual, performance, *et cetera*.

Em síntese, a

leitura deste livro é feita a partir do corte/ação da faca do açougueiro na carne com o conseqüente seccionamento das fibras;/fissuras, etc., etc., – assim como as diferentes tonalidades e colorações. Para terminar é necessário não esquecer das temperaturas, do contato sensorial (dos dedos), dos problemas sociais etc. e etc Boa leitura (BARRIO in: CANONGIA (org.), 2002, p. 56)

O livro de artista tem muito mais a ver com a expressão do artista que com a preocupação entre o dizer e o não dito. Nas palavras de Marcia Ronsenberger: “Gosto de pensar no livro como uma plataforma de experimentação artístico-sensorial sem limites, que dialoga com o corpo do artista e abre uma infinidade de possibilidades dialógicas com sua poética.” (ROSENBERGER in: PAZ, 2020. p. 63)

Na produção do livro de artista, o autor ou a autora, constitui um verdadeiro faz-tudo. Assume-se as funções poeta, escritor, editor, ilustrador, encadernador, distribuidor, vendedor e muitas outras inerentes aos percursos de editoração e comercialização da obra, pensamento decorrente dos movimentos artísticos e literários das décadas de 50, 60 e 70 do século passado que vendo as artes e a cultura para poucos privilegiados, abraçaram as causas de acesso ao universo artístico por todos, indistintamente das classes que pertencessem.

Em suma, como defendeu o poeta visual concretista e artista mexicano, Ulises Carrión, referência mundial para os estudiosos e artistas do livro de artista, autor da obra

“*A nova arte de fazer livros*”, que afirma, em paráfrase: o escritor escreve textos e o artista faz livros.

Nesse sentido, compete mais uma vez ao leitor interpretar e atribuir sentido as leituras e as produções de livros de artistas, derrubando posicionamento estéticos, caracterizando-se muito mais pelo conceito/movimento, uma vez que o artista quer subverter as intenções das artes clássicas, pois ela está muito além dos espaços e galerias, além das curadorias.

Assim, faz opção pelo contato direto com o público, afinal, a arte só faz sentido se houver um apreciador, neste caso, um leitor que terá a oportunidade de manusear o livro-objeto e folheará menos, além de não mais se prender as palavras ou mesmo as figuras, pois no livro de artista não há apenas esses elementos.

REFERÊNCIA

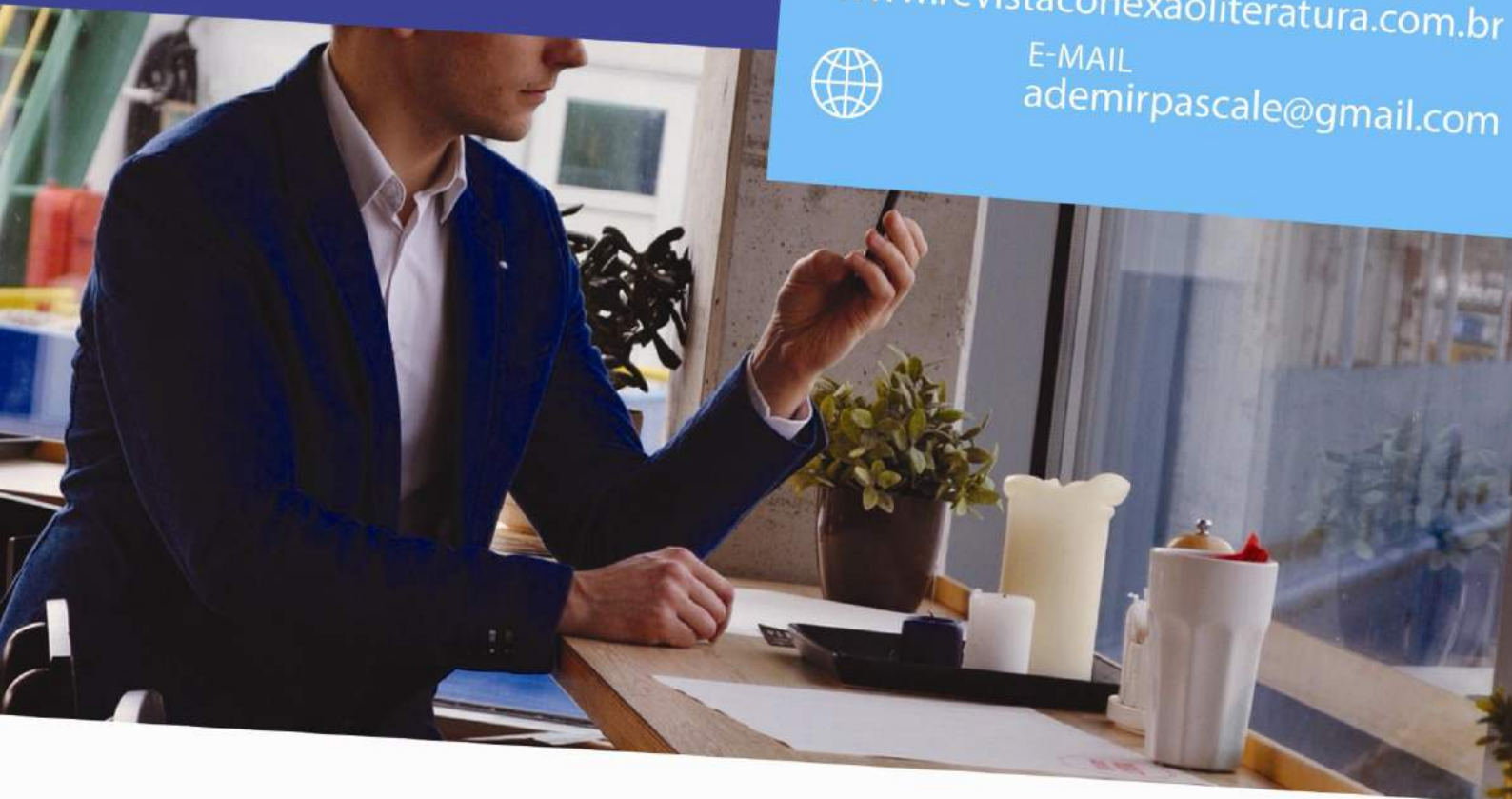
- BRASIL, Ubiratan. ‘Eletrônicos duram 10 anos; livros, 5 século’, diz Umberto Eco. In: **Jornal Estadão**: Caderno Cultura, de 13 de março de 2010. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700>. Acesso em 11 dez 2020;
- BURY, Stephen. **Artists' Books: The Book As a Work of Art, 1963–1995**. Bury: Scholar Press, 1995;
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**, 1 ed., São Paulo: Scipione, 1989
- CANONGIA, Ligia (Org.). Artur Barrio. Rio de Janeiro: Modo, 2002;
- ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010;
- LUCAS, Alan; NOGUEIRA, Daniela; SILVA, Jaíne; BRAZ, Michele; JERUSA, Nara. **A escrita ideográfica**. Campanha: UEMG, 2017;
- MADURO, Daniela. Escrita pictográfica: um texto feito de imagens. In: **DigLitWeb: Digital Literature Web**. Disponível em <http://www1.ci.uc.pt/diglit/DigLitWebCdeCodiceeComputadorEnsaio27.html#:~:text=A%20escrita%20pictogr%C3%A1fica%20n%C3%A3o%20representava,da%20l%C3%B3gica%20temporal%20do%20discurso.&text=Os%20pictogramas%20n%C3%A3o%20t%C3%ADnham%20uma,reconhecer%20o%20que%20est%C3%A1%20representado>. Acesso em 23 dez.2020;
- MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. A História da Escrita. In: Disponível em http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impreso/imp_basico/e1_assuntos_a1-4.html. Acesso em 26 dez 2020
- PAZ, José Flávio da. Entrevista com a autora Marcia Rosenberger. In. **Revista Conexão Literatura**, São Paulo, nº 65, p. 61-68, nov.2020.
- ROSENBERGER, Marcia. Histórias para ouvir antes de dormir: a poética nos livros de artistas no Brasil. In: VILALVA, Walnice (Coord.); PAZ, José; MATA, Josimeire; FERREIRA, Lucinea; GONZÁLEZ, Néstor (Orgs.). **Literatura, cultura e subjetividade**. 1ª ed. Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2020;

SKAZIS, Crazy. **História do design gráfico.** Disponível em: <http://disparitybydesigners.blogspot.com/p/historia-do-design-grafico.html>. Acesso em 30 dez 2020;



* José Flávio da Paz é doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; mestre em Letras-UNIMAR, mestre em Estudos Literários-UNIR. Professor do Departamento Acadêmico de Língua Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, escritor, ensaísta, editor e avaliador em periódicos acadêmicos do Brasil e do exterior Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Poesia contemporânea de autoria feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO/UNIR/CNPq; Membro da Red Iberoamericana de Docentes (Espanha); Association des Jeunes Chercheurs en Sémiotique-AJCS (França) e Red Federal de Poesía (Argentina). Imortal da Academia de Letras

do Brasil-ALB, ocupante da Cadeira nº 001/ALB/RN e detentor do Título Honorífico de Cidadão Macapaense pelos excelentes trabalhos educacionais prestados aquele Município. E-mail: jfpaz@unir.br.
<http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>.
<http://www.profjfpaz.unir.br>.



PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o
autor(a), divulgação nas redes soci-
ais Facebook, Twitter e Instagram e
publicação na revista literária e
digital Conexão Literatura.

BÔNUS: Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



ENTRELAÇADOS: CULTURAS E ESCRITAS DE ANGOLA E DO BRASIL – ANTOLOGIA DE PROSA E POESIA ISBN 978-65-87128-55-9

Os organizadores, *Adilson Rosário Ngunza (Angola)* e *José Flávio da Paz (Brasil)*, de conformidade com o Edital 001/2020-Inspirate/GruCIM para composição da obra ENTRELAÇADOS: CULTURAS E ESCRITAS DE ANGOLA E DO BRASIL – ANTOLOGIA DE PROSA E POESIA apresenta a lista dos contos e poemas selecionados e dos convidados, como segue:

Classificados e convidados para composição do Volume 1
 Gênero **CONTO**

NOME	TÍTULO
TITO JOSÉ DE BARBA AVAROMA	NOVAS PAISAGENS DE PORTO VELHO
VIRGINIA DEL CARMEN PIRELA ALVARADO	A CAMINHO DA SENZALA.
ROSILENE RODRIGUES NEVES	UM PRESENTE DE MIGUEL
JOAQUIM FLORISVALDO TEÓFILO	A TOURADA
JOAQUIM FLORISVALDO TEÓFILO	DENTE POR DENTE OLHO POR DENTE
ELIANE DA SILVA DENIZ	A noite do macarrão
FRANCISCO MARTINS MORAIS JÚNIOR	A noiva do caixão
FRANCISCO MARTINS MORAIS JÚNIOR	Queria ver os bichos
EUGÊNIO APARECIDO FAGUNDES	AS CASCAS DE BATATAS
FRANCISCO CARLOS DE LUCENA	AO NASCER DO SOL
ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA	O FUTURO DO TEMPO

Gênero **POEMA**

LUIZ CARLOS DE ARAÚJO	UM DIA DE MORADOR DE RUA
LUIZ CARLOS DE ARAÚJO	ECOS DA INFÂNCIA
IRAMEL LIMA	TUMUCUMAQUE
IRAMEL LIMA	YACI
ANA ANSPACH	BRILHANTE
ANA ANSPACH	FARRAPOS
EFFY ANSPACH	PSICODELIA
GUILHERME EWERTON ALVES DE ASSIS	TU ME BAGUNÇAS
GUILHERME EWERTON ALVES DE ASSIS	FOTOGRAFIA
TITO JOSÉ DE BARBA AVAROMA	O DRAMA DA LISURA DO CANDIRU-AÇU
ANTONIO DI BIANCO	A VERDADE
ANTONIO DI BIANCO	INDELÉVEL
ROSILENE RODRIGUES NEVES	AQUI NO MEU JARDIM
VIRGINIA DEL CARMEN PIRELA ALVARADO	O NOVO MUNDO
LÚCIA MARIA DOS SANTOS	LER?
LÚCIA MARIA DOS SANTOS	BRASIL
IRANDI MARQUES LEITE	PAZ ABSTRATA NO LIMITE ESPACIAL DO TEMPO
IRANDI MARQUES LEITE	POESIA INDEFINIDA COM PLASTICIDADE APARENTE
EUGÊNIO APARECIDO FAGUNDES	A FLOR DO TOMATE
JÉSSICA MAÍS ANTUNES	AIMEDNAP
MARIA AUREA DOS SANTOS DO ESPÍRITO SANTO	ELA É
MARIA AUREA DOS SANTOS DO ESPÍRITO SANTO	CONTA O CONTO E RECONTA
TELMA DE SOUZA LOPES	GENTE IGUAL A EU! GENTE IGUAL A VOCÊ!
JOSÉ LUIZ MARCELINO JÚNIOR	RESISTÊNCIA
ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA	A INVEJA DO ALGODÃO
IRAGUACEMA LIMA MACIEL	LIBERDADE CONQUISTADA
MIGUEL CASSOMA CATIMBA	FOLHAS CAÍDAS
ALINE BISCHOFF	ESTRANHA HABITAÇÃO
ALINE BISCHOFF	SER POETA
JOSE EDUARDO MARTINS DE BARROS MELO MELO	O LADO ABERTO
JOSE EDUARDO MARTINS DE BARROS MELO MELO	OCEANOGRAFIA DO ROSTO
RODRIGO MENDES	ENAMORADOS
FRANCISCO RONALDE DO NASCIMENTO	CONSCIÊNCIA TRANQUILA
JOSÉ FLÁVIO DA PAZ	GERAÇÃO
JOSÉ FLÁVIO DA PAZ	NA VIDA

Angola/Brasil, 01 de maio de 2021

Os organizadores,

José Flávio da Paz

GruCiM - Grupo Ciranda Madeirense de Prosa e Poesia

Edilson Rosário Ngunza

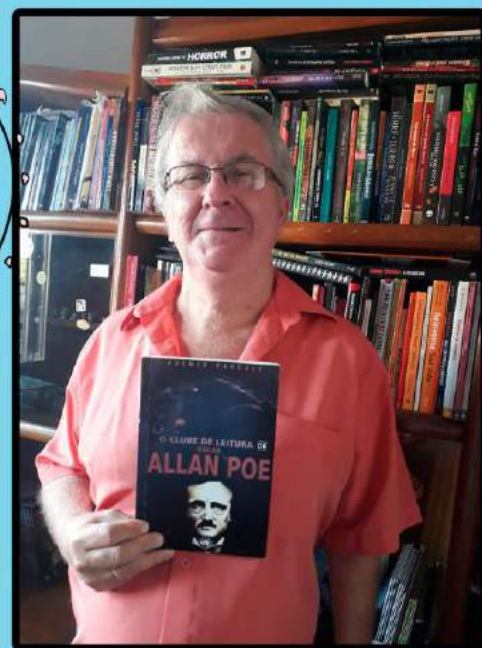
INSPIRATE – Conferências de Treinamento Motivacional e MARIJANA – Ideias Criativas



LEITORA: CIDA SIMKA - SÃO PAULO/SP
LIVRO: O CEMITÉRIO SEMI-TÉRIO
AUTOR: EGIDIO TRAMBAIOLLI NETO



LEITORA: KÁTIA SURREAL- RIO DE JANEIRO/RJ
LIVRO: O EROTISMO
AUTOR: GEORGES BATAILLE



LEITOR: SÉRGIO SIMKA - SÃO PAULO/SP
LIVRO: O CLUBE DE LEITURA DE EDGAR ALLAN POE
AUTOR: ADEMIR PASCALE



— revista —
conexão
LITERATURA

Seção "Leitores Indicam"

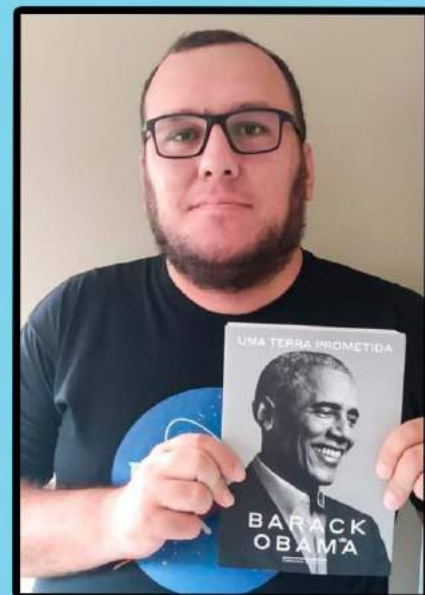
www.revistaconexaoliteratura.com.br



LEITOR: ALBERTO DOS ANJOS COSTA - PRAIA GRANDE/SP
LIVRO: ESTESIAS POÉTICAS
AUTOR: ALBERTO DOS ANJOS COSTA



LEITORA: PAOLA SPREA CARRIJO - CURITIBA/PARANÁ
LIVRO: VINGANÇA & PERDÃO
AUTOR: JOÃO GILBERTO MARIN CARRIJO



LEITOR: RAFAEL BOTTER - IBITINGA/SP
LIVRO: UMA TERRA PROMETIDA
AUTOR: BARACK OBAMA

TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.
AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.

REGRAS PARA PARTICIPAR:

- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).

- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.
DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.

- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE





JAMILA MAFRA



SEYED MORTEZA HAMIDZADEH

FUNDADORES DO GRUPO PARADISE OCEAN BOOKS

História do Grupo

Paradise Ocean Books é um grupo artístico-literário e editora de publicação independente organizados no Brasil pela escritora e advogada Jamila Mafra em parceria com o escritor e editor iraniano Seyed Morteza Hamidzadeh.

O grupo, fundado inicialmente no Irã, para a divulgação e promoção da poesia e trabalhos artísticos de autores e artistas iranianos em 2016, chega ao Brasil em 2020 tendo por intuito a publicação e divulgação da literatura e arte iraniano-brasileira.

Atualmente a Paradise Ocean Books já publicou no Brasil, entre poetas, pintores e fotógrafos, doze artistas.

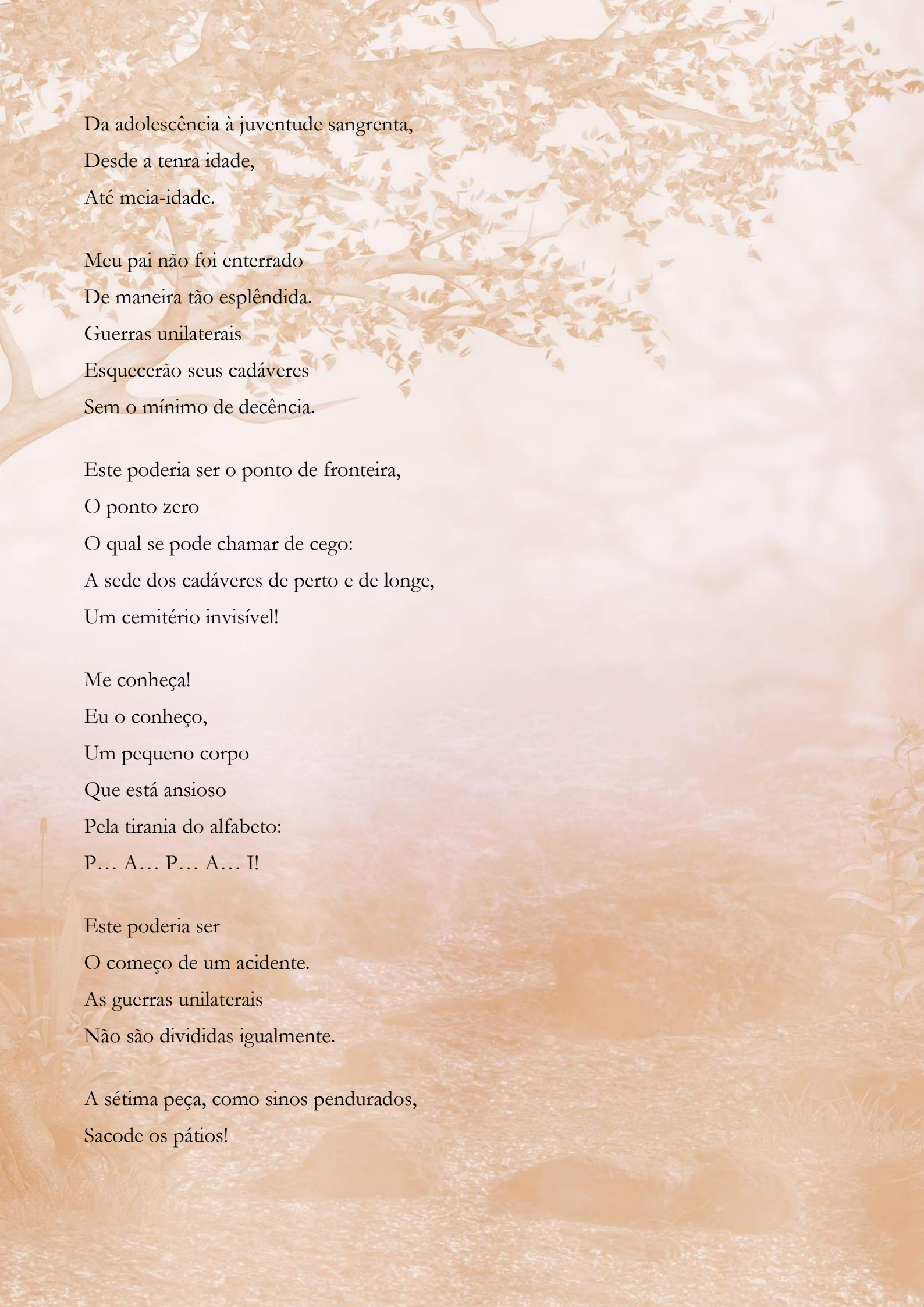
— **CONHEÇA O TRABALHO DE ALGUNS DOS INTEGRANTES** —

ALMA DAS MULHERES

Eu tive meu esposo desenhado
Em uma guerra mais distante ao Leste,
Onde seu corpo foi encontrado.
Porque ele não recuou.

Este é o aviso vermelho
Em um leste mais distante
Deste meio fedorento.

Eu puxei os corpos
Desde a infância até a adolescência,



Da adolescência à juventude sangrenta,
Desde a tenra idade,
Até meia-idade.

Meu pai não foi enterrado
De maneira tão esplêndida.
Guerras unilaterais
Esquecerão seus cadáveres
Sem o mínimo de decência.

Este poderia ser o ponto de fronteira,
O ponto zero
O qual se pode chamar de cego:
A sede dos cadáveres de perto e de longe,
Um cemitério invisível!

Me conheça!
Eu o conheço,
Um pequeno corpo
Que está ansioso
Pela tirania do alfabeto:
P... A... P... A... I!

Este poderia ser
O começo de um acidente.
As guerras unilaterais
Não são divididas igualmente.

A sétima peça, como sinos pendurados,
Sacode os pátios!

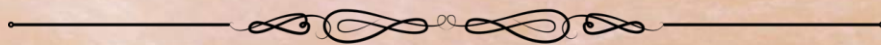
Senhora!

Senhora!

Eu tenho que enterrar minha mãe,
De acordo com os sinos atrás da porta,
De acordo com as bombas atrás da porta,
De acordo com as peças atrás da porta!

A sétima parte já está enterrada
Com a língua arrancada.
E a alma das mulheres dilacerada
Em volta de flores cinza espalhadas.

Rosas nascidas,
Até os nascituros
Devolvam o meu esposo
Que agora está morto.
A sétima parte já está enterrada
Com a língua arrancada.
E a alma das mulheres dilacerada
Em volta de flores cinza espalhadas.



Fatemeh Kalantari nasceu em 19 de setembro de 1978 na cidade de Teerã, Irã. É contabilista e roteirista. Produziu cinco curtas-metragens e publicou quatro livros de poesia no Irã. Além disso, é membro da Equipe Artística *Paradise Ocean*, liderada por Seyed Morteza Hamidzadeh e Jamila Mafra.

EU NÃO SOU UM ANJO

Eu não sou
Um anjo no céu
Para dormir com você,
Ou uma mulher em um mosteiro
Para marcar meus lábios,
Pois milhares e milhares de pecados
Estão ao meu redor,
Eu quero o abraço.
Eu não quero o trono.
Eu quero o abraço
E não o poder.
Eu quero poder
Amar sempre você.

Deixe-me
Sentir meus solavancos.
Meus poemas
Dão à luz um homem.
Isso me tira dos olhos,
Uma casa sem sol,
Mas com um teto e só.

Eu odeio a cama que não fala,
E minha mãe costumava dizer
Que a virgindade me aproxima de Deus.

O mundo inteiro é um círculo
Que sempre que você

Dividir pela metade
Nunca irá me ver.

Deus abençoe
A mulher que cheirava a cânfora,
Deixe ela dar
Meu cabelo para um homem
Quem costumava me amar
E (você!) me envolve na trilha do vento
Neste exato momento.



Nascida no Irã, na cidade de Shiraz em 2 de maio de 1986, e crescida na cidade de Yazd, **Jabbari** é graduada na área de Artes Gráficas, diretora de cinema e Mestre em Literatura Dramática pela Universidade de Tarbiat Modares.

Em 2011, ela foi uma das dez melhores poetas da Fundação Jaleh Esfahani de Londres, tendo feito dois curtas-metragens com o nome “Bell (2013)” e “The Food Is Prepared (2014)”. Além disso, seus poemas são publicados em várias revistas, incluindo: Straylight, Literati Quarterly, A Narrow Fellow & Artifact Nouveau (San Joaquin Delta College).

O ANJO DAS ASAS DE PEDRA

Sim,

Foi este o anjo que derramou
Suas lágrimas sobre os meus versos!

Este anjo com asas de pedra
E corpo de carne,
Olhos negros como a noite
Vem trazendo as mensagens
Sobre os mistérios e viagens
Que faço em meus pensamentos.

Seus voos altos atravessam o mundo
E deste modo revelam
Os segredos mais profundos.

E certamente nas alturas
Sua glória se mistura
Com o brilho da lua
E às bênçãos do Altíssimo!

Sim,

Foi este o anjo que derramou
Suas lágrimas sobre os meus versos!

Certo dia vi um anjo com asas de pedra.
Seu brilho era muito maior que a glória das estrelas.
Seu olhar reluzia as bênçãos do Altíssimo.
Suas mensagens eram de paz e prosperidade.

Suas lágrimas caíram sobre os meus versos.

Este anjo com asas de pedra

E corpo de carne,

Olhos negros como a noite

Vem trazendo as mensagens

Sobre os mistérios e viagens

Que faço em meus pensamentos.

Seus voos altos atravessam o mundo

E deste modo revelam

Os segredos mais profundos.

E certamente nas alturas

Sua glória se mistura

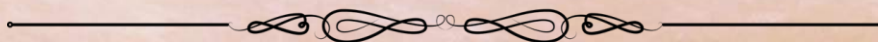
Com o brilho da lua

E às bênçãos do Altíssimo!

Sim,

Foi este o anjo que derramou

Suas lágrimas sobre os meus versos!



Jamila Mafra, Paulista, nascida na cidade de Guarujá, é advogada graduada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Especialista em Docência no Ensino Superior pela UNIASSSELVI, Professora de Geografia, graduada em Formação Pedagógica em Geografia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Pós-Graduanda em Ensino de Astronomia pela Universidade Cruzeiro do Sul e escritora.

A autora escreve romances juvenis, contos infantis, ficção científica e poesias.

Publicou seus títulos nos últimos dez anos tanto de modo independente na Plataforma Amazon quanto tradicional por algumas editoras. É fundadora da Mafra Editorial e também da editora de publicação independente Paradise Ocean Books com o grande parceiro editor e escritor Seyed Morteza Hamidzadeh.

ALGUM LUGAR ENTRE O MUNDO E O ESPELHO

Em algum lugar entre o mundo e o espelho

Três mulheres santificam o dia.

Uma delas saúda o sol.

Outra, dentro dos meus olhos, se torna a noite.

Esta último sou eu.

Segurando um guarda-chuva.

Eu ando dentro das minhas lembranças,

Algumas machucam,

Outras me recordam a distância.

Segurando uma sombra dentro do meu punho

Eu corro, mas nunca me alcanço.

O cheiro de pó seco se apega a mim,

O cheiro do perfume da avó e amaranto

Me fazem lembrar os antigos prantos.

A humanidade tem muitos corações

Com muitos tipos de mulheres:

Razieh, Maryam, Negar.

Elas atravessam nossa história

E algumas vezes se perdem

Em algum lugar apaixonadas,

Em um girassol gigante

Que vira e vira

Até o rosto escurecer ao longe.

Em algum lugar

Entre o "eu te amo" e o "mas"
Está a humanidade,
É uma gigantesca solidão que nos resta
Através de uma ilusão ainda maior
Que todo dia nos cerca.



Negar Emrani, nasceu em Mashhad, Irã, formou-se em Biotecnologia. Após anos de carreira na ciência, devido à crise econômica no Irã, ela encontrou a oportunidade de se especializar em Literatura e na Arte da poesia, que eram seus interesses pessoais há anos.

Algumas de suas obras na forma de poesia contemporânea foram publicadas em jornais não-iranianos, como *“Asymptote Journal Tinge Magazine”*, *“Tinderbox”* e *“The Literati Quarterly”*.

Suas canções e letras também foram publicadas em coleções como "Khorasaneh" (o livro de letras da província de Khorasan), às vezes com música ou

apenas por escrito.

NADIA

Dedicado a Nadia Murad e a todas as meninas sofredoras do mundo - outubro de 2018.

Religiões no céu;

Nenhum nome ou profeta enviou a você saudações, saudações ou despedidas.

Venha me abraçar, fugir dos fonemas, acariciando

Os momentos em congestionamento...

Você foi chamada de anjo; você era um anjo.

Suas asas poderiam ter sido vistas no céu quando comemos as três refeições.

Ó histórias noturnas, canções de ninar e bonecos!

Ela não estava prostrada, costumava cantar nas areias.

Ela se assustou com o canto dos dentes através da travessia das fronteiras....

Ela costumava atravessar as fronteiras com medos ardentes.

As três refeições não diminuiram e as areias corriam pelos becos da aldeia.

Murad, Ninawa e Nadia, a canção sofredora das meninas!

Nós estivemos pisoteando e dançando em terras distantes

Enquanto você suportava a dor que te atormentava.

Você suportou o frio, com as pegadas nuas de Ninawa.

Ninawa está com Nadia.

Ninawa costumava passar pelo rio, descarregando os barcos.

Sua transformação foi mais vazia do que os sentimentos

E a sua dor não foi diminuída.

Envolvemos a paz em nossas almas...

Morra-nos no espaço, sem gravidade, paz ou guerra.

O espaço é mais bonito do que nós,

E você está enterrada em explosões de estrelas e outra estrela nasce...

Todos os dias, as dores, mãos incólumes todos os dias.

Um sussurro, sussurrando em seu cérebro:

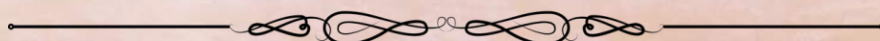
"Eu morri como um mineral e me tornei uma planta..."

Uma garota na sua frente, a garota dos arrepios de celebrações sem prazeres,

Ela se levanta, ela está deitada no ventre de mães adotivas,

Sua transformação foi mais vazia do que os sentimentos

E a sua dor não foi diminuída.



Seyed Morteza Hamidzadeh nasceu em 31 de agosto de 1991 em Mashhad, Irã. Sua poesia pode ser encontrada em revistas de todo o mundo, como WAF Anthology, eFiction, Zouch, Vivimus, Five Poetry, Maudlin House, Literati Quarterly, Denver Quarterly, Santa Clara Review e Blackbird Journal. É fundador da editora Paradise Ocean de publicação independente com a grande parceira e escritora brasileira Jamila Mafra.

Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>



DOCÊNCIA, MULTIMÍDIAS E CIBERCULTURISMO

POR ILIANE APARECIDA DE OLIVEIRA

CUIABÁ - MT

2017

DOCÊNCIA, MULTIMÍDIAS E CIBERCULTURISMO

OLIVEIRA, Iliane Aparecida ⁱ

Multimídia/Educação

• RESUMO

Docência, Multimídias e Ciberculturismo são objetos de debates e reflexões na área acadêmica, sendo de alta relevância ser este assunto objeto de pesquisa. Será levado em consideração a história da informática, sua evolução e a implementação na área educacional e principalmente aspectos sociais e culturais apontados por Pierre Lévy no livro Cibercultura.

Palavras Chave: Tecnologias, Docência, Multimídias, Ciberculturismo.

• INTRODUÇÃO

A imaginação se tornou realidade e hoje não questionamos mais se a internet foi algo bom ou não para o desenvolvimento humano, ela faz parte do cotidiano e é irreversível pois dela dependemos a todo momento.

Para Costa (2014, p.25) “as tecnologias de informação e comunicação estão dispostas ao homem desde que o mesmo começou a escrever nas paredes das cavernas, usando carvão e outras substâncias”.

A história descreveu a evolução do homem com seus registros tecnográficos, fabricação de instrumentos de pedra, organização social em clãs e aldeias, neste caminho evolucionar ele marcou o seu progresso na formação de grupos sociais onde houve troca de conhecimentos adquiridos em costumes, crenças e hábitos sociais os quais hoje chamamos de cultura. Para sobreviver o homem precisou criar produtos e equipamentos e isto hoje é denominado de tecnologia, sendo que algumas foram revolucionárias para o atual estágio como: luz elétrica, fotografia, filme, cinema, telefone, televisão e o computador, porém, o invento que foi imprescindível para a rede e troca de informações foi o satélite.

Nas teorias gravitacionais de Isaac Newton encontramos as primeiras ideias sobre satélite, tendo seus estudos seguidos por outros cientistas que foram despertados para a real possibilidade e utilidade do mesmo em órbita, o que se seguiu é que milhões foram desenvolvidos: satélites de comunicação, militares, astronômicos, meteorológicos, etc.

Várias foram as descobertas na evolução da tecnologia que contribuíram para com a humanidade, algumas delas parece ter um peso maior por serem tão essenciais, no entanto, a soma de todas faz do mundo hoje uma "teia", ou seja, uma rede tecnológica global extremamente avançada.

Entrando no campo da astronomia, ciência que desenvolve máquinas que ocupam a atmosfera terrestre e o espaço, temos os satélites artificiais, ou seja, foram construídos pelo homem, e servem para mapear a superfície da terra, e além de fazer fotografias da geografia do planeta também são responsáveis por transmitir informações para todos os cantos do mundo e do universo. Sinais de rádio, televisão, internet, GPS, e telefone são transmitidos via satélite na órbita terrestre, sendo que a ideia primeira de mapear a superfície foi ultrapassada para a utilização em guerras e também observar território inimigo, detecção de mísseis, etc., mas ele se consolidou nos meios de comunicação sendo lançado por diversos países com tecnologia cada vez mais sensível e avançada, sendo que hoje todos os países do continente possuem satélites artificiais em órbita, o que impulsionou o mercado da comunicação global, e nos trouxe a internet que foi criada em 1969 para fins militares.

Segundo Ferreira e Fatudo (2015, p. 1 5) "os primeiros computadores foram criados durante a segunda guerra mundial com o intuito de auxiliar tropas militares no cálculo de trajetórias de mísseis". Esteve Jobs e Steve Wosniak em 1976 criaram o primeiro computador para uso doméstico, em seguida a IBM em 1980 através da Microsoft avançou em investimentos para computador de uso pessoal, mas foi a Apple que em 1984 conseguiu lançar um computador mais fácil para manuseio por causa da interface gráfica, na sequência mais um lançamento que ficou muito famoso foi o Windows pela Microsoft. Contudo só com a teia mundial de computadores fonte de Tim Bernerslec numa linguagem de programação que permitiu navegação em sites e inserção de elementos gráficos como fotos, imagens, ilustrações e formatação básica de texto que houve um movimento maior para obter computadores por parte de usuários, principalmente com a chegada dos móveis, celulares e tablets.

Segundo Costa (2014, p.32) "podemos entender a internet como uma rede de computadores conectados que compartilham informações entre si sobre músicas, leituras, jogos, notícias, negócios, ciências, é, portanto, uma fonte de informações e serviços".

Este aumento de usuários acessando informações se deve também a queda no valor dos equipamentos eletrônicos. Martins Cooper é considerado o "Pai do Celular" representado pela Motorola e o smartphone se deve a Simon, com características de grande armazenamento de dados.

Com a evolução da internet é impossível prever que área será mais impactada, considerando que ela já trouxe ao mundo uma nova conduta cultural. E nestes ambientes digitais, talvez, seja a área educacional aquela que teve alteração mais significativa.

• A TECNOLOGIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Na área educacional com o surgimento da prensa e do jornal em papel, alguns educadores perceberam um veículo poderoso de transmissão de conhecimento e os cursos a distância começaram a surgir, sendo auxiliado em seguida por informações e aulas através do rádio, sendo o correio o veículo de entrega de material didático. Como em 1970 os computadores começam a se popularizar com o surgimento dos computadores pessoais, com a internet ligada em satélite a conexão como via de aprendizagem e conhecimento avançou também na forma de EAD (Educação a Distância).

Para Machado et al (2015, p. 13) "com o avanço tecnológico das transmissões via satélite, ao mesmo tempo a ausência de democratização dessa tecnologia, surge a necessidade da adequação da modalidade de educação a distância para a antiga sala de aula da educação presencial".

Em toda essa história evolucionar e tecnológica o passado foi de várias novidades que ocasiona uma substituição seguidamente por algo ainda mais avançado e competitivo no mercado, mas, todos estes experimentos convergem e servem de alicerce para os

atuais ambientes modernos virtuais de aprendizagem e as relações de ensino. No tocante a educação inicialmente foi deixado de lado pesquisas em enciclopédias as quais passaram a ser no próprio computador, softwares educacionais foram lançados com a intenção de reforço ou aprendizagem de determinado conceito, jogos eletrônicos com intuito de finalidade educativa.

Neste contexto percebe-se a necessidade de inserir o computador dentro do ambiente escolar e pesquisadores brasileiros discutem o tema sob a coordenação do Professor Ubiratan d' Ambrósio, da Universidade de Campinas, São Paulo-SP (UNICAMP). Em 1981 foi realizado na Universidade de Brasília (UNB) o 1º Seminário Nacional de Informática na Educação, com a presença de pesquisadores de várias partes do mundo, porém, a implementação do uso de computadores nas escolas públicas veio só em 1997, com a criação do ProInfo denominado Programa Nacional de Informática na Educação, que em 2007 passou a ser denominado Programa Nacional da Tecnologia Educacional, cuja finalidade foi promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica. E hoje estes programas levam às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais.

• AVANÇOS E MULTIMEIOS COMO SUPORTE DIDÁTICOS

Com o avanço tecnológico foi possível unir em uma mesma forma som, vídeo, texto e imagem o que chamamos multimídia, isto se considera a base para o sistema educacional tanto na esfera pedagógica quanto para o docente como marco de educação de qualidade e progresso.

Para Lévy (1999, p.67) o termo multimídia significa "um princípio, aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação". Não tem como não perceber o impacto da internet na educação e cabe ao docente buscar estas ferramentas com sabedoria.

Vamos citar, numa sequência evolutiva, algumas ferramentas, salas interativas e possibilidades de uso:

Slides- Pequenas fotografias ampliadas e projetadas com luz;

Retroprojektor- Impressões transparentes e telas maiores;

Data show- Multimídia acoplado ao computador exibe tela com sons de vídeos e imagens;

Lousas Digitais- Permite ao Professor fazer ações na lousa com toque de dedo.

Computador Interativo e Lousa Digital- Criado pela Universidade de Santa Catarina integra computador, projetor e lousa digital;

Aulas - Usando a tecnologia do cinema é possível aula com mais realismo, excelente para estudar corpo humano, células, etc.;

Salas de Multimeios - Compartilhada pelos Professores em forma de rodízio e agendamento, tendo neste espaço computadores, projetores, lousas interativas, tablets, etc.;

Biblioteca Multimeios - União de espaço para fonte de conhecimento.

Não podemos nos esquecer das Tecnologias Assistivas, que ajudam pessoas com algum tipo de necessidade especial a se integrarem da forma mais natural possível ao ambiente escolar, com programas que digitam o que é falado e também leem o conteúdo da tela do computador, etc.

- JUVENTUDE INFORMATIZADA PROFESSOR DIGITAL

Docência e Multimídias passou a ser objeto de debates e reflexões na área educacional sendo de alta relevância este assunto ser objeto de pesquisa, ambiente em que se leva em consideração diversos aspectos sociais e culturais envolvendo professor e multimídias.

O comportamento dos docentes frente às novas tecnologias resulta em comportamentos por vezes conflitantes: a resistência frente às novidades por alguns e por outro lado flexibilidade e abertura ao novo de outros que inserem estas ferramentas ao seu cotidiano para obter melhor qualidade, pessoal e profissional.

Por muito tempo a sala de aula não mudou muito e a informática na educação é um processo importante e delicado considerado ainda campo de resistências, nota-se que se tornou impossível barrar os avanços tecnológicos quando estes há muito já foram incorporados ao cotidiano.

Quem metaforicamente define o impacto tecnológico é Pierrri Lévy (1999, p.21) que a define como: "a tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil) e a cultura ou sociedade a um alvo vivo".

Qualquer docente necessita ter no mínimo um pouco de conhecimento, reconhecer e enfrentar seus desafios frente às ferramentas digitais, sempre procurando conhecê-las incorporando-as ao cotidiano escolar buscando melhoria na sua qualidade de vida e na interação com os alunos. Vale ressaltar que a falta de investimentos, conhecimento e de treinamento por parte das instituições, principalmente públicas e de uma estrutura tecnológica básica acaba influenciando para que o exercício docente caia numa rotina que remete ao sistema de ensino tradicional, lugar em que alunos não querem mais estar. Segundo Pais (2010, p. 12) "temos a consciência de que vários conceitos circulantes no debate didático do uso da informática na educação se encontram em franco processo de consolidação".

O novo contexto educacional requer mudanças, debates, reflexões em vários sentidos destacando o aparato que o docente necessita para exercer seu papel em ambiente favorável para que seu caminhar seja um conjunto na mediação, no estímulo o que afunila em um crescimento mútuo junto aos alunos.

Diante de diversos e complexos fatores este trabalho é um convite a refletir sobre a atuação docente com multimídias e também o papel cultural e social que estas transformações trouxeram ao cotidiano que segundo reflete Lévy (1999) "em vez de

ênfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura”.

Partindo do ponto de vista do professor devemos lembrar o quanto o novo ambiente lhe trouxe facilidades, acesso à pesquisa, hoje campo fácil e fértil de informações tendo se tornado distante o tempo em que tinha que sair de seu espaço em busca de bibliotecas, livros, jornais revistas o que era também oneroso. O uso de informações de fontes seguras enriquece o docente e faz dele um profissional capaz de despertar interesse nos seus alunos, uma vez que hoje a grande meta do ensino é colaborar para transformar o indivíduo ajudando-o a se tornar uma pessoa independente e autônoma, capaz de através de no ato da pesquisa buscar seu próprio conhecimento, e o computador e outras ferramentas fazem seu papel na interação educativa e podem ser vistos como uma nova forma de troca ensino/aprendizagem, aprendizagem/ ensino.

• REDES SOCIAIS DIGITAIS PARA A SALA DE AULA

Num país grande em extensão como o Brasil deve-se reconhecer que existem cidades de difícil acesso e algumas não se encontram interligadas, nestes lugares ainda é mais comum o analfabetismo digital, porém, grande maioria já tem acesso..

Para um bom trabalho didático deve o professor avaliar tudo isto antes de propor desafios e mesmo em redes que parecem sem utilidade educacional ou sua utilidade fútil, uma vez adaptada acaba tendo relevância na aquisição de conhecimento, pesquisa e interação e podem trazer experiências enriquecedoras.

Vamos vê-las:

Celular: O celular tem sido um grande desafio em sala uma vez que grande maioria quer continuar conectado e cabe ao professor propor seu uso correto, estabelecer horários, formar grupo para desenvolver trabalhos ou até mesmo promover reuniões, em acordo em sala serve como fonte de pesquisa.

Twitter: assim como o instagram, possuem um poderoso recurso de indexação de assuntos chamado hashtags (precedido de #), neste endereço é possível pesquisarmos vários temas que estão sendo falados por pessoas no mundo todo por meio de um termo. Podemos então usar esse recurso para indexar tuítes de alunos sobre determinado assunto, a exemplo insetos numa aula de ciência. Outra possibilidade é colocar a busca do twitter no projetor ou lousa, em vez de o aluno levantar a mão para fazer pergunta ela aparecerá na tela.

Google+: mais que uma rede social é um serviço que reúne todos os outros serviços da gigante do software on-line. Nele podemos organizar grupos de discussão e reunir amigos em círculos. Muito potente para a educação é o google hangouts. Esta permite a reunião de vídeo conferências. Uma possibilidade para alunos até de escolas diferentes discutirem pesquisas.

Facebook: seu acesso é para maiores de 18 anos. Possibilita a criação de comunidades fechadas, possibilitando a extensão de conteúdo de sala de aula.

E-mail: ambiente propício para o professor disponibilizar material, trabalhos e orientações para os alunos. Bem como também receber comunicação dos mesmos.

Whatsapp: ideal para criação de grupos e na troca que pode ser entre professor/aluno ou viceversa e também para divulgação de trabalho que pode ser em áudio ou vídeo.

Meet – Aplicativo de vídeo conferência, qualquer pessoa com uma conta no google pode criar uma vídeochamada e convidar até 100 pessoas para participar de uma reunião.

Zoom – Também aplicativo de vídeo conferência para que as pessoas se encontrem virtualmente enquanto produz bate papos ao vivo.

DOCÊNCIA, MULTIMÍDIAS E CIBERCULTURISMO

O motivo principal deste trabalho é refletir práticas educacionais em relação ao docente, não nos esquecendo sua importância na área pedagógica, observamos que o professor vem de uma geração em que foi sendo incluído às tecnologias, seus alunos obviamente nasceram num circuito onde ela já estava instalada chamados de nativos digitais, aprendem discutindo, experimentando, sendo desafiados e o que se percebe nesses alunos é uma adaptação espontânea, diferentemente do professor, que as vezes enfrenta alguma dificuldade pois foram inseridos bruscamente a um novo formato cultural onde houve grande transformação na inteligência coletiva.

Devido a seu aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador, a inteligência coletiva proposta pela cibercultura constitui um dos melhores remédios para o ritmo desestabilizante, por vezes excludente, da mutação técnica. Mas, neste mesmo movimento, a inteligência coletiva trabalha ativamente para a aceleração dessa mutação. Em grego arcaico, a palavra "pharmakon" (que originou "pharmacie", em francês) significa ao mesmo tempo veneno e remédio. Novo pharmakon, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus 28 turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (LÉVY, 1999, p.29).

Todo este novo espaço criado pelas tecnologias influenciou atitudes e comportamentos e gerou questionamento sobre o "descarte" da mão de obra humana e hoje este assunto encontra-se numa parcela um tanto mais amadurecida, ainda um pouco questionada mas percebe-se que houve soma não se esquecendo que por trás da máquina há um universo humano e que fortalecimento de direitos tem sido questionado e conquistado através das mídias como educação, saúde e direitos humanos.

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um lado social, que não seria fundada nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento de saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração (LÉVY, 1999, p. 132).

A natureza humana conduz a ambientes sólidos, estáticos para exercer o poder, no entanto o ambiente tecnológico não fornece meios que ofereça segurança ou estabilidade, quando está se tendo domínio de uma área ela se transforma, são constantes mudanças e muitas vezes impactantes "é o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos" (LÉVY, 1999, p. 13).

Porém, neste processo irreversível não pode o docente cruzar os braços no sentido de ignorar essa transformação, e sim aceitar usar as tecnologias por tentativas e erros, para desta forma fazer parte desta cultura transformadora, rica, acessível e se considerarmos em custo de acesso muito inferior aos modelos do passado.

É nesse novo universo que o professor vai usar para fonte de pesquisar a trazer para sala de aula momentos de interação, prazer e estímulo, onde poderá também trabalhar novos valores. Para trabalhar com informática na educação de forma adequada deve-se considerar o computador, o software educativo, o professor e alunos. Considerando o computador uma ferramenta de interação e o software adequado oportuniza oportunidades de aprendizagem.

O construtivismo propõe que alunos participem do seu aprendizado e isto vai exigir flexibilidade por parte do professor, nesta globalização o professor tem acesso a uma variedade obras, serviços, produtos, vídeos, informações que serve como instrumento de aprendizagem e busca de conhecimento, a exemplo trabalhar com pintura no computador onde a criança se depara com a uma miscigenação de cores, onde registra sentimentos e percepções do meio onde a brincadeira gera criatividade, melhora de coordenação fina, opção de lateralidade. As pesquisas também indicam que isto aumenta o potencial matemático.

Na educação infantil é necessário um ambiente acolhedor; alegre, estimulante, e a internet vai ser fonte inspiradora para esses momentos dinâmicos e prazerosos através filmes, jogos, pintura e música, "essa matéria é misturada, arranjada, transformada,

depois reintegrada na forma de uma peça 'original' no fluxo de música digital em circulação" (LÉVY, 1999, p. 144).

O que se percebe é que a criança não vai com medo ou barreiras para o computador, antes disso é um ambiente aberto a descobertas e sob este aspecto o que se conclui é que o professor tem a aprender com aluno, o que pode fluir como um convite a flexibilidade.

MUNDO VIRTUAL, EDUCAÇÃO E SUAS COMPLEXIDADES

De fato há uma nostalgia por parte de muitos pelos tempos idos, talvez por que a lentidão dos acontecimentos no passado proporcionava ao ser pensar, avaliar e refletir sobre o que estava acontecendo, um conhecimento, um novo relacionamento. Na atualidade depare-se com muitas novidades em vários sentidos, mas realmente não há um tempo para refletir acerca deles, um imediatismo que tomou conta do cotidiano que muitas vezes causa medo, espanto e para alguns verdadeiras barreiras.

“A terceira parte, por fim, explora o lado negativo da cibercultura, por meio dos conflitos e das críticas que sempre provoca. Nesta parte, trato dos conflitos de interesses e das lutas de poder que se desenrolam em torno do ciberespaço, as denúncias por vezes muito virulentas contra o virtual, as sérias questões da exclusão e da manutenção da diversidade cultural frente aos imperialismos políticos, económicos ou midiáticos” (LÉVY, 1999, p.17).

A tecnologia digital acabou impactando a nossa sociedade em várias esferas, criando assim uma nova forma de conduta e pensamento a isto Pierre Lévy dá o nome de Cibercultura reflexão de sua obra com o mesmo nome. A interação social se faz de forma tão exposta que altera comportamentos e a exata medida da individualidade. As pessoas encontram-se em mais de um lugar ao mesmo tempo e as famosas "selfies" nos mostra isto, a cibercultura, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 16).

Ao mesmo tempo em que a internet nos isola, ela nos leva a encontrar pessoas distantes. Pessoas podem ser atacadas moralmente, fotos indesejadas podem levar a exposições indevidas, comentários preconceituosos, ofensivos. Todos estes citados e muitos outros problemas podem, muitas vezes, vir para a sala de aula com grandes responsabilidades de compreensão e acolhimento do professor e do apoio pedagógico e psicológico.

No entanto, não é só em rede privada que há relatos de sucesso na implantação da informática nos espaços educacionais, dentre os desafios a capacitação do docente para

atuar com aparato tecnológico é um deles. Não basta abandonar quadro negro e giz é preciso uma nova postura avaliando o processo metodológico.

Outro problema, principalmente nas escolas públicas é a falta de verba suficiente para instalação e manutenção de equipamentos, treinamento do corpo docente, bem como falta de funcionário encarregado de cuidar e dar suporte aos profissionais usuários dos equipamentos.

Algo que incomoda a área educacional, principalmente professores de língua portuguesa é o uso de uma linguagem paralela criada nos meios tecnológicos de interação reduzida, sem cuidado e esta naturalmente vem para a escrita escolar, o que exige do professor estar sempre trabalhando a linguagem mostrando as diferenças da linguagem formal e informal e a sabedoria para utilizá-las em seus contextos próprios.

Ao avaliar o cotidiano do professor percebemos vivência e experiência única e tão distinta de grande maioria de profissionais, geralmente sobrecarregados de afazeres, no entanto, é preciso que saiba refletir com seus alunos, não apenas aceitar posturas incoerentes e inadequadas, muitas vezes, tão diversa daquilo que vem se conscientizando uma vida inteira, enfim, não deve se deixar vencer, mas ter força e paciência para com peso e medida interagir e ajudar seus alunos para que possam ser transformados.

• METODOLOGIA

Foi realizado um amplo estudo acerca da história da internet, sua evolução e seu encontro na área da educação. Inicialmente foi feita uma pesquisa descompromissada em vários ambientes educacionais uma vez que a pesquisadora passou por diversos estágios na área de Pedagogia como UFMT nas aulas de filosofia e sociologia, no Colégio Estadual Eliane Digigov no ensino médio e fundamental e na Educação Infantil na emeb Filogônio Corrêa, na internet, artigos. Nesta observação de caráter qualitativo é importante saber observar, identificar e discorrer sobre o processo de interação, de troca educacional e suas multimídias.

Portanto, o interesse inicial deste trabalho transformou-se quando na realização de pesquisa se deparou com a obra de Pierre Lévy no livro *Cibercultura* (1999) momento em que houve a necessidade de unir a reflexão sobre o docente ao novo formato social, cultural trazido pelas inovações tecnológicas. Quanto à docência e multimídias percebemos que isto implica refletir diversos ambientes educacionais, onde é necessário urgência em dominar as tecnologias.

Na obra de Lévy (1999) houve um amadurecimento em relação ao assunto uma vez que este trouxe um aspecto diferente, mais abrangente considerando que seu estudo vai trazer o aspecto social e cultural do indivíduo onde o professor está inserido, refletindo um pensamento de uma nova cultura ciber. Os dados foram observados e selecionados na própria vivência dos ambientes acadêmicos e escolar que acabou por guiar a pesquisadora.

- A pesquisa tem um objetivo e para alcançá-lo necessário é deixar claro sua consecução. Para isto foi usado o método de dedutivo que partirá de uma premissa geral, e premissa específica que é analisar fatores históricos, sociais, culturais e neste caso foram ambientes educacionais, lugar propício para as transformações sociais ocorrerem.
- Quanto ao tipo de pesquisa forma aplicadas características exploratórias, em livros e publicações científicas.

O principal objetivo da pesquisa exploratória é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo. Muitas vezes o pesquisador não dispõe de conhecimento suficiente para formular adequadamente um problema ou elaborar de forma mais precisa uma hipótese. Neste caso, é necessário "desencadear" um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar (FURASTÉ, 2014, p. 126).

Desta forma, utilizando o processo exploratório se esclarecerá e sistematizará as informações para num processo futuro fazer uma adequação deste trabalho em ambientes acadêmicos no sentido de levar informações na formação de docentes no uso de informática em sala de aula.

• CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a princípio a história da internet para situar e adequar este ao contexto educacional, mais precisamente ao professor com sua atuação junto ao aluno. Num segundo plano a abordagem cultural e as transformações decorridas neste processo.

Um mundo virtual pode simular fielmente o mundo real, mas de acordo com escalas imensas ou minúsculas. Pode permitir ao explorador que construa uma imagem virtual muito diferente da sua aparência física cotidiana. Pode simular ambientes físicos imaginários ou hipotéticos, submetidos a leis diferentes daquelas que governam o mundo comum. Pode, finalmente, simular espaços não físicos, do tipo simbólico ou cartográfico, que permitam a comunicação por meio de um universo de signos compartilhados (LEVY, 1999, p. 74).

A internet não se posiciona em momento algum para ocupar o lugar do professor, antes disto, ela é uma ferramenta auxiliar que pode trazer muitos benefícios, dentre eles qualidade de vida, uma vez, que poupa uso constante da voz, facilidades e diversidades de pesquisa e as inclusões de outros artifícios lhe tiram a sobrecarga comumente constante.

De grande importância foi trazer o aspecto cultural, a transformação sofrida pela sociedade de uma forma geral e principalmente na educação e aos ambientes

relacionados. É certo que o professor precisa se deixar envolver por este movimento, buscar conhecimentos, inovações, aperfeiçoar-se, estar à frente para saber conduzir o aluno.

A internet foi criada para atender conflitos entre nações, guerras, no entanto seus benefícios na área educacional pode-se dizer que tornou-se um bem imensurável e outro fator a ser considerado é de que apesar de toda tecnologia existente o ser humano continua sendo o bem principal no caminho da transformação e crescimento humano.

• REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF: Ministério da Educação, 1996.

COSTA, Ivanilson. Novas Tecnologias e Aprendizagem. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

FERREIRA, Armindo Ribeiro; FATUDO, Marcelo Vasconcelos. Multimeios Didáticos. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação, explicitação das Normas da ABNT 14.724/2014. 18 ed. Porto Alegre: sd., 2015.

LÉVY, Pierri. Cibercultura. Editora 34, 1999.

MACHADO, Dinamara Pereira et al. Multimeios Didáticos. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

PAIS, Luiz Carlos. Educação Escolar e as Tecnologias da Informática. 1 ed. Editora Autêntica, 2002.
<https://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet.htm>.



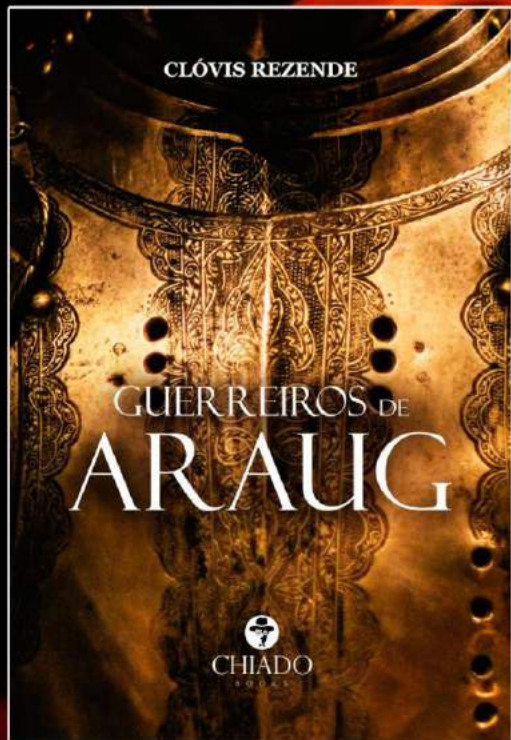
ILIANE APARECIDA DE OLIVEIRA

(LIA OLIVEIRA)

FORMADA EM LETRAS/ LITERATURA PELA UFMT, GRADUADA EM PEDAGOGIA PELA UNINTER, ESPECIALISTA E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, GRADUANDA EM TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO UFMT, ESTUDANTE DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO UNIASSELVI.

Guerreiros de Araug

Clóvis Rezende



A Magia arcana e necromante que haviam sido banidas do reino, começam a reaparecer, e com elas todo o mal que as acompanha ressurgem, esse mal deve ser expurgado antes que ganhe mais força e domine todo o reino. Vamos acompanhar Sir Shiner, um nobre cavaleiro do reino de Araug, que é designado para uma missão real e acaba descobrindo que existem muitas coisas ruins acontecendo em seu reino, um mal antigo ressurgem e se expande mais a cada dia, isso coloca em risco a vida de todos. Levado pelas forças do destino, Shiner encontra novos amigos que podem ajudar a expurgar esse mal, muitas adversidades levam o cavaleiro a entender o valor real da amizade e que a verdadeira força brota dos sentimentos puros. Uma história repleta de magia, esperança, superação e amizade. Viaje nessa aventura com Shiner e seus amigos para tentar deter o mal que assola todo o reino de Araug.

Booktrailer:

<https://youtu.be/dPrTg9bTQXw>

Instagram:

@clovis_rez

E-mail: rezende_clovis@hotmail.com

Sobre o Autor:

Clóvis Rezende tem 39 anos, mora na cidade de Guarapuava, que fica no estado do Paraná, localizado na região sul do Brasil. Desde muito pequeno, Clóvis foi fascinado por livros, contos, fábulas, manuscritos, pergaminhos e todo tipo de material que o levasse para essas realidades fantásticas. De origem humilde, mas sempre buscando ter conhecimento sobre grandes obras, era natural que em dado momento de sua vida quisesse expressar a sua visão com uma obra de sua autoria. Atualmente ele escreve nas horas vagas, mas futuramente pretende escrever em tempo integral, assim dando vida a todas as suas ideias, em novas obras. - Este texto se refere à edição paperback.

PARA ADQUIRIR, ACESSE:

Amazon - Google Play - Chiados Books
Kobo - Martins Fontes

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

CLÓVIS REZENDE

POR ADEMIR PASCALE



Clóvis Rezende tem 39 anos, mora na cidade de Guarapuava, que fica no estado do Paraná, localizado na região sul do Brasil. Desde pequeno Clóvis foi fascinado por livros, contos, fábulas, histórias em quadrinhos, manuscritos, pergaminhos e todo tipo de material que o levasse para essas realidades fantásticas. De origem humilde, mas sempre buscando ter conhecimento sobre grandes obras, era natural que em dado momento de sua vida quisesse expressar um pouco de sua visão com uma obra de sua autoria.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Clóvis Rezende: Acredito que tudo transcorreu de forma natural, sempre gostei de leitura e de todas as percepções que as histórias nos trazem, respeitava profundamente a visão dos autores mas sempre com várias idéias fervilhando em minha mente, porém demorei um pouco para ganhar coragem e dar vez para essas idéias virarem realidade, hoje após ter trilhado todo o "caminho das pedras" percebo que poderia ter iniciado mais cedo, mas tenho certeza de que tudo acontece no seu devido tempo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Guerreiros de Araug”. Poderia comentar?

Clóvis Rezende: Sim. Esse livro tem uma história especial, inicialmente eu e meus filhos (Rian Gabriel e Breno Rafael) tivemos a idéia de criar um jogo de tabuleiro, desses estilo rpg, mas devido as dificuldades para levar a frente o projeto, acabamos desistindo, somente posteriormente pensei que todas aquelas idéias e personagens dariam uma boa história, assim nasceu a idéia do livro e meus filhos de certa forma são co-autores.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Clóvis Rezende: Após resolver colocar as idéias no papel, foram quase dois anos de lapidação até ter o livro pronto. Como se trata de uma temática de fantasia envolvendo

magia e criaturas místicas, a pesquisa se restringiu a tentar estabelecer o período plausível onde dentro do contexto do universo criado, aconteceriam os fatos. Para o clima que ambienta o universo criado na história, usei como base o de minha região, que tende a ser mais frio que o do resto do país. Para os personagens tentei me basear em situações e pessoas reais, e também evidentemente, em todo material que já li e vi, mas claro sempre tentando manter a identidade e originalidade de minhas criações.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Clóvis Rezende: Sou suspeito para citar um trecho pois tenho um carinho especial por cada personagem, mas a conduta de Shiner me agrada muito:

"... O cavaleiro sabia que poderia usar seu status real, para fazer Sluter falar tudo que ele quisesse, mas Shiner não gostava da ideia de submissão imposta por cargos reais e sempre tentava manter amizade com todas as pessoas que viviam no reino de Araug, talvez por esse mesmo motivo, ele era o mais respeitado dos cavaleiros reais..."

Essa honra latente, esse código de nobreza cravado na conduta do cavaleiro real de Araug me agrada muito.

Gosto das pitadas de humor, e da forma como as forças do mal trabalham, para aqueles que trilham o caminho do bem o caminho é sempre longo e tortuoso, mas no final tudo vale a pena.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Clóvis Rezende: O livro está à venda no site da editora Chiadobooks, na Amazon, na Playbooks, e nas melhores livrarias do Brasil e de Portugal, podem ser adquiridos tanto na versão e-book quanto físico. Ainda estou começando minha jornada no caminho literário, mas sigo a cada dia buscando a evolução pessoal para poder produzir melhores trabalhos futuramente.

Podem acompanhar mais sobre meus trabalhos e andamentos de meus projetos através de meu Instagram @clovis_rez

E-mail: rezende_clovis@hotmail.com

Deixo também o link do booktrailer do livro "Guerreiros de Araug" para quem quiser conferir:

<https://youtu.be/dPrTg9bTQXw>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Clóvis Rezende: Sim, já tenho outra história no forno, trata-se de uma temática bem diferente do "Guerreiros de Araug", e que se tudo correr bem será lançado até o fim desse ano, estou participando de alguns concursos literários em sua maioria na

modalidade contos, e no próximo ano pretendo fazer a continuação da história Guerreiros de Araug.

Perguntas rápidas:

Um livro: Lord of The Rings (Senhor dos Anéis)

Um (a) autor (a): J.R.R. Tolkien

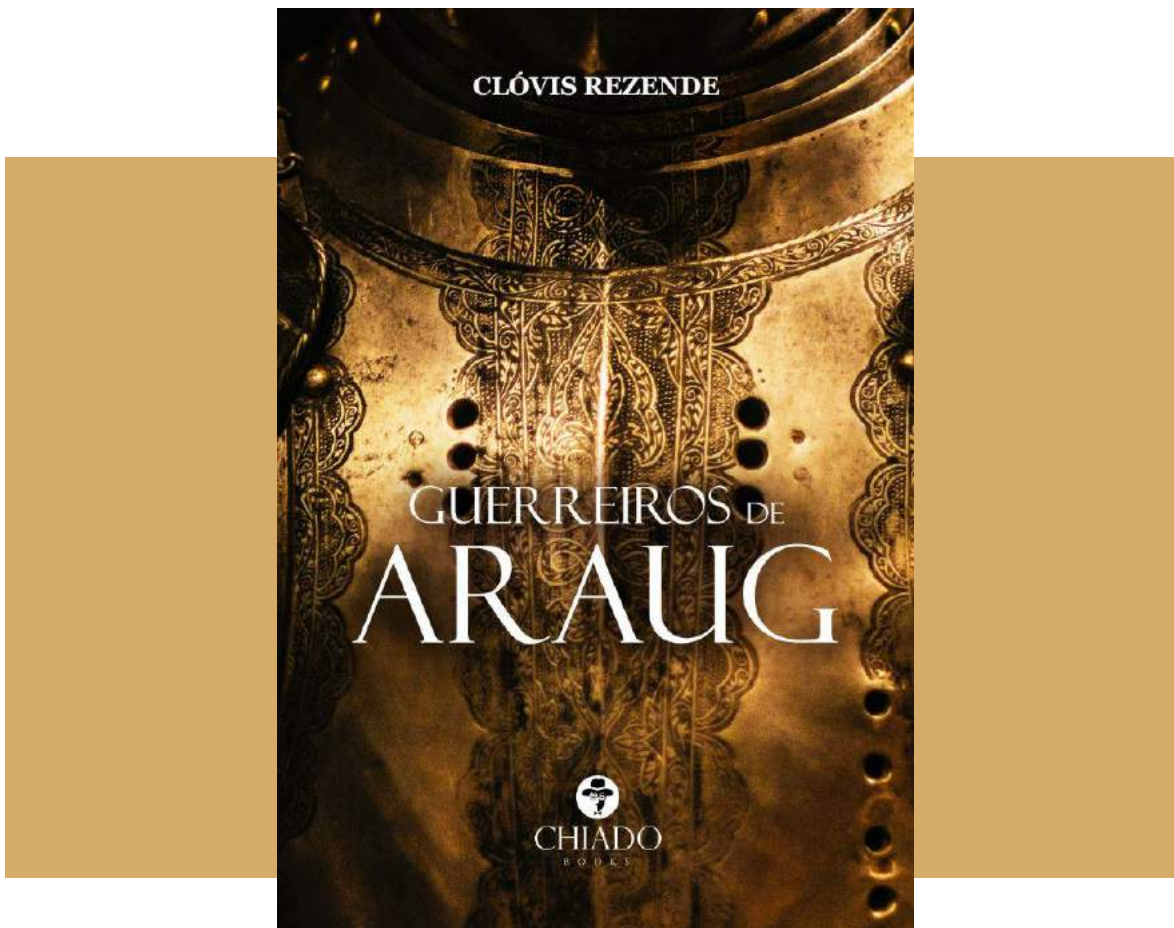
Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: Interestelar

Um dia especial: Quando minha linda esposa Silvana aceitou trilhar o caminho ao meu lado, e assim formarmos nossa família.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Clóvis Rezende: "O caminho da sabedoria é não ter medo de errar" - Paulo Coelho



POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 172 MIL
INSTAGRAM: + DE 9 MIL

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

BERT JR.

POR ADEMIR PASCALE



Bert Jr., cujo nome de batismo é Colbert Soares Pinto Junior, nasceu em Porto Alegre, em 1962. Formou-se em História, na UFRGS, e logo depois em Diplomacia, no Instituto Rio Branco. Como diplomata já serviu em vários países, foi cônsul-geral e atualmente exerce a função de embaixador.

Aos 18 anos, dois poemas de sua autoria foram premiados em concurso que tinha Mario Quintana e Lya Luft no júri.

Sempre gostou de música, considerando-se um violonista amador intermitente. Mantém perfil nas redes sociais para divulgação de composições musicais e criações literárias. Seu mais recente trabalho é o livro “Fict-Essays e contos mais leves”, lançado em novembro de 2020.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

BERT JR.: Comecei a escrever poesia no final da adolescência, cheguei a publicar um livro alternativo aos 19 anos, em conjunto com um amigo. Continuei escrevendo poemas durante algum tempo, porém nunca havia tornado a publicar nada até o ano passado. Para minha surpresa, o que brotou desta feita foi uma obra de ficção.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Fict-Essays e contos mais leves”. Poderia comentar?

BERT JR.: “Fict-Essays e contos mais leves” representa minha estreia na ficção. Trata-se de um livro de contos, sete no total, três deles considerados densos porque centrados na viagem intelectual do personagem principal - os quais chamei de “fict-essays”, ou ensaios fictícios -, e outros quatro mais leves. Apesar de muito distintos em termos de enredo e personagens, todos eles têm em comum o fio condutor de tom humorístico, o qual, em minha opinião, é o elemento que confere unidade à obra. É uma leitura que busca divertir, mas que também, creio eu, provoca reflexões sobre temas contemporâneos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

BERT JR.: Os três “fict-essays” se originam de reflexões sobre temas que já vinham sendo objeto de leituras, porque me interessavam. Por isso, não realizei pesquisas específicas aprofundadas. Ainda assim, foi preciso atualizar conceitos e informações sobre os neandertais no contexto da evolução humana, assim como sobre narcisismo e sincronicidade. No caso de “VegaLight”, tive que pesquisar sobre veganismo. Já em “Um tal recital”, utilizei conhecimentos de música adquiridos ao longo de meus estudos de violão clássico. Para escrever o livro, levei pouco mais de dois meses. Foi um processo criativo bastante concentrado e intenso, que foi desencadeado um mês e meio após a pandemia de coronavírus haver sido oficialmente declarada.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

BERT JR.: Há vários trechos que eu poderia destacar. Mencionarei apenas dois, para não extrapolar os limites da entrevista. O primeiro é quando o personagem principal de “Sincronicidades”, o psicossociólogo Dr. Raul Reis, emprega a “escala de Blurying”, concebida para medir o grau de adesão coletiva a mitos formadores do patrimônio simbólico nacional, para avaliar o nível de impacto da derrota catastrófica da seleção de futebol na Copa de 2014 e do desastre ambiental de Mariana, Minas Gerais, ocorrido em 2015, sobre a integridade simbólica da identidade brasileira. O outro trecho está no conto “Quatro teses sobre Deus”, quando o personagem principal, um pastor evangélico, apresenta a terceira tese acerca da personalidade divina. Para ilustrar a ideia de que Deus é bipolar, o pastor afirma não ser mera coincidência o fato de a luz constituir uma metáfora universalmente associada à divindade, pois a luz possui natureza dual, apresentando comportamento corpuscular e de onda eletromagnética, a qual, além disso, descreve trajetória cujo padrão é uma sucessão de picos e depressões. Portanto, a metáfora representaria, no fundo, o caráter bipolar da personalidade divina.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

BERT JR.: O livro está disponível tanto em formato impresso quanto digital. Pode ser adquirido nos sites das maiores livrarias do país (Cultura, Travessa, Loyola, Saraiva, Fnac, Leitura) e também nos principais sites de venda de livros, tais como Amazon e Submarino, entre outros.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

BERT JR.: Sim. Já comecei a preparar outro livro de contos. É possível que alguns dos personagens de “Fict-Essays” reapareçam, agora em novas situações. Além disso, tenho um livro de poesia pronto para ser publicado. Deverá ser uma seleção de cerca de trinta

poemas, de diferentes fases criativas. Por fim, um de meus poemas, “Silogismo Poético”, foi incluído na V Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea, que está sendo lançada pela editora Chiado Books.

Perguntas rápidas:

Um livro: Crime e Castigo

Um (a) autor (a): João Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Jodie Foster

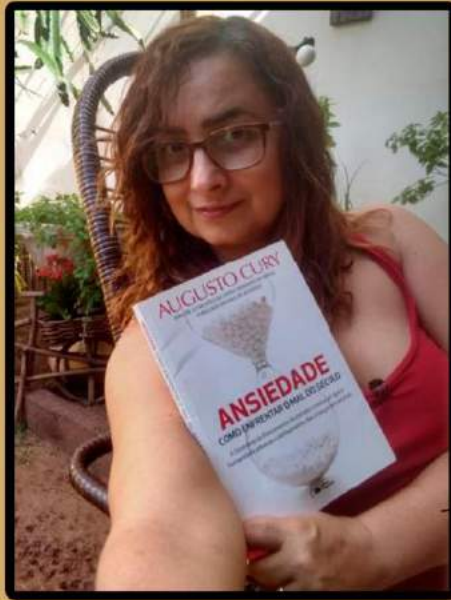
Um filme: Blade Runner

Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

BERT JR.: Tenho a impressão de que o humor anda ausente da cena literária atual, e, no entanto, trata-se de um dos nossos traços culturais mais importantes, um dos cimentos da identidade brasileira. Sem ele, dificilmente teríamos permanecido unidos como povo, irmanados numa só nação. Sem a graça que nos é inerente, seguramente sucumbiríamos às tantas mazelas e crises que teimam em nos acometer ao longo da história. A meu ver, seria aconselhável não deixar de cultivá-lo a título de vacina contra toda sorte de obtusidades e fundamentalismos, tanto presentes quanto futuros.

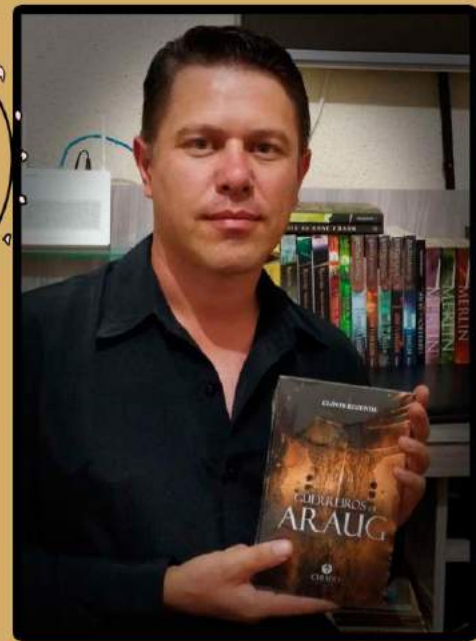




LEITORA: EUNICE DE MOURA SILVA - ARAÇATUBA/SP
LIVRO: ANSIEDADE: COMO ENFRENTAR O MAL DO SÉCULO
AUTOR: AUGUSTO CURY



LEITORA: ERICA MARTINS - MAUÁ/SP
LIVRO: O MORRO DOS VENTOS UIVANTES
AUTORA: EMILLY BRONTE



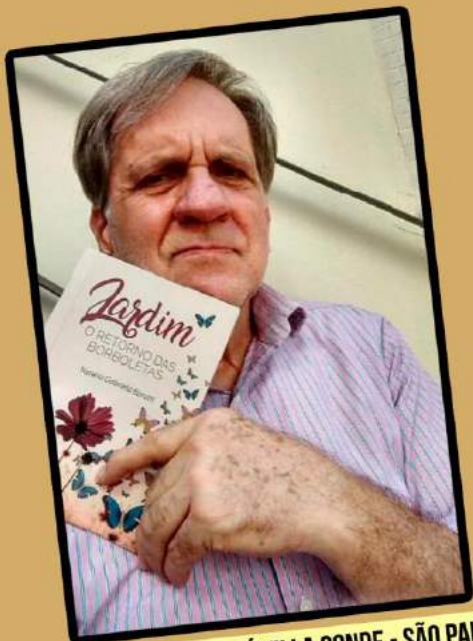
LEITOR: CLÓVIS REZENDE - GUARAPUAVA/PARANÁ
LIVRO: GUERREIROS DE ARAUG
AUTOR: CLÓVIS REZENDE



— revista —
conexão
LITERATURA

Seção "Leitores Indicam"

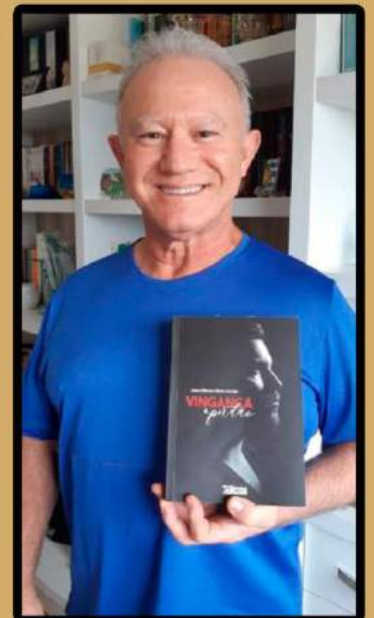
www.revistaconexaoliteratura.com.br



LEITOR: FRANCISCO JOSÉ VILLA CONDE - SÃO PAULO
LIVRO: JARDIM O RETORNO DAS BORBOLETAS
AUTORA: NATÁLIA GABRIELA BORATTI



ÉRIKA SUZUKI - SANTO ANDRÉ/SP
LIVRO: CONTOS DA QUARENTENA (21 AUTORES)
ÉRIKA SUZUKI É UMA DAS AUTORAS DA OBRA



LEITOR: PAULO HENRIQUE ORICOLLI - CURITIBA/PR
LIVRO: VINGANÇA E PERDÃO
AUTOR: JOÃO GILBERTO MARIN CARRIJO

TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.

AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.

REGRAS PARA PARTICIPAR:

- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).

- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.

DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.

- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM O ESCRITOR GLADSTON SALLES

POR ADEMIR PASCALE



Gladston Salles – Natural do RJ, escritor, poeta e livre pensador. Membro da União Brasileira de Escritores, da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil e da Associação Portuguesa de Poetas (Lisboa). Acadêmico Correspondente da Academia Brasileira de Poesia e Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG. Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri/MG. Livros publicados: “Oferenda” (Litteris Editora/2001), “O Cronista Crônico” (Litteris Editora/2001), “Estrela da Manhã” (Scortecci Editora/2012), “Flores de Plástico e Coração de Pedra” (Scortecci Editora/2012 e “Chapeuzinho Azul na Cidade Maravilhosa” (Scortecci Editora/2021).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gladston Salles: O meu início no meio literário ocorreu em 2001, quando escrevi os livros “Oferenda” (poesia) e o “Cronista Crônico” (crônica), ambos publicados pela Litteris Editora/RJ. Convém ressaltar que comecei a escrever poesias e crônicas na minha adolescência. Acredito que herdei a “veia poética” de meu pai Anísio Baptista Salles, poeta, escritor e jornalista.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Chapeuzinho Azul na cidade maravilhosa”. Poderia comentar?

Gladston Salles: Pela primeira vez escrevi um livro destinado ao público infantojuvenil, e o desafio foi muito grande. O meu propósito foi lançar um enredo inovador dentro da realidade em que vivemos. Procurei inserir no texto conteúdo didático/educativo, e uma mensagem de amor e compaixão, tão necessária nos dias atuais. Ouso em afirmar que a obra também busca sensibilizar os adultos para uma reflexão sobre os valores da ética e os nobres princípios que devem nortear a vida em sociedade. Além disso, no contexto

(ou nas entrelinhas, como queiram) percebe-se uma alusão ao sistema político. Escrevi o conto nessa fase de “quarentena” em que procuramos ocupar o tempo, cujas horas se arrastam lenta e pesadamente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Gladston Salles: O livro foi inspirado num miniconto de minha autoria, cujo título é o mesmo. O que me incentivou a transformá-lo em um conto, propriamente dito, foi a boa aceitação dos leitores de minha antiga página literária. A quantidade de leituras e elogios me surpreendeu. Comecei a escrever o livro em abril/2020 (início da “quarentena”), e terminei em julho/2020.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Gladston Salles: “Zé Bedeu foi trabalhar como ajudante de pedreiro. Amarilda arranhou trabalho como empregada doméstica em Copacabana. Quanto a Chapeuzinho Azul, acho que já adivinharam... Isso mesmo: todo dia, bem cedinho, era deixada na creche comunitária. Coisa de cidade grande. Para todo mundo ela sempre diz que quando crescer vai ser médica.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gladston Salles: Disponível na LIVRARIA ASABEÇA:
https://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=14012021121230&prod=9175&friurl=_-CHAPEUZINHO-AZUL-NA-CIDADE-MARAVILHOSA--Gladston-Salles-&kb=441

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gladston Salles: Atualmente estou escrevendo um romance. Em breve, mais um livro será publicado.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”

Um (a) autor (a): Cora Coralina

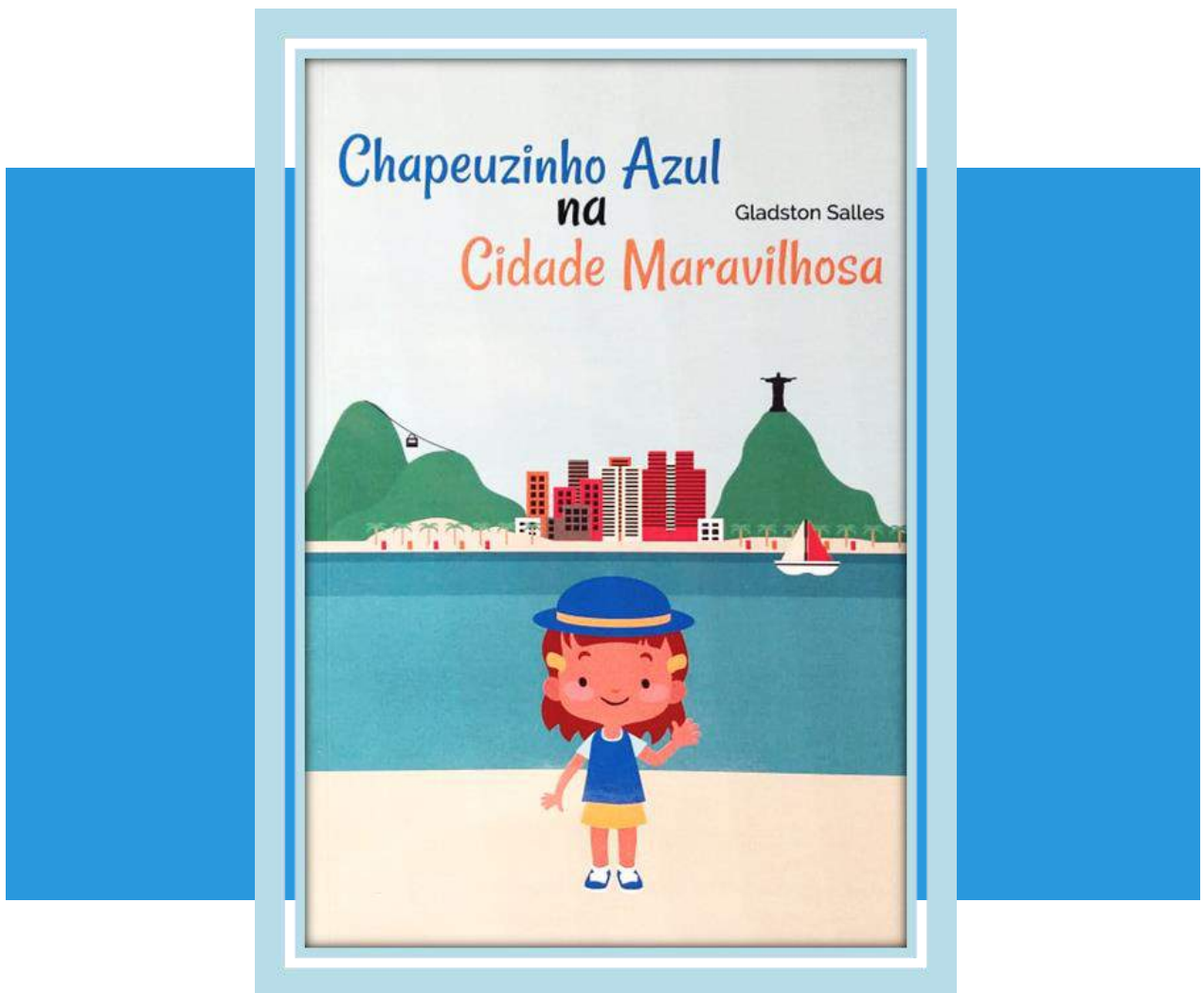
Um ator ou atriz: Marlon Brando

Um filme: “Doutor Jivago”

Um dia especial: Todos os dias são especiais, e devemos expressar nossa gratidão a Deus.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gladston Salles: Sou apenas um homem amadurecido pelos anos e desenganos, que sonha sem se iludir e vive sem deixar morrer o sonho. Acredito em Deus, na Verdade e no Bem.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

KÁTIA SURREAL

POR ADEMIR PASCALE



Kátia de Souza Nascimento, nome artístico **Kátia Surreal**, é carioca, mãe da gata Bibi e membro vitalício da AIL (Academia Independente de Letras), ocupando a cadeira nº 155: A SURREALIDADE. Formada na área da linguagem e da literatura (UFRJ, UFF e Uerj), é professora de língua portuguesa, militante da CMI (Corrente Marxista Internacional), já escreveu artigos políticos e poemas para o jornal Foice & Martelo, mora em Niterói (RJ) com a sua família. Já teve inúmeras publicações em revistas literárias, e-books e antologias coletivas de poemas, contos e crônicas. Hoje mantém a sua escrita ativa através de seu blog Fugere ad Fictem e pelo coletivo Ecos Poéticos no Instagram.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Kátia Surreal: Escrevi meu primeiro romance aos dezesseis anos, assim que tive a minha primeira aula de literatura no ensino médio, mas até hoje se encontra em manuscrito. Acabei publicando outros tantos textos, porém um dia pretendo passá-lo para o computador e fazer as modificações necessárias. Eu me identifiquei muito com o Ultrarromantismo logo no primeiro contato. Uma das razões é por me lembrar as histórias de terror contadas pelos meus pais desde a infância. Portanto, a literatura me veio através da oralidade, passando pelos filmes terror pela mesma razão, até chegar nos livros. Inclusive, a minha formação é na área da literatura. Hoje eu me identifico com vários gêneros literários, mas as minhas raízes vieram dos “causos” assombrosos da família.

Conexão Literatura: Você é autora do livro de poesias “Gradações Hiperbólicas”. Poderia comentar?

Kátia Surreal: O livro reúne poemas com a temática da afetividade, na qual se incluem poemas de amor, eróticos e pornográficos, numa gradação hiperbólica de emoções sob o olhar da mulher, do homem, do gay e da transexual. Aqui, todos têm direito para se

expressarem quanto à sexualidade. Nessa antologia, há muitas vozes que se misturam em palavras e formas, entre a sensualidade e a perversão; entre o riso e a lágrima.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Kátia Surreal: Eu venho acumulando muitos poemas sobre diversos temas ao longo da minha vida. Muitos eu consegui passar para o computador, outros tantos ainda estão em manuscritos. A princípio, o livro ficaria enorme, por isso achei válido reunir apenas os poemas afins para a publicação do meu primeiro livro. Entretanto, os poemas predominantes, eróticos e pornográficos, eu fui escrevendo mais recentemente, em 2019, com o intuito de declamá-los em rodas de amigos. A ideia era nos divertirmos; muito embora eu também estava buscando viver, de certa forma, uma vida inspirada na do escritor Bernardo Guimarães (1825-1884), que se reunia secretamente com os seus companheiros para compartilharem seus poemas pantagruélicos, de pouca aceitação na época. Eu estudei esse autor durante o mestrado na Uerj. Ele é mais conhecido através do seu romance “A escrava Isaura” (1875), mas também escreveu poemas de terror e pornográficos, os quais estão se repercutindo mais na atualidade. Dessa forma, eu tive muito apoio dos amigos para publicar meus textos. Todavia, foi-me uma decisão difícil expor um livro sobre tais conteúdos, eu pensei bastante até me decidir quanto a isso. Portanto, esta publicação é uma atitude de coragem. Devo dizer que o atual contexto também me influenciou nisso, uma vez que, se antes eu não tinha pressa em divulgar os meus textos, agora é questão de urgência. Amanhã poderá ser tarde demais. *Carpe diem! Carpe noctem!*

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Kátia Surreal: Destacarei uma estrofe de um poema que eu li numa roda de amigos. Aliás, fiz com esta intenção mesmo: ler numa roda:

A roda goza

“Quem nesta roda
quer dar a toba?
ora, ora
não te podas
se acaso goza
nesta exata
hora...”

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Kátia Surreal: Escreva sempre aquilo que gosta, sem medo. Não se preocupe com modismo e leia muito, tanto os conhecidos clássicos como também os atuais, que podem ser clássicos, ainda que às escuras. Para quem gosta de escrever literatura mesmo, seja poesia ou ficção, não se preocupe em incomodar o outro, uma vez que a literatura tem como um dos seus papéis mais relevantes nos provocar, tirando-nos da zona de conforto.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Kátia Surreal: Meu livro “Gradações hiperbólicas” está à venda pela loja online da editora *Brunsmarck*, no link a seguir: <https://www.editorabrunsmarck.com.br/loja-online/> .

Podem ter acesso aos meus outros textos poéticos pelo meu blog Fugere ad Fictem – invite a incômodos experimentos literários: <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/> ou pelo Instagram: https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Kátia Surreal: Ainda há pouco, terminei de revisar pela última vez meu segundo livro de poesias, que tem como tema “Abuso Sexual”. Também está em andamento um livro de contos eróticos e pornográficos. No meu blog e Instagram eu sempre publico algum texto novo com temas diversos e onde informo em quais antologias e revistas estou participando com poemas, contos ou crônicas.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O erotismo”, de Georges Bataille

Um (a) autor (a): Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Kodi Smit-Mc-Phee

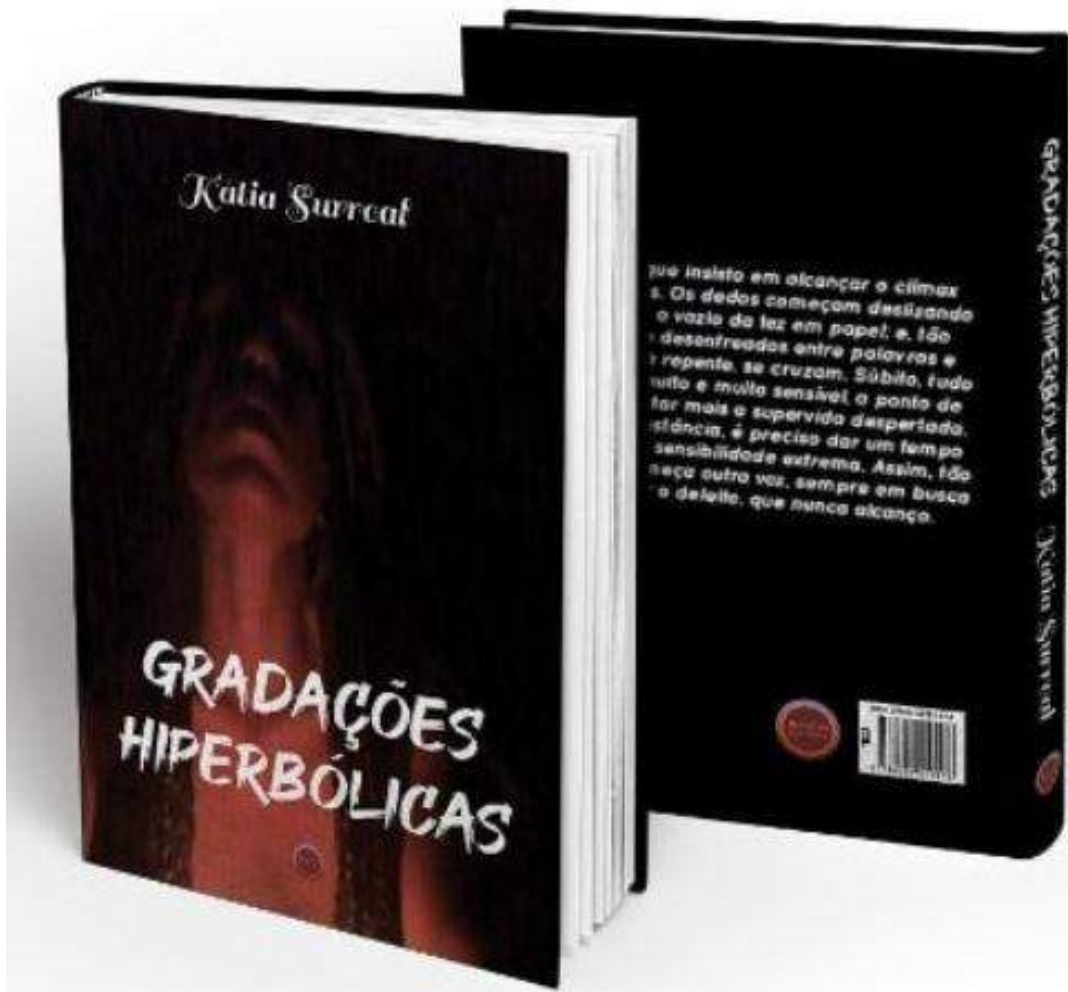
Um filme: “A companhia dos lobos” (1984)

Um dia especial: 9 de abril de 2021, pois foi o dia em que lancei o meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Kátia Surreal: Deixarei aqui um verso pornográfico do escritor Bernardo Guimarães:

“Eu te dou meu coração,
eu te entrego a minha porra!
Faze que ela, sempre tesa,
e em tesão sempre crescendo,
sem cessar viva fodendo,
até que fodendo morra!”



PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

<https://www.editorabrunsmarck.com.br/loja-online>

PARA SABER MAIS SOBRE A AUTORA, ACESSE:

<https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/> ou
pelo Instagram: https://www.instagram.com/katiasurreal_

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

REGINALDO LEITE

POR ADEMIR PASCALE



Reginaldo Leite é carioca e nasceu em 1974. Cenógrafo, com Mestrado e Doutorado pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob supervisão da Professora Doutora Maria Berbara. Professor universitário, criou projetos de Cenografia e Indumentária para diversos espetáculos e carnaval. Foi premiado no IX Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo e no 26º FESTIN de Teatro de Toledo no Paraná. Integra o grupo de pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna” (UERJ). É autor dos livros: *Os Crimes de Platão* (2019) e *A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer* (2020).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Reginaldo Leite: Venho do campo da pesquisa em leitura de imagem e escrever artigos científicos é uma das minhas atribuições. Entrei na seara literária por conta da cobrança de alunos na Universidade, que já conheciam minhas publicações de estudo, porém, a ficção se apresentava como um desafio encantador.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Reginaldo Leite: Após publicar o livro “Os Crimes de Platão” em 2019, me deparei com a necessidade de conhecer um pouco mais sobre a loucura. O tema já foi bastante trabalhado no cinema, teatro e literatura, porém, surgiu o interesse em criar um diálogo com a Insanidade, para que Ela explicasse como é o processo de enlouquecer. Então escrevi “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer”, publicado em 2020. A Insanidade é a narradora do livro e nos convida ao mergulho num insólito

universo. Nele, viajamos por diferentes cenários da mente criativa de Nora Hipólito Bernardes – uma escritora que vive a dificuldade de encarar o mundo real.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Reginaldo Leite: Foram dois anos de trabalho. Sou um profissional da imagem e o livro é muito visual. Parti de alguns artistas para montar meu repertório – Vincent van Gogh, Samuel Beckett, William Blake, Arthur Bispo do Rosário e Aleijadinho. Daí, foi só ouvir o que a Insanidade tem a dizer.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Reginaldo Leite: “Sou cuidadosa em meu trabalho, apesar de duvidarem disso, e lhe explicarei os passos da arte de enlouquecer. No início, há a sensação de vazio. Depois, as cognições esparsas e os leves brancos de memória. A partir daí, me aproximo de você. Sob um período de convivência juntos, lhe apresento meu mundo. Você o percebe e mergulha ao encontro dele. Posso garantir, é uma cena arrebatadora. Após deixar tudo para trás sem qualquer demonstração de arrependimento, seu corpo se rende aos habituais espasmos, como se o tempo parasse bem diante dos olhos. Então caminhamos juntos, abrimos portas, desbravamos diferentes atmosferas e nos tornamos apenas um. Quem sou eu? Acredite, sou a loucura. Pelo menos é como me definem.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Reginaldo Leite: Meus livros estão disponíveis no site da editora: www.dragoeditorial.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Reginaldo Leite: Sim. Em 2021 será publicado meu terceiro livro: “Quando a palavra é o gesto e a imagem emoção”. Uma obra que tem como ponto nodal as paixões humanas.

Perguntas rápidas:

Um livro: “L’Image du monde” de Gauthier de Mertz

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

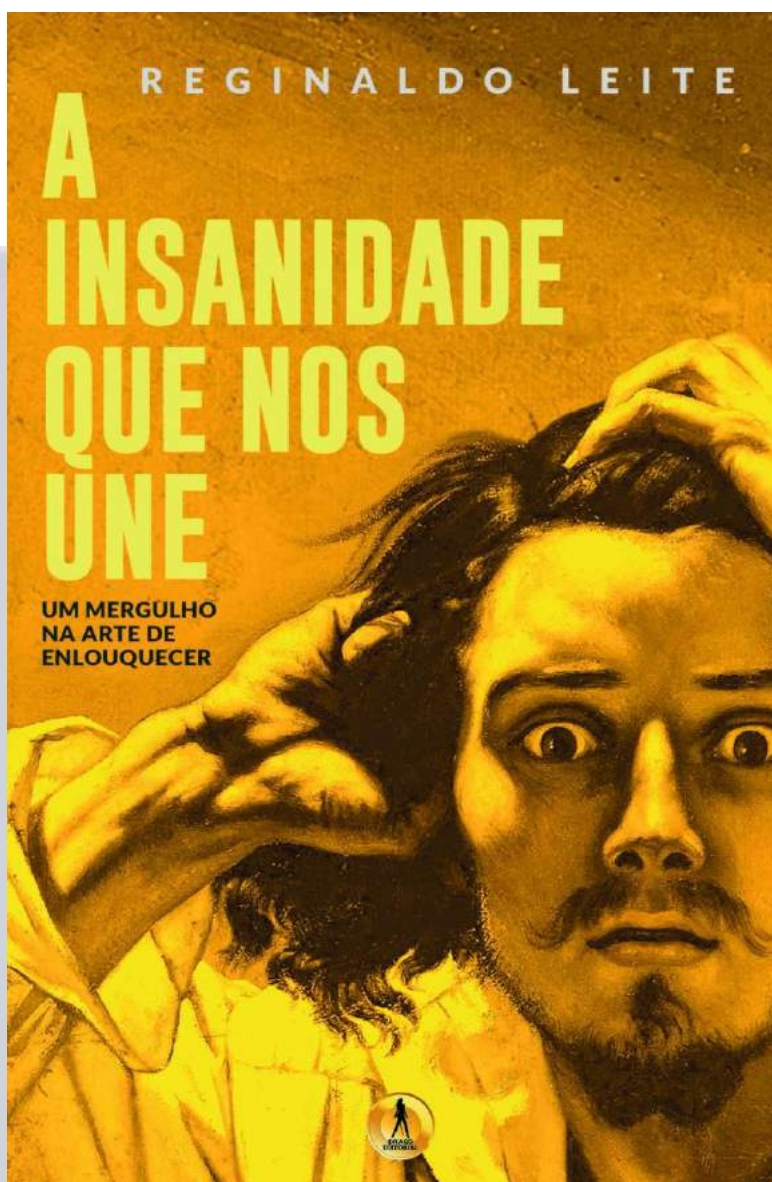
Um ator ou atriz: Joaquin Phoenix

Um filme: Coringa

Um dia especial: o dia do nascimento de cada filho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Reginaldo Leite: Sejam criativos, imaginativos e, sempre, tolerantes para com as diferenças e os aparentemente “diferentes”. Porque em meio a tantas diferenças percebemos o quanto somos iguais. Ser louco não é o fim. É apenas o passaporte de uma jornada.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

PAULO CORDEIRO SALDANHA

POR AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO

SOBRE O ESCRITOR:

O escritor rondoniense Paulo Cordeiro Saldanha nasceu em 1946, no município de Guajará-Mirim (RO). Ele foi Presidente do Banco do Estado de Rondônia – BERON e do Banco Estadual de Roraima. Diretor do Banco da Amazônia e Diretor-Geral do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região. É cronista e romancista. É Membro fundador da Academia Guajaramirensense de Letras-AGL e Membro efetivo da Academia de Letras de Rondônia-ACLER.

Paulo Saldanha começou a escrever ainda na juventude para o jornal “Alto Madeira”, na sessão de Guajará-Mirim (RO). Naquela época, ele era responsável pela sessão de esportes. Além disso, também produziu matérias para o jornal interno do Banco da Amazônia-BASA. Publicou as seguintes obras: O Alferes e o Coronel, no ano de 2008; O oráculo da candelária, no ano de 2010; Esperança: 50 anos depois, no ano de 2011; Crônicas guajaramirenses: prosa que desemboca saudade, no ano de 2013; Crônicas guajaramirenses: prosa que desemboca em humor, no ano de 2015; Crônicas guajaramirenses: prosas que desemboca em reconhecimento, crônicas guajaramirenses prosas que desemboca em conhecimentos; no ano de 2017; A regenerada comborça, no ano de 2013; Os três xerifes da fronteira, no ano de 2015. O presente do Grego, no ano de 2020.

O escritor Paulo Cordeiro Saldanha se auto denomina um escritor regional. Em suas produções literárias, ele destaca vários aspectos da Amazônia rondoniense: saberes, traços linguísticos, modos de vida, elementos da fauna e da flora e outros. Também apresenta, com riqueza de detalhes, a história dos povos que participaram do processo de formação e ocupação do município de Guajará-Mirim e dos Vales dos rios Mamoré e Guaporé. Nesse sentido, as belezas naturais os rios, os seringais, são descritos pelo autor com riqueza de detalhes, identificando, de certa forma, as relações do autor com os elementos sócio- históricos, com as práticas culturais, com a paisagem amazônica e com misticismos, contribuindo, significativamente, para a constituição da literatura de Rondônia.

SOBRE A OBRA:

Escrever sobre a obra de Paulo Cordeiro Saldanha não é uma tarefa simples, pois deste espaço de enunciação ecoam histórias singulares e uma imensurável quantidade de vozes, que, de forma fluída, representam alguns aspectos da História, da Cultura, da Memória e das Identidades dos povos dessa imensa fronteira da Amazônia rondoniense.

Em suas produções literárias, o autor aborda diversos aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural do estado de Rondônia. Descreve, ainda, as histórias das personagens históricas e folclóricas que participaram da vida social/factual dos municípios de Porto Velho e de Guajará-Mirim/RO. Suas principais obras são os romances “O alferes e o coronel” (2008); “O oráculo da candelária” (2010); “Esperança: 50 anos depois...” (2011); “A regenerada comborça” (2014); “Os três xerifes da fronteira” (2015) e “O presente do Grego (2020). Além dos romances acima mencionados, o autor publicou dois livros de crônicas intitulados “Prosa que desemboca em saudade” (2013) e “Prosa que desemboca em humor” (2015).

Ainda no tocante à gênese da obra de Paulo Saldanha, é necessário mencionar, de forma breve, a saga dos Saldanha no Vale do Guaporé e no Território Federal de Rondônia, atualmente estado de Rondônia, pois a história dessa família se confunde com a história regional. Foi para registrar a história familiar que o escritor escreveu, em 2008, o seu primeiro romance intitulado “O alferes e o coronel”, cujo enredo gira em torno da vida do patriarca Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha – o Coronel Saldanha. A história regional também registra a significativa participação da família Saldanha no processo de criação e desenvolvimento do estado de Rondônia pois, nos primeiros anos da década de 1900, o referido Coronel e empreendedor amazônico fundou e gerenciou, dentre outros empreendimentos, a “*Guaporé Rubber Company*”, companhia inglesa que recebeu a concessão para trabalhar em todos os seringais dos vales do Mamoré e Guaporé e seus afluentes.

Após a decadência da extração da borracha, o Coronel Saldanha enviou um minucioso relatório ao Presidente da República, Getúlio Vargas, propondo a criação da Empresa Brasileira de Navegação nos rios Mamoré e Guaporé, com o objetivo de evitar o êxodo e manter a população fixada na extensa faixa de fronteira Brasil-Bolívia. O Presidente da República acatou a proposta e a empresa foi criada, tendo a subvenção do Governo Federal. Após a fundação da empresa, a população da fronteira aumentou consideravelmente e, ao longo dos rios, foram formados vários núcleos agrícolas e portos de lenha, e isso porque os barcos eram movidos a vapor e a motor de propulsão mecânica. A empresa desenvolveu um importante trabalho em toda a região e, após a implantação do Território Federal de Rondônia, foi vendida ao Governo Federal.

O Coronel Saldanha era um visionário. Em 1937, por exemplo, ele liderou um movimento em que, através de abaixo-assinado, demandava a criação do Território Federal do Guaporé, com sede em Guajará-Mirim, pois, além da estabilidade econômica, o município possuía uma forte representação política. Sobre este fato, informa o historiador Francisco Matias:

Em 1937, o capitão Aluizio Pinheiro Ferreira, delegado do governo federal na região do Alto Madeira, encaminhou ao presidente da República um documento subscrito por comerciantes e políticos de Guajará-Mirim, que solicitavam a transformação da região em um território federal. Convém frisar que o referido documento não incluía o município amazonense de Porto Velho, por contemplar apenas as terras mato-grossenses, fronteiriças às do Amazonas. (MATIAS,1997, p. 86-87).

No entanto, convém enfatizar que, embora essa ação tenha sido muito importante para a criação do Território, devido à articulação de outros grupos formados por comerciantes e políticos, o Pres. Getúlio Vargas, decidiu instalar a sede do território no município de Porto Velho.

Paulo Cordeiro Saldanha pertence à terceira geração dos Saldanha; é advogado e escritor e, após a aposentadoria no serviço Público, dedicou-se, com maior afinco, à literatura. É membro da Academia de Letras de Rondônia e membro fundador e Presidente da Academia Guajaramirense de Letras-AGL.

A produção literária de Paulo Saldanha pode ser classificada, na vertente das manifestações literárias rondonienses, como regionalista. Conforme Caldas (2011), em Rondônia, os escritores que escrevem sobre o local e assumem como pontos centrais de suas obras fatos históricos, heróis e preocupações do local são designados regionalistas. Nesse sentido, o próprio escritor, ao falar das características dos movimentos literários do estado de Rondônia, classifica-se como um autor regionalista, que produz, geralmente, romances históricos. Sobre essa questão, Saldanha afirma¹:

O movimento literário, se, eventualmente, transita pela vertente do romance, por exemplo, discute a problemática, as lutas, os desafios, a superação, enfim, a própria vivência na região. Já o historiador fundamenta sua obra nas pesquisas que realiza, apondo suas análises, tecendo as suas críticas. No meu caso, me valho da história para respaldar uma ficção.

Conforme Saldanha, a ideia de escrever o romance surgiu quando ele releu uma série de textos produzidos pelo historiador e Professor Abnael Machado de Lima, cuja temática era “A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica”. O autor também afirma que a obra “Esperança: 50 anos depois...” é um romance histórico, produzido com o objetivo de registrar e enaltecer a história dos povos que participaram da construção do estado de Rondônia.

Dessa forma, compreende-se que a obra de Saldanha expressa um significado autoral singular permeado por outros significados, construídos a partir da leitura de outros textos e contextos. Percebe-se, também, um constante diálogo com a história e com a cultura manifestado, principalmente, a partir da alusão a fatos e figuras históricas e

¹Paulo Cordeira Saldanha, em entrevista para elaboração desse trabalho.

folclóricas que participaram da vida da região. É, conforme as palavras de Eneida Maria de Souza, a “[...] mimetização da vida em relação à literatura [...]” (SOUZA, 2004, p. 04). Nesse aspecto, o autor retrata esses elementos com riqueza de detalhes, reconstituindo, de certa forma, a saga rondoniense.

Sobre esse tema, Perrone-Moisés² afirma que:

Os textos literários ensinam muito sobre identidade, alteridade, nação, cultura, etc. Sobre cultura, ensinam que não existem culturas estanques, que cultura supõe sempre processos de contato, que o contato e as relações são inseparáveis do próprio conceito de cultura (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 13).

A partir dessa proposição, podemos afirmar que Saldanha insere o fazer literário de forma bem sutil, intercalando história e ficção. Se Borges(2001)³ tem razão ao afirmar que a ficção vive na ficção, podemos, também, dizer, supostamente, que Saldanha utiliza os fatos históricos para materializar seu projeto literário aqui abordado, pois, na maioria de suas obras, ele apresenta num tom quase sempre memorialístico/confessional, alguns elementos que contribuíram para a constituição da História, da Literatura, da Cultura e das Identidades rondonienses.

Nessa perspectiva, o autor demonstra uma grande capacidade de tratar sobre temas do cotidiano, abstraindo dessa realidade a ficcionalidade e a representação de mundos imaginários. Esse tema é discutido por Oliveira (2009, p. 14), que afirma: “Cada artista concebe o mundo a partir de sua subjetividade, de sua intuição e sua obra é um retrato livre dessa interioridade.” Contudo, apesar de priorizar os temas regionais em sua obra, ele expressa valores universais, estabelecendo múltiplos diálogos com outros autores e obras, principalmente a partir da utilização da intertextualidade⁴. Esse aspecto pode ser identificado principalmente nas obras “Crônicas guajaramirenses”.

Pode-se também identificar na produção literária de Saldanha, mais especificamente nos romances, vários traços caracterizadores do romance histórico. De acordo com Silva⁵, entendemos que não há uma linha exata que separe história e ficção, ambos se entrecruzam e se inter-relacionam dinamicamente. Segundo o autor:

Tanto a história quanto a literatura tem como objeto final, como seu “produto” final uma narrativa. As duas (re) contam, narram. Falam sobre fatos, acontecimentos, sobre a realidade. Ambas têm

²Na apresentação da obra: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: companhia das Letras, 2007.

³Na obra: BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

⁴Na concepção de Kristeva (1974, p. 64), “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.”

⁵No artigo: Entre a História e a Literatura: os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. Disponível no site: www.ufrgs.br. Acessado em 11/08/2014.

personagens, tramas e enredo na urdidura de sua construção. (SILVA, 2007, p. 2).

Na obra de Saldanha, os contextos históricos e socioculturais apresentados integram suas vivências e sua memória. Além disso, as experiências pessoais do autor nos eixos Madeira, Mamoré, Guaporé e, posteriormente, em diversos contextos amazônicos também irão favorecer a compreensão de que a obra literária é resultado das relações estabelecidas entre o escritor e a sociedade e está, geralmente, vinculada ao contexto em que se origina, expressando as vivências do escritor, pois, ao construir o texto literário, geralmente, o autor recria a realidade. Observemos o que afirma Eneida Maria de Souza:

O entrecruzamento de momentos textuais com os vividos permite ampliar a noção de texto, que não mais se circunscreve à palavra escrita, mas alcança a dimensão de outros acontecimentos, interpretados como parte do universo simbólico. Nesse sentido, a intertextualidade, conceito amplamente empregado pela crítica literária contemporânea, além de se referir ao diálogo entre textos, desloca o texto ficcional para o texto da vida (SOUZA, 2004, p 04).

As palavras da pesquisadora são categóricas ao tratar das relações entre o factual e o ficcional; não há uma fronteira que delimite, religiosamente, o que pertence a uma esfera e o que pertence à outra. O autor, ainda que não queira imiscuir-se o faz de modo consciente ou não, alocando suas vivências (ficcionalizadas ou não) para o interior do texto literário.

A seguir, apresentamos entrevista realizada no dia 05 de janeiro de 2021, com o escritor Paulo Cordeiro Saldanha.

A ENTREVISTA:

AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO (ASP) Quantas obras você já publicou? Quais os títulos e anos de publicação?

PAULO CORDEIRO SALDANHA (PCS):

- O alferes e o coronel (1ª ed. 2008 /2ª ed. 2016).
- O oráculo da candelária (2010).
- Esperança: 50 anos depois... (1ª ed. 2011 /2ª ed. 2018).
- A regenerada Comborça (2013).
- Prosa que desemboca em saudade (2013).
- Os três xerifes da fronteira (2015).
- Prosa que desemboca em humor (2015).
- Prosa que desemboca em reconhecimento (2017).
- O presente do Grego (2020).

- No prelo- “Uma Flecha Atirada Ao Infinito” contando experiências e vivências como Executivo Financeiro.

(ASP): Poderia nos contar como foi o seu ingresso no meio literário e, conseqüentemente, na Academia Rondoniense de Letras-ACLER e na Academia Guajaramirense de Letras- AGL?

(PCS): Em 2008 após a publicação do romance “O ALFERES E O CORONEL”, o insigne Presidente da ACLER escritor José Valdir Pereira convidou-me para ingressar na ACADEMIA DE LETRAS DE RONDÔNIA, a ACLER. Após a minha posse, ele sugeriu a criação da ACADEMIA GUAJARAMIRENSE DE LETRAS – AGL, ratificando uma sugestão da confreira Yedda Borzacoc. Uni-me a alguns idealistas e criamos a AGL que está ai, viva e triunfante!

(ASP): O Senhor é autor de três romances históricos. Na sua opinião, há inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

(PCS): Sim. Porque a ocorrência dos fatos e a existência de atos, estes se desdobram em registros que a história de pronto alcança. Por exemplo, em 1647, o Bandeirante Antônio Raposo Tavares ao vir de São Paulo e transitar nos rios Guaporé e Mamoré deixou nestas paragens do poente as marcas da sua audácia. Em 1776, foi iniciada a construção do Real Forte Príncipe da Beira. Anos depois, Balbino Antunes Maciel fez o mesmo. Rondon, Costa Marques, também. Um dia a EFMM foi iniciada e depois concluída. Historiadores e romancistas acabam citando-os (a meu exemplo) como personagens e/ou empreendimentos importantes na conquista da região.

(ASP): Na sua opinião, quais os significados e as características dos movimentos literários do Estado de Rondônia?

(PCS): [...] um narrador se fixa no olhar da sua geração. O movimento literário, se, eventualmente, transita pela vertente do romance, por exemplo, discute a problemática, as lutas, os desafios, a superação, enfim, a própria vivência na região. Já o historiador fundamenta sua obra nas pesquisas que realiza, aponto suas análises, tecendo as suas críticas. No meu caso, me valho da história para respaldar uma ficção.

Prefiro interpretar que a vertente que se sobressai é a regionalista, onde o foco traduz uma direção: falar das raízes, da história, das lendas e dos fatos acontecidos, em que enaltecer o homem do passado e suas realizações, como paradigma, como exemplo a ser seguido, era o foco.

O movimento Madeirista, até onde pude enxergar, nasceu sem convicções. Já foi embora. Parecendo insinuar que surgiu como protesto e teve muito pouco conteúdo, já que não se fixou em nenhum Norte, nasceu sem rumo.

(ASP): Na sua opinião, qual é a relação entre os movimentos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos?

(PCS): É evidente que a migração traz em seu bojo, o desejo de mudanças, o ímpeto por transformações. Há situações em que a migração deseja impor a cultura da região de origem da população acolhida. Termos, palavras, a cultura popular (música, a dança) dessas populações acabam se sobrepondo àquela nativa. Na literatura regional, o parceleiro que se localiza no eixo da BR 364, ao falar do seu pioneirismo nos assentamentos rurais se remete enquanto literato, para as terras sulistas e/ou nordestinas, de onde veio, desejando encontrar (e logo) o progresso de lá se contrapondo às dificuldades que aqui encontrou e se defronta. Afinal, ele sabe, que o desenvolvimento não se faz “vapt-vupt”. Nem por isso deixa de ser um alienado, mas que, na condição de crítico pensante, muito auxilia na busca das soluções demandadas. Parece-me, ao ler Matias Mendes, Abnael Machado de Lima, Yedda Borzacov, Sandra Castiel, Lucio Albuquerque, Don Geraldo Verdier, Antônio Cândido, entre outros, embora tratem eles de temas universais, vejo-os com intensa carga literária na defesa do regionalismo amazônico.

Mais uma vez recorro ao olhar do escritor, pois se é de origem nordestina a sua descrição se baseia na cultura original, mesclando sua narrativa com as críticas que a sua sensibilidade e envolvimento possam fazer sobressair. Se sulista, é evidente que as saudades dos Pampas, por exemplo, e as conquistas materiais que recolheu como nativo do RS, PR ou SC, se comparadas com as carências observadas neste Noroeste brasileiro, certamente o conduzirão para demonstrar aos seus leitores as contradições que lhe chamaram a atenção. Se for escritor nativo, certamente não deixará de falar na atividade gumífera, na EFMM, no Forte Príncipe da Beira, na economia da Castanha do Brasil, etc. Todavia, um ou outro dependerá ainda da sua visão pessoal decorrente do avanço tecnológico que o mundo moderno experimenta.

(ASP): Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

(PCS): Embora nativo (neto de cearenses e de matogrossenses), tenho influência da cultura nordestina e guaporense, por conta da origem de minha família. Todavia, meus trabalhos literários são focados nos fatos, lendas e história regional. Aprecio contar “causos” verdadeiros que me foram repassados ou aqueles que vivi na tenra idade, na juventude e na vida adulta, sempre procurando dignificar as pessoas que tanto fizeram no passado, legando para esta geração melhores dias e melhor qualidade de vida.

(ASP): Sua obra "Esperança: 50 anos depois" foi objeto de uma Tese de Doutorado da Profa. Auxiliadora dos Santos Pinto, intitulada “A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do estado de Rondônia,

defendida em 26 de agosto de 2016 no IBILCE/UNESP, em São José do Rio Preto/SP. Fale-nos sobre o processo composicional da obra em destaque.

(PCS): Ratifico o que escrevi na apresentação do romance: o processo veio à lume a partir de uma inspiração, ao reler textos do magnânimo historiador, o insigne Professor Abnael Machado de Lima, que plugado na sensibilidade social e na sua visão retrospectiva, altamente aguçada, me conduziu a dar vazão à idéia de produzir uma ficção, no instante em que, através de personagens me permiti interpretar a atividade gumífera, fecundamente exercitada a partir da metade do século XIX, transferida, com seus altos e baixos, para o seguinte (XX). E acrescentei a ação comercial derivada da coleta, quebra, limpeza, secagem e exportação da castanha do Brasil.

(ASP): Quais conselhos o Senhor daria às pessoas que desejam ingressar no cenário literário?

(PCS): Todos nós nascemos com talentos; uns para a música, pintura, ciências, outros para a oratória, há os artistas, médicos, economistas, matemáticos; Aqueles que vieram ao mundo para cultivar a literatura, sem querer ser o dono da verdade, sugeriria que lessem autores nacionais e estrangeiros; Há um monte deles como Machado de Assis, Joaquim de Macedo, Coelho Neto, Jorge Amado, lembraria dos nossos grandes poetas como Castro Alves, Manoel Bandeira, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes... Mas me arvoraria em afirmar que um Garcia Marques, Hemingway, Victor Hugo (o Francês), Mika Waltari bem que poderiam pontificar numa estante de quem quisesse se tornar escritor. E jamais desistiria de ler os nossos regionais como Matias Mendes, Leide Pontes, Dulcio Mendes, Antônio Cândido, Yedda Borzacov, observando o estilo, a forma e a criatividade demonstrados.

(ASP): Qual a sua visão sobre o mercado editorial em relação ao grande crescimento da produção e venda de livros digitais? Há algum projeto nesse sentido?

(PCS): Penso que o futuro já pertence totalmente a tecnologia digital. Assim como o cheque e o papel moeda o livro e os jornais impressos no modo antigo está com os seus dias contados. Inclusive porque o meio ambiente agradece... Mas, estou aberto a essa vertente nova, muito embora aprecie (e muito) ler o livro impresso no papel.

(ASP): Como o leitor e/ou a leitora interessados deverão proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre o seu trabalho literário?

(PCS): Meus livros são vendidos na Livraria Arco íris, em Guajará-Mirim e no Hotel Pakaas Palafitas Lodge. Eu escrevo para que minhas histórias dêem a dimensão exata do quanto acredito na intensidade da literatura como agente de transformação e atuo para corresponder à missão que, sem querer ser pretensioso, Deus me concedeu para que eu

pudesse me exprimir com inteligência e sabedoria na distribuição de mais fé e mais esperança.



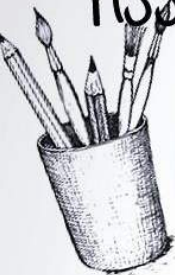
Auxiliadora dos Santos Pinto é doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus São José do Rio Preto (DINTER UNIR/UNESP). Área de Concentração: Letras - Literaturas em Língua Portuguesa (2016). Possui graduação em Letras (1993) e bacharelado em Administração de Empresas (1995), pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, Especialização em Gestão de Recursos Humanos (2001), Especialização em Educação: Ensino Superior (2002) e Especialização em Administração Pública (2008), pela Universidade Federal de Rondônia, Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Rondônia (2005). Atualmente, é Professora Adjunta na Fundação Universidade Federal de Rondônia. Tem experiência na área de Linguística, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Sociolinguística, Semântica E Análise de Discurso. Na área de Literatura tem experiência em Teoria literária, Literatura brasileira e Literatura regional/amazônica. Desenvolve pesquisas sobre "Linguagem, História, Memória, Cultura, Identidades e Literatura na Amazônia?", com o intuito de compreender a constituição das fronteiras geográficas, históricas, linguísticas e culturais das comunidades urbanas, rurais e ribeirinhas na Amazônia e, assim, reconstituir e registrar suas línguas, memórias, saberes e práticas culturais e identidades. Também tem experiência na Educação Básica e Formação de Professores. É Vice-líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre as Fronteiras Amazônicas ? (GEIFA). É membro do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia (CEPLA) e membro do Grupo de Pesquisa Filologia e Modernidades e do Grupo de Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste (GPFENNCO). Também é membro da Academia Guajaramirense de Letras (AGL).

FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

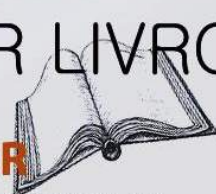
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSO O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESSO A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



Conto

Existem vários tipos de olhares: olhares frios, daqueles que a pessoa demonstra que não está nem um pouco interessada em você e muito menos na sua conversa, desviando os olhos constantemente para tentar encontrar algo mais interessante. Olhares de deboche, daqueles que dizem mesmo sem dizer: “Mentira. Duvido que você seja capaz disso...”. Olhares alegres, daqueles que a pessoa também estampa um largo sorriso e lhe contagia fazendo o seu dia mais feliz, revelando que a sua presença é muito importante para ela. Olhares raivosos, daqueles que se você não correr é capaz da pessoa te morder. Olhares autoritários, daqueles que a pessoa acha que você é propriedade dela ou simplesmente seu escravo(a). Olhares tristes, daqueles que brilham e que parece que a pessoa vai chorar a qualquer momento te contagiando e o deixando também triste. E olhares apaixonados. Na realidade existem muitos mais tipos de olhares, mas é justamente sobre este último que a nossa história começa:

Fred era um tipo de garoto que se incomodava com os olhares das pessoas, porque ele não tinha sossego. Parecia que conseguia ler a mente das pessoas apenas pelo olhar. Na realidade ele conseguia ler, ou pelo menos achava que conseguia. E você leitor sabe que o olhar demonstra o que a pessoa está sentindo, pois só quem é muito profissional consegue disfarçá-lo, como um experiente jogador de poker. Fred, com seus 19 anos, já

sabia de muitas coisas, apenas estudando o olhar das pessoas. Ele sabia quando estava agradando. Sabia quando tinha que se calar e sabia quando tinha que correr, tudo isso observando as variações dos olhares. Ele era (e acredito que ainda seja) obcecado por olhares. Tinha uma caderneta da qual fazia suas anotações e desenhos dos olhos, pálpebras e sobrancelhas, pois os três itens formam um importante conjunto para estudo. Seu estudo. Mas tinha um olhar que fez Fred parar e repensar sobre tudo o que aprendeu: o olhar de uma garota que frequentava a lanchonete da faculdade da qual ele trabalhava. Ele varria o chão. Atendia o público. Limpava os banheiros, inclusive os que estavam com as privadas quebradas e entupidas. Fazia o café e colocava os pães de queijo no forno para assar, lavando as mãos depois de ter limpado os banheiros (espero). Levava as broncas dos clientes, porque era o único funcionário do seu período de trabalho das 8h às 14h. Ele fazia quase tudo lá, só não pegava no dinheiro, porque o seu Manoel, proprietário do estabelecimento, não confiava.

Mariana, esse era o nome da garota, era uma estudante de Educação Física. Ela sempre andava acompanhada do namorado, um estudante de Direito, folgado e autoritário. Fred não entendia como uma garota poderia se apaixonar por um rapaz com essas características. O “cara”, como Fred dizia, também devia malhar. Era forte e exibicionista. Sempre estava com suas camisas agarradas ao corpo mostrando os músculos. Parecia também ter bastante grana, pois além das roupas de griffe, ia cada dia com um carro diferente na faculdade, mas pode ser que o seu pai fosse proprietário de alguma loja de automóveis, o que não mudava nada: o cara tinha dinheiro. Fred acreditava em amor verdadeiro e talvez Mariana tivesse visto alguma qualidade naquele jovem malhado, bonito, rico e metido. A realidade era que ele tinha muitas coisas das quais Fred não tinha, tanto na parte financeira como na física. Mas de uma coisa ele tinha certeza, o “cara” certamente não sabia ler os olhares das pessoas tanto como ele, que era expert no assunto. Bom, mas chega de falar desse “cara”. Retrocedendo alguns dias no tempo, foi o olhar de Mariana que o fez repensar em seus estudos sobre “os olhares”:

— Oi, quero fazer um pedido! — diz a garota com o olhar semicerrado, enquanto segura a mão do “cara” que está com o olhar para cima. Um olhar de pouco caso.

— É..., pois não? — Fred olha secamente, pensa e reflete sobre o olhar da garota. — Por que o olhar dela está semicerrado? Sabe, parece um olhar de desejo. Mas como ela faria isso segurando a mão do namorado? Ele parece não notar e até faz pouco caso com o seu olhar ridículo...

— Posso fazer o meu pedido ou você está muito... ocupado? — a garota não mudou o olhar, mas o tom de voz deixava claro o seu sarcasmo, pois Fred estava ali para atender o público.

— Claro, fique à vontade! — Fred olhava disfarçadamente para a garota enquanto limpava o balcão com um pano embebido em álcool. A garota, vez ou outra colocava uma caneta na boca e dava leves mordidas nela, como se estivesse fazendo isso para ter mais ideias sobre o que realmente iria pedir, ou simplesmente para atizar Fred. Mas no final foi um pedido bem simples, a especialidade da casa: dois pães de queijo e dois sucos naturais de laranja.

Mariana e o “cara” fizeram esse ritual durante os cinco dias da semana e nos cinco dias ela permaneceu com o mesmo olhar e ele com o dele. Fred passou a pensar mais vezes em Mariana. Na realidade pensava dia e noite. Tentou fazer exercícios em casa para ter um corpo mais malhado, mas o cansaço do serviço não o deixava malhar por mais de 20 minutos diários e ao invés de ganhar músculos parecia que ficara ainda mais magro. Comprou roupas mais agarradas, mas ficou pior ainda, pois ficavam ainda mais nítidos os seus músculos esqueléticos. O seu olhar demonstrava cansaço. Passava as noites em claro desenhando o olhar de Mariana. Consultou livros sobre os olhares. Revisitou seus antigos desenhos e estudos.

Definitivamente, ele não poderia estar enganado: ela o olhava com desejo. Ela o queria. Os seus olhos demonstravam o que ela não tinha coragem de dizer, ou porque sempre estava acompanhada do “cara”. Fred ficou obcecado pelo olhar de Mariana e de vez em quando dava algumas escapadas do seu local de trabalho para passar em frente a sala dela e dar uma espiada na garota. Mas era difícil enxergar o seu olhar, pois ela sentava no fundo da sala.

O olhar de Mariana.

E tudo isso foi em apenas cinco dias. Os cinco primeiros dias de aula do primeiro ano daquela garota. Fred passou o final de semana pensando sobre o assunto. Tentou elaborar um plano bem simples, mandar alguém entregar um bilhete para ela em sala de aula. Isso não seria difícil. Um bilhete era mais fácil do que encará-la cara a cara e perguntar o que ela sentia por ele. Mas ela poderia achar isso tudo algo muito infantil. Um bilhetinho? Eles não tinham 10 anos de idade. Ele tinha que pensar em algo mais elaborado, mais maduro. Sei lá, ele tinha que pensar mais do que já estava pensando. E era bem difícil pensar mais do que isso.

Partir para a loucura seria loucura. Imagina perguntar o que ela sentia por ele na frente do namorado dela? Era certo que o “cara” quebraria a cara dele, isso se não fizesse algo pior. Não. Definitivamente não. Isso não. Em casa ele andava de lá pra cá e de cá pra lá, com a caderneta na mão revendo seus últimos desenhos. Só parou por cinco minutos para sentar e descansar um pouco, mas mesmo nesse pequeno tempo de descanso sonhou acordado com o olhar no vazio. Uma música invadiu seus pensamentos: “Arthur's Theme”, do cantor Christopher Cross (Ouça: <https://www.youtube.com/watch?v=ljt5-wY1cOU>). Quem sabe ele poderia fazer uma loucura e cantar essa música para ela no intervalo. Sim, algumas mulheres certamente gostariam de uma loucura destas. Mas ele se esqueceu novamente daquele “cara”. Que situação difícil. Algo que até parece ser simples torna-se num pesadelo. Ele poderia desistir. Mas era difícil, algo lá no fundo dizia para continuar. E ele sabia que continuaria.

Já era domingo, noite. No dia seguinte, logo cedo ele estaria novamente na lanchonete e poucas horas depois Mariana iria novamente lanchar, como fizera nos dias anteriores. Quem sabe um plano surgiria do nada. Algo inusitado.

E foi justamente isso o que aconteceu.

Na realidade não foi um plano que surgiu de repente, mas sim algo inusitado mesmo. Ela estava sozinha. Sim, finalmente o “cara” não estava com ela. Provavelmente faltou. E coisas boas não aconteciam na vida de Fred. Mas desta vez aconteceu. Ela

estava só e tudo era bem mais fácil. É claro que ele não iria cantar para ela, mas quem sabe iniciar uma conversa ou quem sabe convidá-la para um cinema.

— Oi... Eu... — o olhar dela estava diferente —, só quero um suco de laranja, por favor.

Fred notou que ela não o encarava e olhava para baixo. Estava triste. Ele espremeu rapidamente as laranjas e lhe entregou o copo com suco. Ela caminhou vagarosamente e se sentou. E enquanto bebia, os seus olhos se fixavam no vazio através da porta de vidro do estabelecimento.

Uma nova música começou a rolar e disfarçadamente, sem o patrão ver, Fred aumentou o volume. Era “Never Be The Same”, do Christopher Cross. (Ouça: <https://www.youtube.com/watch?v=zTUzPINHMD0>). Fred procurou não pensar muito, pois sabia que quando fazia isso acabava não tendo mais coragem, pois os pensamentos de que algo pudesse dar errado eram mais fortes que os pensamentos de que algo poderia dar certo.

Retirou o seu avental e o jogou no chão. Abriu a porta do balcão e caminhou em direção a garota que o fez ficar sem dormir e pensar por dias em inúmeros planos para conquistá-la. Mas naquele exato momento ele não tinha plano algum e todos os anteriores se apagaram. A sua única ideia era caminhar em sua direção e foi no meio de seu trajeto que ela desviou o olhar e o viu caminhando. Por um momento parecia que ela estranhou, pois apertou as pálpebras demonstrando tentar descobrir o que aconteceria nos próximos momentos.

Fred puxou a cadeira à sua frente e sentou-se. Ela pensou em dizer algo, mas não disse. Seu olhar triste modificou-se. E foi naquele momento que as dúvidas de Fred cessaram completamente.

Sim, coisas boas acontecem. E essa foi uma das primeiras de muitas na vida de Fred.

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. É fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Organizador do livro "Possessão Alienígena", pela Editora Devir. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem e autor convidado do livro "Aquela Casa", Editora Verliedelas, criador e organizador das antologias "O Legado de H. P. Lovecraft", "O Legado de Florbela Espanca", "Histórias para ler e morrer de medo", "Poesias ao vento", "Poesias ao Luar", "Apocalipse - Contos e poemas sobre o fim do mundo", entre outros. E-mail: ademirpascale@gmail.com

A MENINA DO QUARTO 13

POR ROBERTO SCHIMA



Conto

Foi exatamente à meia-noite de uma sinistra sexta-feira 13 que tudo começou, ou, como diriam os mais irônicos, foi quando aconteceu "o princípio do fim"...

Como não poderia deixar de ser, para completar o quadro, chovia a cântaros e vários relâmpagos riscavam o céu de tempos em tempos, fazendo revelar nuvens volumosas de mau agouro. Trovões rugiam sem clemência, num prenúncio de fim de mundo.

Coincidência?

Dir-se-ia que Deus, mais uma vez, se fartara das incongruências humanas e decidira pôr termo à humanidade mediante um novo dilúvio. Na prática, porém, somente as pessoas menos favorecidas, residentes em baixadas ou nas proximidades de rios e córregos estavam sendo atingidas.

Foi quando o pequeno espectro apareceu. Chegou feito um sonho de outono por entre as árvores retorcidas e mal iluminadas. Atravessou a avenida deserta, pés descalços no asfalto molhado, pisou na calçada e entrou através dos portões de grade alta.

O corpo mirrado e magricela percorreu de maneira trôpega a trilha de pedras britadas que conduziam até o alpendre do Manicômio Recycling. A menina devia ter por volta de dez anos, se bem que, devido ao aspecto desnutrido, sua idade aparente podia revelar-se enganadora. Por causa do temporal, os cabelos pretos e lisos colavam-se ao seu

rosto e ombros, assim como fazia o vestido de tecido leve em relação ao corpo completamente encharcado. Qualquer um que a visse seria unânime em afirmar que, se a hipotermia não a matasse, certamente a pneumonia o faria. Mas ela prosseguiu indiferente.

Subiu os cinco degraus de mármore até alcançar as colunatas e a varanda. Não chegou a anunciar sua presença mediante a aldrava, a qual, de resto, mal alcançava. Enquanto erguia o braço esquelético para bater, a porta se abriu.

Surgiu uma mulher alta e magra, blusa de lã vermelha sobre a camisola, óculos de aros pretos, cabelos prateados, amarrados num rabo de cavalo, cuja fisionomia era a de poucos amigos. Não obstante o sorriso nos lábios, falou:

— Vi-a de minha janela. Ora, ora, então, a maria fujona voltou... Entre, Thirteen.

A porta de carvalho escancarou-se feito uma bocarra e a figura miúda desapareceu em sua goela, a qual foi trancada ruidosamente pela chave a girar.

A tempestade prosseguiu do lado de fora em sua voracidade bíblica.

— Rosa Maria! — chamou a mulher alta pelo interfone da recepção. — Traga roupas secas, depressa! Nossa pombinha reapareceu... Sim, a Treze. Leve-a para um banho quente e, depois, apresente-a a mim em meu consultório. Diga a Janete para providenciar uma garrafa de café forte com adoçante... Sim, sim, agora! Ah, e daí? Acorde-a!

O crachá preso a sua blusa dizia chamar-se Grausam, Dra. Grausam, médica psicanalista. Face as suas atividades, não tinha um horário fixo para trabalhar. Estava convencida de que seus funcionários deveriam estar disponíveis vinte e quatro horas por dia. Bateu o telefone e resmungou qualquer coisa entre os dentes. A seguir, voltou sua atenção à menina em pé no assoalho de madeira, cercada por uma poça d'água que só aumentava.

— Você está péssima... Olhe só o seu estado! Depois de tudo o que fizemos por você é assim que retribui? Sabe quantos de nós e por quanto tempo andamos a sua procura? Como conseguiu fugir?

A menina não respondeu.

— Onde esteve?

Silêncio.

— Com quem conversou?

Nenhuma resposta.

— Por que retornou?

Nada.

A mulher teve ímpetos de esbofetear a insolência da criança. Conteve-se. Haveria tempo.

— Pois bem, como queira. Rosa cuidará de você primeiro. Depois da bonança, virá a tempestade.

Tornou a sorrir, sentindo-se feliz consigo por ter invertido o provérbio.

Rosa Maria, uma mulher rechonchuda de braços taurinos, apareceu, expressão sonada.

— Coisa de doido! — bufou.

Era uma de suas frases favoritas. Com a delicadeza de um rinoceronte no cio, arrastou Thirteen para um dos banheiros.

— Cê tá fedendo, espirro de gente! — ralhou.

O manicômio abrigava no momento vinte e dois pacientes. A rotatividade era grande e, quanto maior, melhor, afinal, a instituição queria fazer jus ao lema que usurpara do químico Lavoisier: *Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*. O emblema era a estilização de uma lagarta transformando-se em borboleta. Fora ideia da Dra. Grausam, a qual achara bastante poético.

Doze pessoas trabalhavam para ela. Parecia pouco, mas preferia assim, afinal, a confidencialidade era inversamente proporcional ao número de bocas e ouvidos. Todos eram ligados entre si por graus de parentesco, amizade íntima ou cumplicidade criminosa. Rosa Maria era cunhada da Dra. Grausam; Janete, prima desta. Ambas eram psicologicamente dominadas pela personalidade enérgica da médica, cujo marido desaparecera misteriosamente após discordar da mudança de atividades do cônjuge.

A Dra. Grausam se dirigiu ao seu consultório, passando pelo corredor onde, de cada lado, situavam-se os quartos numerados dos pacientes. Vez ou outra, ouviam-se risos insanos, prantos, gemidos, balbucios ou um grito ocasional. Nada de extraordinário. Para ela, soavam como música, afinal, a vida iniciava e terminava em dor. Saboreou esse último pensamento, sentindo-se filósofa.

— "A vida se inicia e termina em dor"... Eu vou mandar talhar isso em pedra — falou a seus botões.

Se não fosse filosófica, ao menos tais palavras traziam dentro de si o dom da premonição.

Lá estava a porta de número treze. Pôde ouvir os resmungos da cunhada.

— Põe o chinelo!

Suspirou.

— A noite, como Thirteen, é uma criança — declarou embevecida.

As estantes que perfaziam o perímetro do cômodo estavam repletos de livros, todavia, fazia tempo que a médica não os consultava, a partir do momento que seu trabalho alterara-se para procedimentos que exigiam menos estudo e eram mais lucrativos.

A menina, limpa e trajando um pijama seco, estava sentada em uma cadeira diante da médica. O assento era de madeira sólida, pois o intuito não era proporcionar conforto.

O facho de luz do abajur intencionalmente forte era dirigido ao rosto de Thirteen.

Dra. Grausam permanecia oculta na obscuridade atrás de sua escrivaninha. Com o queixo pousado nas mãos cujos dedos entrelaçavam-se, observava a criança com olhos de rapina.

— Então, o gato comeu sua língua?

Não houve resposta.

A médica soltou o ar dos pulmões.

Batidas na porta.

— Entre!

Janete, mulher franzina de meia idade, deixou a garrafa de café sobre uma pequena mesa de rodinhas ao lado da escrivaninha.

— Está forte? — inquiriu a médica à prima.

— Como pediu.

Seu semblante dominado pelas olheiras não era nada feliz, mas soube disfarçar através de uma falsa cortesia, pois sabia do que a outra era capaz.

A médica a corrigiu.

— "Como pediu, doutora". Na frente dos pacientes, acrescente o meu título.

— Sim, doutora...

Não era fácil disfarçar, requeria esforço.

"Qualquer dia... Ah, qualquer dia. Nunca pisoteie aquela que faz sua comida, vaca."

Janete saiu do consultório.

Os pulsos da menina estavam presos por correias de couro aos braços metálicos da cadeira; assim como seus tornozelos, aos pés do assento. A cabeça da criança pendia para a frente e, apesar da luz, seus olhos estavam parcialmente cobertos pelos cabelos negros. Sua expressão era tão ausente quanto a dos insanos que, um dia, a instituição abrigara.

A médica apanhou uma pasta e, à medida em que leu as informações, falou de um jeito monótono:

— Nome: desconhecido. Nome designado: Thirteen. CPF: desconhecido. RG: desconhecido. Sexo: feminino. Idade: dez anos (presumíveis). Altura: 1m 33cm. Peso: 27 kg. Cabelo: Preto. Olhos: Pretos. Tez: Branca. Tipo sanguíneo: A+. Endereço: desconhecido. Quarto: 13...

Colocou a pasta de lado e tornou a mirar a paciente. Embora se sentisse completamente no comando, uma comichão dizia-lhe que algo tinha mudado. Espantou o pensamento para longe. "É o cansaço, apenas isso, o cansaço. Tanto com o que me preocupar e, agora, isso". Bateu forte no tampo da mesa. Thirteen sequer piscou.

— Por coincidência, era uma noite chuvosa como esta quando você foi apanhada pelo nosso assistente social, lembra-se? Perambulava por um trecho deserto da avenida, próximo ao viaduto. Certamente teria caído nas garras dos drogados ou coisa pior. Salvamos você. Alimentamos você. Vestimos você. Demos abrigo. O mínimo que espero agora são respostas. Recapitulando: onde você esteve?

A menina manteve a apatia de quando chegara.

Eram quase três horas da madrugada.

Por mais dedicada que fosse ao ofício, a impaciência consumiu a mulher. Levantou-se e deu um tapa no rosto de Thirteen.

— A bonança terminou, querida. Fale!

Entrementes, além do rosto da menina ter acompanhado a direção do golpe, ela não soltou um gemido sequer. A face atingida não ficou vermelha, como seria de se esperar. Dir-se-ia que a criança nem piscara. Em vez disso, a medida que seu rosto voltava lentamente a posição original, murmurou:

— *Sombras... Vultos... Formas...*

— O que foi que disse? — indagou a Dra. Grausam, surpreendida.
Ocupava-se em massagear a palma da mão devido ao ardido do tapa.

A criança repetiu num tipo de transe:

— *Sombras... Vultos... Formas...*

A médica voltou para trás da escrivaninha e passou a anotar num bloco de papel.

— O que significa isso, Thirteen?

Finalmente, a menina ergueu a cabeça e fitou a mulher. Seus olhos estavam completamente inexpressivos, sem vida, o que causou um calafrio na médica a sua frente.

Balbuciu:

— *É o mundo de onde eu vim.*

Trovões e relâmpagos prosseguiram lá fora.

O aguaceiro não cessava de desabar das alturas.

Rosa Maria e Janete trocavam palavras na cozinha.

Ambas estavam exaustas, mas encontraram uns minutos para fofocar. A distância, bem fariam pensar na versão feminina de Hardy e Laurel. Embora tivessem laços familiares com a Dra. Grausam, tinham mais afinidade entre si do que jamais teriam em relação à megera.

A mulher obesa foi a primeira a se queixar:

— Casa de doidos varridos!

— Nem fale, Rosa. Eu estava tendo um sonho tão bom... A praia... Uns caras fortões... Não me lembro quando foi a última vez que consegui dormir cinco horas seguidas.

— Sei o que quer dizer. A grana é muito boa, mas a saúde vai pro espaço.

"A saúde e o saco cheio!", pensou Janete.

Rosa Maria resmungou:

— O ruim é que estamos afundadas até o pescoço...

Janete bem compreendeu o significado dessa expressão. Era uma pessoa simples, ambiciosa e influenciável, porém, tinha consciência de que o caminho que ambas tomaram era sem volta. Se tentassem desviar dele, ou passariam muitos anos na cadeia ou a médica daria um jeitinho nelas. "Não tem como pisar na merda e não sair fedendo", falara certa vez a amiga. Sabiam demais. Todavia, jurou a si própria que, se um dia naufragasse, o "capitão" iria primeiro.

Rosa Maria continuou:

— Não entendo por que ela aceitou a pestinha de novo. Devíamos ter reciclado faz tempo!

Janete expirou.

— Ainda bem que só lido na cozinha e na faxina. Como foi com a menina?

A mulher rechonchuda fechou o semblante. Abraçou a si própria como se uma rajada de vento frio tivesse tocado suas dobras. Meneou a cabeça. Tentava se convencer de que tudo não passara de ilusão.

— A Treze tá diferente, Nete, esquisita. Não era lá essas coisas da primeira vez, mas, pelo menos, reagiu de forma normal: berrou, esperneou, até tentou me morder. Precisou ficar chapada e amarrada um bom tempo até amansar. Cê sabe disso...

— Sei. Tive que limpar a sujeira dela.

Rosa prosseguiu:

— Ao contrário dos mendigos que a van recolhe, Treze é nova demais para tirarmos os órgãos e velha para adoção. Nenhum bordel compraria o espirro. A reciclagem serviria ao menos pra fazer ração.

Poderia ser uma conversa comum sobre uma peça de carne adquirida em açougue: alcatra, colchão mole, patinho, lagarto, contrafilé. Todavia, as implicações que encerrava e a forma banal com que era tratada guardava dentro de si o maior dos horrores. De tempos em tempos uma van saía do manicômio atrás de vítimas das quais ninguém daria falta, notadamente indigentes. Era-lhes oferecido banho, roupas novas, comida quente, cama macia, alguns trocados e, em certos casos, entorpecentes. A maioria aceitava e nunca mais dava notícia. O Manicômio Recycling nada mais era do que uma fachada para processamento de corpos — ou "reciclagem" —, onde tudo era reutilizado: tráfico de órgãos, fornecimento de carne para açougues, entranhas para fábricas de ração, gordura para feitura de sabão, sangue para bancos de sangue clandestinos, ossos para universidades, grupos góticos, adubo ou a quem pudesse interessar. Se conseguissem raptar crianças de boa saúde e aparência, elas eram vendidas intactas para pais adotivos no exterior. Moças bonitas alimentavam o tráfico de escravas sexuais. Idosos eram utilizados como fachada da instituição, experimentos ou alimento para os outros internos.

A princípio, a Dra. Grausam trabalhara normalmente como médica psicanalista, porém, breve descobrira que poderia lucrar muito mais vendendo um rim ou um coração no mercado negro do que tratando a insanidade dos outros, sendo que ela própria possuía uma doença na alma que especialista algum conseguiria curar. A partir da extração de órgãos, sua mente lógica e psicopata encontrara meios rentáveis para se livrar das sobras com lucro. Pelo preço certo, contratara um limitado grupo de pessoas ao qual podia controlar e manobrar; omissos, coniventes e cúmplices de suas atrocidades.

Chocado, o marido se opusera veementemente e questionara a operação.

Ela justificara:

— Ah, benzinho, não sou pior do que aqueles que, com uma caneta, assassinam o país. A diferença é que chupo o tutano; eles, os cofres públicos.

Janete perguntou a Rosa:

— E o que viu de errado na Treze agora?

— Não mostrou reação alguma. Pior do que chapada... Um zumbi! Dei um banho quente, mas, quer saber? O corpo continuou gelado! Estava feito parafina. Era como tocar um cadáver. Nem senti quando dei um beliscão... Nete, ela me deu arrepios.

— Arrepiada? Tá brincando! Mexe em cadáver o dia todo.

— Mas sei que tá morto. Agora, a Treze... Vixe!

— Tá precisando de mais sono que eu, muié.

— Cê tá brincando que vô pregar os zóios.

Janete observou a mulher enorme diante de si. Já a vira espancar um homem mais de uma vez. Era mais macho que muito macho. Entretanto, o brilho de medo em seus

olhos era genuíno. Fez uma breve retrospectiva da própria vida até acabar naquele poço sem fundo. E deu voz aos pensamentos como quem estivesse num confessionário:

- Já parou pra pensar que, em vez dos "pacientes", os loucos aqui somos nós?
- Pensar dói, Nete. Pensar dói...

Nem a Dra. Grausam saberia explicar por que poupava Thirteen. Talvez visse nessa algo de si quando criança, no tempo em que o pai alcoólatra a pegava, colocava no colo e tocava seu corpo miúdo de maneira imprópria. Até o dia em que, mais crescida, colocara veneno de rato na bebida dele. Não sentira nada ao vê-lo agonizar e só saíra para procurar auxílio quando tivera certeza que ele jamais se levantaria.

A medida em que fazia perguntas à menina e ia anotando as respostas aparentemente desconexas, a médica foi montando um quadro do que considerou ser algum tipo de alucinação vívida.

Sombras... Vultos... Formas... É o mundo de onde eu vim... Sussurros... Gemidos... Gritos... O perambular na escuridão... O medo é alimento... O sofrimento é iguaria... A dor é o prato principal... Atravessei o limiar dos mundos e, da direção oposta, encontrei a criança...

Uma farpa de gelo atravessou a espinha da mulher.

"Como é que é?"

Algo estava errado.

Thirteen era jovem demais para conhecer palavras como "perambular", "iguaria", "limiar" e, muito menos, seus significados. "Prato principal"? A menina mal se alimentava!

E, dos lábios descoloridos, a voz continuou:

— Ela estava triste, amedrontada... De imediato, eu soube de sua vida... Sua curta existência foi de desesperança e sofrimento... Mas desse sofrimento não me pude alimentar... Ela era pura... Os puros são intocáveis... Enquanto partia, tomei seu corpo... E andei, andei, andei... até aqui.

— O quê?

Dra. Grausam releu suas anotações, pensou ter entendido errado.

— O que disse?

Contudo, a menina não repetiu.

Um trovão explodiu nas proximidades.

A lâmpada do abajur piscou.

Por um átimo, a médica acreditou ter visto outros vultos ao seu redor.

O ar ficou pesado.

A temperatura baixou.

Thirteen sequer se mexeu.

Com a mão trêmula, a mulher de blusa vermelha apertou o botão do interfone.

— Ro-Ro-Rosa! Venha cá imediatamente.

Hesitante, a mulher robusta abriu a porta instantes depois.

— Doutora...

— Estou cansada. Leve a paciente para o quarto dela... Mantenha-a amarrada à cama.

Rosa Maria não queria tocar naquela carne novamente, mas tinha de fazê-lo. "Merda!" Enquanto soltava os pulsos da menina, espantou-se ao ver refletido nos olhos da cunhada o mesmo medo que a dominara no banheiro. "Então, não foi só impressão minha". Preparou-se para sair do consultório. A contragosto, segurou firme o braço gelado de Thirteen. "Não é nada demais... Não é nada demais!" Quando estava prestes a cruzar a porta, a menina, sem se virar, balbuciou numa voz rouca, longínqua e desprovida de emoção:

— *Sinto fome...*

O temporal mudara para uma chuva fina e monótona.

Para nenhuma das pessoas que labutavam na instituição, a madrugada foi serena.

Todos lá residiam, mas em outro edifício, logo atrás do prédio do manicômio e suas colunatas. Nesse, quatro homens circulavam por seus corredores aos pares e nos arredores a título de segurança. Portavam cassetetes e algum revólver escondido sob o casaco. Era menos para evitar de que alguém de fora entrasse do que aqueles que estavam dentro saíssem. Estavam particularmente nervosos e não sabiam dizer a razão. Talvez fosse por causa da "ensaboada" que levaram da patroa devido à fuga da garotinha. Era mais um pressentimento como adivinhar o trovão antes do fulgor do raio. Algo iria acontecer.

Os corredores desertos encontravam-se silenciosos, exceto pelo toc-toc dos sapatos. Isso era de se estranhar, pois, não importasse a hora, em geral ao menos algum ruído se ouvia dos prisioneiros — pacientes — que seriam reciclados. Dessa vez, nada. Foram conferir através dos postigos e surpreenderam-se ao perceber que todos adormeciam profundamente... Quase todos.

Um dos homens levou um susto ao conferir a situação do quarto 13.

— Caramba! — Deu um pulo para trás.

— O que foi? — perguntou seu companheiro.

— Veja você.

O outro aproximou-se da porta e surpreendeu-se ao ver a silhueta da menina em pé sobre a cama, olhando diretamente para a porta, embora o rosto estivesse imerso na escuridão.

— Como ela se soltou das amarras?

— Eu vou saber?

— Vamos prender ela de volta.

— Tem certeza?

— Não tá com medo de uma menininha, tá?

— Não, claro que não.

— Então, vamos, senão a chefe terá um treco.

Quando o segurança destrancou a porta, todas as luzes se apagaram. Mal tiveram tempo de pensar. Uma força invisível arrastou-os para o interior do quarto. Não conseguiram fazer uso de suas armas, contudo, não havia nada em que bater ou atirar. Dor e pavor dominaram-nos a medida em que, atirados ao chão, seus corpos foram

lentamente retalhados por garras demoníacas. A última coisa que ouviram antes de morrer foi:

— *Fome...*

Do lado de fora do prédio, os outros dois homens que faziam a ronda no jardim, estranharam o apagar das luzes. Dirigiram-se ao saguão e largaram seus guarda-chuvas num canto atrás de um vaso.

— Quem apagou as luzes?

— Blecaute?

— Não pode ser. As lâmpadas do jardim continuam acesas.

— Vou verificar a chave geral. Onde estão o Pandeiro e o Reco-Reco?

Diante dos apelidos dos outros dois colegas da segurança, o outro sorriu.

— Ah! Na certa, cochilando por aí...

— Ou fazendo troca-troca.

Riram.

— Se a moçreia descobre, terá chiliques.

— A menos que queira participar...

— Psiu! Cuidado com a língua.

— Foda-se. Se não arrumarmos a luz, cairá em cima de nós. Então, haja sermão! Sabe como é: a mulher até pode ter sido feita da costela de Adão, mas a língua foi presente do capeta!

Dessa vez, o riso de ambos foi meio forçado e terminou tão logo uma rajada de vento fustigou seus corpos. Ficaram aturdidos. Tiritaram sob a temperatura glacial.

— De onde vem esse frio?

Não veio de fora para dentro como seria de se esperar, mas do interior às escuras do manicômio até eles. Não era nada normal. Porém, a normalidade deixara de habitar aquele antro fazia tempo.

Uma voz murmurou em seus ouvidos:

— *Cadunt altis de montibus umbrae...*

Os homens empunharam seus cassetetes.

— Quem?

— O que tá acontecendo?

Em resposta, seus corpos foram erguidos ao ar e atirados contra a parede mais próxima. O pavor tomou conta deles. Nada podiam fazer contra o nada que os atacavam.

A voz sussurrou:

— *Medo... Ah... Saboroso!*

Quando a coisa terminou os dois corpos não passavam de sacos de carne cheio de ossos partidos.

As luzes piscaram e retornaram ao prédio silencioso.

O corpo da frágil menina do quarto 13, atravessou o saguão, saiu para a varanda, cruzou as colunatas e dirigiu-se ao edifício logo atrás, onde a Dra. Grausam, Rosa Maria, Janete e outros seis funcionários dormiam o sono dos injustos.

Os lábios sem cor se abriram:

— *Mais...*

Janete, a cozinheira e faxineira do Manicômio Recycling, finalmente adormeceu e o seu sonho não podia ser melhor. Dessa vez não era o oceano. Tratava-se de um lugar mais íntimo, um quarto sem mobília, exceto pela cama de solteiro onde ela jazia deitada, completamente despida. Sentia-se mulher, bonita e sensual. Estava quente, escuro e úmido. Suada, ela se contorcia de modo lânguido. Sabia que não se encontrava sozinha. Um dos fortões trajando sunga estava lá e a encarava cheio de desejo, o que era bastante evidente. Embora Janete fosse uma mulher recatada no dia a dia, no sonho sentia-se à vontade, libidinosa, despudorada, arquejando seu corpo mirrado e tenso diante da perspectiva do que viria.

Janete arfava de volúpia.

O homem musculoso se aproximou.

Ela não lhe podia ver o rosto, mas o corpo era visível.

Os bíceps. O peitoral. A barriga tanquinho. As coxas desenvolvidas e bem delineadas. O medidor de desejo completamente em riste e a alguns centímetros do rosto dela.

Janete fixou seus olhos nele. Mordiscou o lábio inferior e sentiu-se umedecer por dentro. Ronronou feito um felino e gemeu:

— Venha...

Separou os joelhos.

Então, as coisas começaram a mudar.

Uma força poderosa prendeu seus pulsos e tornozelos à cama de tal modo que seu corpo formou uma obscena letra "X".

O estranho musculoso foi tomado pela penumbra, sombra e, por fim, misturou-se às trevas.

A escuridão ganhou uma densidade palpável.

A mulher não escondeu a decepção, fazendo um muxoxo.

Em seguida, houve um toque gelado nos pés de Janete. Em vez de excitá-la, causou-lhe calafrios. A sensação de ser apalpada subiu até os joelhos e, depois, através da parte interna das coxas. Quis berrar por socorro, mas nenhum som emergiu da garganta.

A medida em que algo deslizava sobre ela, deixava um rastro pegajoso de odor repulsivo como frutas estragadas. Evocou a imagem de uma lesma a deixar uma trilha lustrosa atrás de si. Ficou enojada. O toque alcançou seu ventre, o vão entre os seios, os ombros e o pescoço. A baba molhou o seu rosto. O medo brotou e cresceu feito uma erva daninha num campo florido. Quando se encontrava totalmente envolvida por aquela substância gelatinosa escutou um ruído. Era algo minúsculo se movendo. Seu instinto alertou imediatamente o cérebro: "Barata!" Ela tinha horror ao inseto. Passara a infância em uma casa humilde, sem forro. As baratas penetravam através das frestas no telhado e, invariavelmente, voavam até ela como se tivessem radar. Ela quis se levantar, porém, estava presa à cama: indefesa, nua, apavorada.

Um ruído tornou-se dois, três... Uma dezena... Uma centena... Um milhar. O burburinho áspero e medonho cercou a mulher em círculos cada vez mais apertados.

Janete entrou em pânico.

Podia perceber aquela massa escura de patas e antenas. Mexia-se sem cessar.

A coisa disforme roçou as extremidades de Janete. Um milhão de baratas a farejar a meleca que, para os insetos, constituía-se um manjar irresistível.

A mulher de meia idade foi acometida por sucessivas ondas de desespero.

Finalmente, para o supremo terror de Janete, foi completamente envolvida pelo enxame asqueroso.

O grito foi sufocado por inúmeras baratas a invadir sua boca e descer pela garganta.

A parada cardíaca chegou para ela numa explosão e, enfim, um alívio.

Num canto do quarto, a entidade saboreou o terror exalado feito um comensal a satisfazer o apetite.

— *Primus in orbe deos fecit timor...*

Agora, ela roncava.

Braços ligeiramente dobrados.

Dir-se-ia um anjo gordinho nas nuvens.

Adormecida, ninguém diria como podia ser brutal.

Assemelhava-se a um bebê fofinho aninhado nas cobertas.

No princípio de sua carreira no Manicômio Recycling, as noites de Rosa Maria eram alimentadas por pesadelos face o trabalho que executava. Anteriormente, chegara a trabalhar em restaurantes e açougues, todavia, os salários eram baixos. Após o sumiço do irmão, marido da Dra. Grausam, a situação tornara-se mais difícil, pois ele sempre a ajudara economicamente. Rosa fora casada, todavia, o marido fugira com uma lambisgoia com metade da idade dela, maldita fosse. A oferta da cunhada viúva fora irrecusável, passando a faturar quinze vezes mais do que vinha ganhando. Aos poucos, acostumara-se, afinal, não era ela quem efetuava os abates e, no final das contas, carne era carne. Pensando bem, até abriria uma exceção, caso conseguisse pôr as mãos no ex-marido e na vadiazinha. De qualquer modo, os sonhos ruins haviam terminado...

Porém, não dessa vez.

A princípio, tudo estava tão escuro no sonho quanto um céu desprovido de estrelas. Ouviam-se os sons de batidas. Sons familiares. Sim, ela soube. Era o fiel cutelo a descer sobre a carne macia e a tábua de cedro. Era ela quem cortava os nacos maiores, transformando-os em cubos ou bifés. Estava no setor de esquartejamento, mas não era bem o setor onde costumava trabalhar. Assemelhava-se mais a uma masmorra ou catacumba. Paredes de pedras cobertas de limo. Inúmeros nichos ocupados por restos mortais. Archotes com chamas inquietas. Sombras dançantes. O cutelo ensanguentado subia e descia, subia e descia. Ignorava as feições daquele rosto sem vida, o corpo inerte, a pessoa que teria sido, suas histórias, seus anseios e sentimentos. O que importava? Para Rosa, era somente um monte de carne, ossos, sangue e vísceras. Cada grama representava dinheiro. Era uma coisa, um produto, a ser selecionado, embalado, vendido. Ela trabalhava com afinco. Era perfeccionista. Seus cortes eram precisos. O cutelo cortava e cortava, faminto.

Na cama, Rosa Maria movia os dedos gorduchos. Testa franzida. Os lábios formaram um beicinho.

— Coisa de doido... — murmurou.

De um canto no quarto, um pedaço da escuridão destacou-se e deslizou no ar em direção à cama.

A pele da mulher arrepiou-se toda e, impulsivamente, ela trouxe o cobertor para mais junto de si. A boca entreabriu-se como se quisesse dizer algo, porém, em vez disso, comprimiu os lábios num gesto que denotava apreensão.

No sonho, de repente, algo chamou a atenção de Rosa Maria. O que exatamente não soube dizer. Tinha um cadáver estendido diante de si, parcialmente desmembrado. Drenara o sangue, retirara as vísceras, cortara uma das pernas. Poderia ser como preparar um frango tamanho gigante, não fosse pelos constantes avisos da cunhada no sentido de não quebrar os ossos. Isso tornava o serviço significativamente mais lento e demorado. Então, aconteceu de novo e, dessa vez, ela viu a fonte de seu espanto: os dedos de uma das mãos do morto se movera feito uma rã sendo galvanizada. Isso era o maior dos pesadelos, digno de um filme de *Frankenstein*. Um pesadelo dentro de um sonho que, assim, tornava-se um pesadelo maior. Aconteceu de novo e de novo. Os dedos! Ela quis correr daquela catacumba tornada mais sombria, mais claustrofóbica e mais terrível. Contudo, seus pés não lhe obedeciam, tampouco sua cabeça e olhos, forçados por uma força misteriosa a olhar para a coisa cujos braços passaram a se mexer e a cabeça sem vida a erguer e procurá-la através de olhos vazios. Em volta dela, membros seccionados movimentavam-se como larvas ou répteis asquerosos. Saíam de seus recipientes e rastejavam até Rosa Maria. Ela queria gritar e a voz não vinha.

No quarto escuro, Rosa Maria agitava-se em meio ao sono, gaguejando coisas sem nexos.

O negror da sombra aumentou a medida em que nutria-se do medo da mulher.

"Delícia..."

No pesadelo que se formara, Rosa Maria foi capturada e deitada no lugar do corpo mutilado. O cutelo foi tomado de suas mãos. Ela foi imobilizada em meio ao sangue e restos de carne. Seus olhos saltavam das órbitas. O ar faltava-lhe aos pulmões. Aquelas coisas deslizavam sobre ela, por baixo de sua saia, dentro de sua blusa. O corpo sem entranhas e uma das pernas ficou ao seu lado. Pulou feito saci. Trazia o cutelo em uma das mãos. O primeiro golpe arrancou os dedos da mão direita da mulher. O grito de dor e desespero lhe foi negado. A seguir, foi a vez dos dedos da mão esquerda. Espasmos esparramaram-se por seu sistema nervoso. Agora, era ela o anfíbio de Galvani. Duas cutiladas foram necessárias para cada pé, a fim de separá-los dos tornozelos. A agonia perdurava uma eternidade. Pouco a pouco, pedaço a pedaço, ela se viu diminuir. Quando, finalmente, só restou a sua cabeça e a consciência em choque de todo o horror pelo qual passara, o cadáver pernetá fez pontaria e, com toda a força, baixou o golpe diretamente no meio do rosto de Rosa. No total, foram exatamente treze golpes.

Rosa Maria, em sua cama, parou de estrebuchar.

Uma veia estourara em seu cérebro.

A escuridão rejubilou-se.

Um a um, os demais funcionários adormecidos tiveram destinos semelhantes.

Por fim, só restou uma pessoa viva...
... Ela.

Dra. Grausam.

Ela caíra no sono imediatamente, tão logo pousara a cabeça grisalha sobre o travesseiro. Não era uma mulher de sonhar. Pelo menos, nunca se lembrava de coisa alguma e, às vezes, atribuíra a isso o seu temperamento taciturno e ranzinza. Afinal, já estudara sobre os benefícios do sono e dos sonhos, REM e coisas que o valha. Talvez o motivo fosse por ela despertar frequentemente no meio da noite, a fim de urinar. Embora fosse magra, tinha diabetes. Felizmente, ao menos por ora não precisava tomar insulina. Todos sabiam que os médicos eram os piores pacientes do mundo.

Ela era a pior de todos.

Ela era a cabeça da operação.

Ela cuidava de todas as execuções.

Fizera do inominável um bom negócio.

E rejubilava-se ante o poder de vida e morte que possuía em suas mãos. Diante de tal poder sobre-humano e absoluto, perdera a sua humanidade e corrompera-se absolutamente.

A porta de seu quarto estava trancada a chave e através de trancas. Apesar disso, ela se abriu devagar e a pequena figura entrou. A porta tornou a se fechar.

Surpreendentemente, a Dra. Grausam sonhou.

No sonho, estava em seu consultório, mas, ao mesmo tempo, não era ele. Não havia estantes, quadros, relógio, sequer paredes. E, exceto pelo círculo de luz no qual se encontrava, todo o restante não passava de uma assustadora escuridão. Fria, porém, não silenciosa e, tampouco inodora. Se sonhar era algo incomum, sentir cheiro era uma completa novidade, em particular aquele odor pungente de carne em decomposição. Fez uma careta e levantou-se da cadeira atrás da escrivaninha. Todavia, não tinha para onde fugir. Sua mão bateu na luz para as trevas e, em vez de tocar somente o ar ou algum objeto sólido, seus dedos sentiram algo esponjoso. Recolheu o braço imediatamente, enojada. Uma substância verde respingava de seus dedos e fedia terrivelmente. Vomitou, sujando suas vestes. Não havia saída. Assim, retornou para o único local que lhe era familiar: a cadeira. E os sons persistiam, uma cacofonia de murmúrios próximos e berros distantes, como se tivessem aberto um poço até o inferno e, de lá das profundezas, as desafortunadas almas clamassem por uma misericórdia que jamais seria concedida.

Foi quando se deu conta da figura a sua frente.

Um gemido escapou de seus lábios.

Suas costas ficaram tensas.

Fisionomia incrédula.

O sangue gelou.

Thirteen.

A menina estava mais pálida do que nunca, veias azuladas destacavam-se sob sua pele. As roupas estavam em farrapos e imundas; os cabelos, desgrenhados; as unhas,

quebradas. Mas eram os olhos que se destacavam: arregalados, inumanos e completamente brancos.

Um terror brutal tomou conta da médica.

A criança recebeu esse temor com satisfação, como se saboreasse uma refeição apetitosa. Sua língua arroxeadada desfilou pela boca rachada e, por um instante, os dentes apodrecidos tornaram-se visíveis.

O burburinho silenciou um momento.

Os lábios de Thirteen se moveram.

E ela, inexpressiva, sussurrou:

— *O sofrimento é iguaria.*

De repente, a dor tomou conta de cada terminação nervosa do corpo da médica. Era tamanha a agonia que ela sequer conseguiu gritar ou gemer. Assemelhava-se ao choque num fio de alta tensão, só que pior. Não havia o benefício da perda de consciência, tampouco da morte. Um milhão de facas penetravam sua carne, segundos convertidos em eternidade. Enfim, conseguiu balbuciar:

— Deus!

A menina do quarto 13 sorriu.

— *Deus? Não foi a Ele quem serviu. Para Ele de nada serve. De sua alma sórdida o mestre e dono é outro. Seu lugar não é ao lado de Reine Seele...*

— Reine...?

— *O nome dessa criança cuja alma exalava o brilho de um céu sem nuvens e o roçar das folhas secas no outono. Nem isso você se deu ao trabalho de descobrir. A voz dela era o vento nas folhas do bambuzal. Seus raros sorrisos eram gotas de orvalho momentos antes da aurora. Era uma das raras almas puras que, de tempos em tempos, surgiam no mundo para fazer dele algo melhor. Enquanto viva, eu não podia tocá-la ou, sequer, aproximar-me dela. Entretanto, nada precisei fazer. A humanidade cuidou de rejeitar esse raro presente, trancafiando-a no purgatório. Você foi o arremate.*

A agonia aumentou.

Agulhas de fogo.

Sal nas feridas.

Quanta dor!

A sombra dentro do corpo da criança continuou:

— *Quando a vida dela se esvaiu, a luz de sua alma passou por mim. Pude senti-la, absorver suas memórias... Eu vi. Vi tudo! Presenciei o que ela suportou até conseguir fugir daqui. Das trevas eu venho, às trevas eu pertença. Chamam-me de muitos nomes... Monstro é um deles. Não obstante, monstruosidade maior foi aquela executada por seu espírito imundo e desapietado. Você apagou a luz de Reine Seele... VOCÊ! Eu cuidarei para que o brilho negro de sua alma jamais se apague. De seu sofrimento e agonia eu me alimentarei até o dia em que o Sol deixar de existir.*

Em meio às intermináveis ondas de dor, a Dra. Grausam ouviu e compreendeu. E, em meio a impotência em que se encontrava, sequer do luxo de um grito ela foi beneficiada.

Despertou, viu... e muda permaneceu.

O escândalo estourou pouco antes do alvorecer.

Uma pedestre descobriu o pequeno corpo de Reine Seele dependurado no alto da grade do portão de entrada do Manicômio Recycling. Irremediavelmente traumatizada, chamou a polícia. Mal sabia que os homens da lei, geralmente habituados a toda forma de violência, chocaram-se tanto ou mais do que ela com o que encontraram no interior da instituição. Libertaram as duas dezenas de vítimas trancafiadas em seus quartos, as quais, mais tarde, prestaram inacreditáveis depoimentos. Depararam-se com o abominável espetáculo de corpos esquartejados, ossos montados em diferentes estágios, bolsas de plasma sanguíneo congelado, órgãos armazenados em criopreservação. O *show* macabro não tinha fim. Em uma agenda, uma extensa lista de nomes e endereços iria revelar e comprometer uma ampla rede de tráfico a qual envolvia personalidades e instituições altamente conceituadas.

No edifício atrás do manicômio, encontraram os corpos de Rosa Maria, Janete e outros comparsas. Não tinham marcas de violência, contudo, seus rostos eram máscaras de um pavor indizível.

Na suíte mais luxuosa estava a mentora e executora de todas aquelas barbaridades, a Dra. Grausam.

— Não se mexa! — ordenou o assustado policial, inspirado num filme da TV.

Foi desnecessário.

A médica se encontrava em algum tipo de estado catatônico no qual somente seu semblante exibia algum movimento. Ela estava alheia ao mundo ao seu redor. De dentro do mundo ao qual imergira, aquilo que sua fisionomia expressava era capaz de fazer o sangue estacionar nas artérias. Foi diagnosticada louca e passou o resto de seus dias num hospício. Ano após ano, década após década, alimentou a entidade das sombras através da dor e do terror trancafiados em sua mente. Lá, ela existia, sofria, agonizava. Ao menos nesse reino de amargor, nada havia de doce para afetar seu diabetes.

Apesar do esforço hercúleo em manter a imprensa a distância, durante as semanas que se seguiram os jornais e as emissoras se lambuzaram em noticiários cada vez mais apavorantes e sanguinolentos. Era a ordem natural das coisas que, após o morticínio, os abutres tirassem proveito da carniça.

Reine Seele foi enterrada em um cemitério da periferia.

O solo era árido, poeirento e de um tom avermelhado, duro feito rocha. Nem mato crescia. Apesar disso, sobre sua sepultura simples de terra batida, destoante daquelas em alvenaria ao seu redor, flores vingaram. Treze no total. Foram as únicas flores a desabrochar no cemitério. Borboletas, abelhas e colibris apareceram, preenchendo o ar de cores. Nada se perdeu e tudo se transformou.

Reine tinha treze anos.

Os anos passaram e a construção que um dia abrigara o Manicômio Recycling transformou-se em ruínas. O teto desabou. O assoalho apodreceu. As paredes racharam. A vegetação tomou conta. O mau agouro que permeava o local era tanto que ratos, morcegos e até grupos de caçadores de fantasmas o evitavam.

Numa das paredes corroídas do minúsculo, sujo e fétido quarto 13 jazia uma seguinte inscrição. Fora gravada à unha. Dizia:

Ela teve o sonho de um mundo ideal e nele acreditou com a sinceridade e clareza que apenas uma criança poderia ter. Sonhou com uma família, um lar, amor, alegrias, tristezas confortadas. Encontrou solidão, mentiras, escuridão e a extrema sordidez que uma alma pútrida poderia alcançar. Mas ela era luz e para Luz retornou. Quanto às trevas, nas trevas afundarão.



Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lía pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

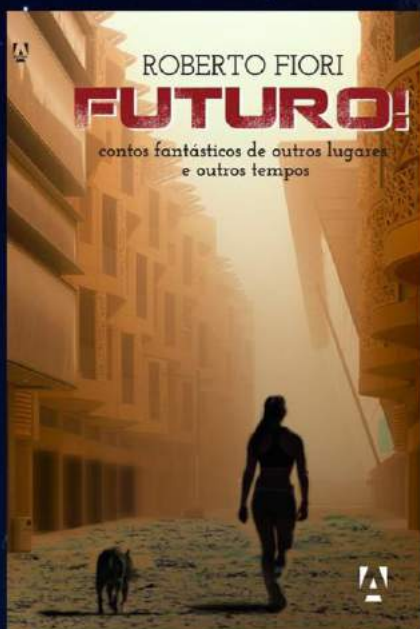
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



Conto

Era um sábado ensolarado do mês de maio, quase duas horas da tarde. Eu havia trabalhado a noite inteira e então resolvi descansar um pouquinho logo depois do almoço.

Levantei para ver o que era aquele barulho ensurdecedor. Um buraco enorme me deixou curiosa, já que muitas pessoas circulavam pelo local.

Do ângulo em que eu estava não conseguia distinguir quase nada. Voltei para a cama. O sono estava retornando, quando minha mãe me acorda, mais curiosa do que todos lá embaixo.

— Filha, ô filha, vai ver que enorme cratera se formou bem pertinho do prédio! Você, que está trabalhando com isso, não pode perder...

— Trabalhando com isso! O eco estagnou por completo o meu sono. O que ela está querendo dizer? Fui ver.

Chegando perto, abri alas na multidão e vi tratar-se de mais um buraco feito por uma empresa de utilidade pública. "Há, é só isso, pensei!". Observando melhor, vi que o buraco não era normal. Nisso, os operários já tinham chamado o engenheiro que cuida da obra e o mesmo estava a caminho. Juntamente com ele veio um historiador e um arqueólogo. O caso tomara outras proporções.

— Vamos deixar a escavação para amanhã, pois logo irá escurecer, afirmou o engenheiro-chefe.

— Ei, senhor, por favor, gostaria muito de participar dessa escavação, pois tenho acompanhado muitos trabalhos aqui em Santos, cidade onde historiadores têm encontrado muita riqueza do século passado e como estudante...

— Pois bem, não me oponho, esteja aqui amanhã, às 7 horas.

Antes do horário todos estavam em seus postos e prontos para iniciar a escavação. No local não havia nenhuma tubulação subterrânea, somente terra. Muito já se havia escavado até que os operários enxergaram alguma coisa.

— Ei pessoal, esperem um pouco, vá com calma gente, parece que estou vendo alguma coisa, tirem um pouco mais de terra, cavem mais devagar, acho que estamos perto! Afirmou o engenheiro-chefe.

Perto do que, pensava eu.

— É, ali, vi também, acho que é um túnel... ainda tem muita areia. Aí, com a pá bem devagar... repetiu o historiador.

O silêncio tomou conta de todos, que acompanhavam a escavação cuidadosamente.

Enfim, conseguimos ver o que aparentava um túnel, escorado por vigas de madeira. O engenheiro-chefe então organizou a turma de descida e me escalei, mesmo o contrariando. Como os operários traziam todo tipo de equipamento não foi difícil arranjarmos cordas, lanternas, luvas e botas e outros objetos.

Descemos no mais profundo silêncio e tensão, pois não sabíamos o que era aquele túnel no meio de uma calçada e nem para onde ele iria nos levar. Senti uma secura na boca e minhas pernas bambearam.

Começamos a caminhar bem devagar. Na frente ia o engenheiro, depois o historiador, o arqueólogo, eu e dois operários no final. Os dois primeiros homens caminhavam curvados, pois tinham mais de 1,80 m e mal cabiam no buraco, os outros, continuavam sem problemas.

— Tenho acompanhado as escavações lá no Centro Histórico onde raridades têm sido descobertas, mas esse túnel não tem nenhum sentido porque o início da Cidade começou no porto e estamos perto do Orquidário, que fica próximo à praia, ia falando o historiador. O ar ficava mais escasso.

— Ei pessoal, acho que encontrei alguma coisa, disse o engenheiro, que bateu com uma pequena pá numa parede. Preciso de mais luzes aqui.

Quando ele atacou com mais força percebeu que a mesma era fina e que poderíamos quebrá-la facilmente. Com muito esforço e espremendo-se em nós um dos funcionários passou a frente da fila e começou a derrubar a parede, que em poucos minutos foi ao chão. Baixada a poeira, pudemos realmente ver o que havia por trás.

Entramos numa sala e sob as luzes das lanternas avistamos vários objetos empoeirados que pareciam antigos; esquecidos num quarto totalmente vedado e cheirando a mofo.

Porém, senti uma energia absurdamente forte no local e meu relógio parou de funcionar, assim como os dos demais da expedição. À penetração do clarão de nossas lanternas o local foi tomando forma e os objetos ganhando vida, tamanho o brilho que os reluzia na escuridão. A cada utensílio que brilhava, sussurros ecoavam no ambiente que se tornara sombrio. Ouviu-se um grito.

Um dos funcionários, clamando por Deus, saiu pelo túnel afora batendo nas paredes até desfalecer-se. Eu tremia da cabeça aos pés.

De repente um a um, cálices prateados, athames ou adagas com cabos pretos, bastões, de madeira, argila e metal e espadas, arrumavam-se, sozinhos, voando pela sala. Um caldeirão preto todo de ferro que minutos atrás estava empoeirado, deslizou, cintilante para o centro. Ao lado dele pentagramas, talismãs, espelhos e demais utensílios foram decorando o quarto. O local mudou de cenário. Agora estava completamente iluminado e limpo. As paredes tornaram-se vermelhas e pudemos ver símbolos desenhados nelas. No chão, um círculo formou-se parecendo aguardar por alguém... Tanto os homens como eu, boquiabertos, não conseguíamos sair do lugar.

De repente o outro operário que estava desorientado, tirou de dentro de uma caixa de madeira um livro velho e sujo.

— Não mexa em nada, deixa isso aí! Grita o engenheiro desesperado. De nada adiantou, pois ao tocar no livro o homem desfigurou-se por completo e seus cabelos cresceram até a altura dos ombros. Num piscar de olhos, o rapaz estava vestido com uma túnica preta.

Ele caminhou lentamente até onde estavam os objetos e ficou bem no meio deles, como se estivesse em um altar. Já o livro em suas mãos tornara-se novo. Era negro e com letras douradas: Book Of Shadows.

A sala aguardava algum tipo de ritual. O pobre operário desfigurado também...

Começaram-se as badaladas do sino da igreja que estava acima de nossas cabeças. Era o sinal que faltava para iniciar-se o ritual.

O jovem operário se virou em nossa direção e com olhos hipnotizados, abriu o livro e começou a pronunciar palavras em Inglês.

As luzes da sala começaram a piscar e vultos passaram por nós e foram se aproximando do círculo. Dentro deste, eles assumiram formas humanas. Eram três homens e duas mulheres, todos de branco. Quando eles viraram seus rostos para nós, o historiador não aguentou e caiu desfalecido ao chão; tivera um ataque.

O ritual estava parado e notamos que ainda faltava algo ou alguém. O operário que agora era um deles e conduzia a cerimônia fez um sinal com o bastão em minha direção.

Descobri que eu deveria participar. Não sei como não desmaiei quando meus pés começaram a mover-se em direção do círculo. O arqueólogo e o engenheiro seguravam meus braços, mas o que me puxava tinha uma força sobrenatural. Quando dei por mim, estava junto deles. Com calafrios e tonteando cerrei meus olhos para não ver os rostos das aparições. Com muita calma e suavidade, eles me deram as mãos e ficamos em círculo, que agora estava completo em número de homens e mulheres.

Começou a ventar fortemente vindo do túnel e o quarto não aguentou a violenta vibração vindo a desmoronar. As criaturas permaneciam em círculo.

Vigas, areia e tijolos despencavam. O arqueólogo tentou correr para o túnel, mas este desmoronou e ele ficou soterrado. O engenheiro me puxou, desfazendo assim o círculo. Na correria caí ao chão e antes de desfalecer, ouvi bem de longe o chefe gritar meu nome, via tudo sendo sucumbido e me apaguei...

•••

— Nossa tive o mesmo pesadelo outra vez e estou gelada!

A estudante caminhou pela casa em busca de sua mãe. Como estava sozinha tentou distrair-se com a TV.

— Há o jornal, quais serão as novidades?

A moça, estupefata, deixou a gazeta cair ao chão!

A manchete anunciava a misteriosa morte de seis pessoas que ficaram soterradas no porão da capelinha dos ingleses. A polícia, no entanto, não encontrou mais nada no local.

Miriam Santiago: jornalista e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, com predileção pelo fantástico. Escreve contos, minicontos, crônicas, artigos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/>
Contato: miriammorganuns@hotmail.com.

A MAGIA DO AÇO

POR CLÓVIS REZENDE



Conto

Numa época distante, em um período em que a sobrevivência era imposta através da violência, uma antiga lenda permeava as rodas de conversa em volta de fogueiras, nas noites frias do vilarejo de Lurantel. Localizado entre montanhas altas e imponentes, o vilarejo que ficava distante de todos os reinos, abrigava em sua maioria simples camponeses, mas todas as histórias da região contavam sobre um tempo de batalhas, e que nesse local havia surgido o maior de todos os guerreiros. Sua espada era imbatível, sua destreza parecia sobre-humana, todos os homens o temiam, e aqueles que o desafiavam, experimentavam a mais amarga das derrotas. Apenas um dos moradores do vilarejo conheceu o guerreiro pessoalmente. Hoje ele é o ancião e passa os dias dando conselhos aos mais novos, e todas as noites lhe pedem para falar sobre o lendário guerreiro e seus feitos. E uma vez mais o velho homem, com rugas profundas em seu rosto, senta ao lado da fogueira e começa a contar as narrativas das épocas das batalhas:

"Naquele período, em que o homem ainda buscava entender o mundo e suas forças, as espadas eram a lei, quem conhecia os segredos de suas lâminas, facilmente dominava os demais. A violência era constante e crescente em todo lugar, um grupo de saqueadores seguia de vila em vila, de cidade em cidade, pilhando, estuprando, matando, e fazendo o que desejavam, os homens que se erguiam para tentar rebatê-los, eram facilmente açoitados e destruídos. Seguiam como um bando de gafanhotos vorazes,

deixando um rastro de destruição por onde passavam. Observando tudo isso, e sentindo impotência diante de tanta brutalidade, um homem sábio começou a instruir seu único filho na arte do manuseio de espadas, ninguém sabia mas esse homem foi mercenário por longos anos viajando pelo mundo sempre tirando vidas por ouro e outras riquezas, até que um dia conheceu uma bela moça por quem se apaixonou perdidamente e decidiu largar a velha vida e constituir família, ele buscou o lugar mais afastado que conhecia para sua nova vida com sua esposa, ele arava a terra todos os dias, e sentia muita felicidade por ter uma vida simples e sem violência. Ele teve uma vida feliz e plena ao lado de sua esposa, mas ela faleceu ao dar a luz ao seu único filho, a vida seguiu e o ex-mercenário criou seu filho ensinando-o valores de honra e caráter. Todos viviam em paz, como sua terra era muito distante, o Rei havia desistido de lhes cobrar impostos, pois gastava mais com a viagem para cobrança, do que conseguiria vendendo milho e outros grãos com o qual era pago. Pelo menos era assim até esse bando começar a causar problemas para todos. O ex-mercenário ensinou ao seu filho, tudo que podia em termos de combate com espadas, o menino que tinha um talento nato para aprender, talvez pelo sangue paterno em suas veias, estava cada dia melhor e mais ágil.

— O maior segredo de uma batalha será sempre o seu preparo, sua determinação e sua perspicácia!

— repetia o pai dele inúmeras e inúmeras vezes, em seus treinamentos.

Os bandidos continuavam aterrorizando toda a região e a julgar pelo tempo que havia passado, desde a última vez que eles estiveram no vilarejo, eles provavelmente atacariam logo.

O sol se eleva acima dos picos montanhosos que circundam a região, e mais uma vez pai e filho retomam seus treinamentos, utilizando as espadas feitas de madeira. Olhando para os movimentos precisos de seu filho, vendo seus movimentos amplos e golpes perfeitos, e principalmente percebendo a determinação em seu jovem olhar, o ex-mercenário toma uma decisão.

— Filho, você está pronto. Venha comigo, tenho um presente para você! — disse o pai enquanto indicava a direção.

Pai e filho caminharam até uma pequena cabana, que ficava afastada das casas principais, ali eram guardadas as ferramentas e equipamentos para arar a terra. O ex-mercenário caminhou até o fundo da cabana, e abaixando-se, retirou algumas ferramentas e madeiras velhas que estavam em sua frente, levantando um fundo falso ele enfia seu braço e retira um embrulhado de couro.

— O que é isso pai? — pergunta o jovem impaciente.

— Calma garoto, você já vai saber! — fala o pai calmamente.

Desembrulhando lentamente o pacote, como se tudo fosse um ritual, o ex-mercenário desenrola o embrulho.

O jovem guerreiro fica com os olhos totalmente arregalados, atizado por sua curiosidade. Seu pai solta as últimas amarras e deixa o couro carcomido pelo tempo cair no chão enquanto segura uma espada cintilante que estava protegida pelo embrulho.

O jovem guerreiro tem a impressão de que o tempo ficou mais lento, que o embrulho de couro caiu lentamente, enquanto a luz que refletia na lâmina da espada tomava conta da cabana mal iluminada.

Era a coisa mais linda que o garoto já tinha visto em sua vida, seus olhos brilhavam enquanto fitava o metal brilhante.

— Essa é a espada da retaliação, foi minha por longos anos, e hoje eu passo ela para as suas mãos!

O jovem guerreiro aceita a espada com relutância e a segura em sua mão, observa o metal brilhante e aparenta incerteza quanto ao que seu pai decidiu.

— Muitos morreram em busca dessa espada, várias lendas foram contadas sobre ela, alguns dizem que ela tem propriedades mágicas, outros ainda que ela foi forjada pelos próprios Deuses! — conta com entonação na voz, demonstrando o valor da espada.

— Mas e são verdades, todas essas histórias? — pergunta o filho, em um tom baixo e respeitoso, admirando a lâmina reluzente enquanto sente a empunhadura firme do cabo da espada.

— A maioria delas não, geralmente as lendas tendem a ser exageradas, a única verdade que eu conheço sobre essa espada, é que ela atende ao manuseio de seu dono com precisão, nunca perdi uma batalha enquanto tive ela em minhas mãos! — disse o pai com certo orgulho.

— Mas por que o senhor não a pega, eu ainda estou aprendendo, e o senhor conhece os movimentos melhor que qualquer um! — fala o jovem guerreiro em uma tentativa de entregar a arma a seu verdadeiro dono.

Mas seu pai coloca a mão no seu ombro impedindo o movimento e diz:

— Eu não tenho mais a vitalidade necessária, notei que conforme eu envelhecia a espada ficava menos eficiente! — fala com tom pesaroso — Só então entendi que a lâmina precisa estar em completa sintonia com seu dono!

— Eu não compreendo! — disse o jovem, com dúvidas aparentes em sua expressão.

— Lembra que eu sempre lhe dizia que o maior segredo de uma batalha será sempre o seu preparo, sua determinação e sua perspicácia? — pergunta o pai levantando uma de suas sobrancelhas — Pois bem, a lâmina sente tudo isso, e se houver dúvidas em seu coração a espada não vai ter muita utilidade, ela é uma extensão de toda a sua determinação e vontade, eu já presenciei guerreiros usando espadas e escudos serem derrotados por pedras, entenda essa espada é única, mas se não for bem utilizada é apenas um pedaço de metal!

— Acho que começo a entender! — disse o jovem guerreiro, mostrando nova clareza em seu olhar e assumindo uma nova postura, sentindo a confiança da espada enquanto faz alguns leves movimentos.

— Mas como vou derrotar os bandidos que atacam o vilarejo? Sou apenas um, e eles são dezenas! — alertou o filho, em tom preocupado.

— Que bom que apesar de sua pouca idade você está a par de nossos problemas! — fala o pai com respeito em sua voz — Não precisa derrotar todos eles, use tudo que lhe ensinei, não tenha piedade deles, corte cabeças, ampute membros, corte as espadas deles com a sua!

— Mas ...

— Se ela é capaz? Sim, essa espada é capaz, ela tem um material resistente que corta as outras espadas com facilidade, ossos e tendões são como manteiga para ela, por

isso a chamam de espada da retaliação. Faça o que eu disse e lendas serão contadas sobre suas habilidades, e em breve poucos terão coragem de lhe desafiar, mas lembre de sempre manter a humildade em seu coração, a arrogância derrota os tolos. Muitos acreditam que a espada possui poderes mágicos, mas sempre foi a determinação de quem a segurava e a magia do aço! — explica o pai, antes que o filho perguntasse.

— O que é aço? — pergunta o jovem guerreiro, enquanto ainda admira a bela espada.

— É nome dado ao minério de ferro após ser forjado inúmeras vezes, mas somente os povos de longínquas terras conhecem seus segredos!

Alguns dias depois como imaginado o bando voltou ao vilarejo, mas desta vez encontraram um jovem guerreiro, que com uma espada que parecia responder aos seus comandos, repeliu facilmente todos os bandidos, os que conseguiram fugir contaram aos outros o que haviam presenciado, sempre exaltando as habilidades, a determinação e a brutalidade do jovem guerreiro, outros que ousaram retornar e desafiar o habilidoso guerreiro, nunca mais voltaram.

E assim o tempo passou e transcorreram inúmeras batalhas, sempre com o jovem guerreiro como vencedor, as lendas foram ficando cada vez mais poderosas, e de um tempo em diante ninguém mais ousava atacar a região do vilarejo de Lurantel. Com o passar dos anos ninguém sabe onde o jovem guerreiro foi parar, só o que sabem é que a espada da retaliação com sua magia foi o que ajudou a manter toda a região segura."

— Adoro suas histórias, sabe se todas elas são verdadeiras? — pergunta um jovem garoto ao ancião, enquanto coloca mais lenha na fogueira.

— Talvez meu jovem, talvez! — pondera o velho ancião — Talvez um dia descobriremos! — completa enquanto leva suas mãos em direção ao calor do fogo.

O jovem ouvinte da de ombros, enquanto o ancião discretamente sorri com o canto da boca, e encara uma velha cabana que fica afastada das demais onde escondido sob um fundo falso e envolta em um embrulho de couro, repousa a magia do aço.

Clóvis Rezende tem 39 anos, mora na cidade de Guarapuava, que fica no estado do Paraná, localizado na região sul do Brasil. Desde pequeno Clóvis foi fascinado por livros, contos, fábulas, histórias em quadrinhos, manuscritos, pergaminhos e todo tipo de material que o levasse para essas realidades fantásticas. De origem humilde, mas sempre buscando ter conhecimento sobre grandes obras, era natural que em dado momento de sua vida quisesse expressar um pouco de sua visão com uma obra de sua autoria.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.06.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura